



Roberta Antunes Chrysóstomo de Avillez

A ESTUDANTE BRASILEIRA EM PORTUGAL

Auto-identidade e Repercussão nos *Media On-line*

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo,
orientada pela Doutora Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha,
apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e
Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2015

Faculdade de Letras

A ESTUDANTE BRASILEIRA

EM PORTUGAL

Auto-identidade e Repercussão
nos Media On-line

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A ESTUDANTE BRASILEIRA EM PORTUGAL - AUTO-IDENTIDADE E REPERCUSSÃO NOS MEDIA ON-LINE
Autor/a	Roberta Antunes Chrysóstomo de Avillez
Orientador/a	Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha
Coorientador/a	-
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Comunicação
Especialidade/Ramo	Jornalismo/ Imigração e Género
Data	2015



HOMENAGEM PÓSTUMA

Aos meus avós, Nannie Ignácia Ribeiro de Avillez e Aury Valente de Avillez.
À minha tia Liane Antunes Chrysóstomo de Sousa.

AGRADECIMENTOS

*We were like dreamers... filled with
laughter and joyful shouts (Psalms
126:01-02)*

Graças dou por esta vida, pelo bem que revelou. Graças dou pelo futuro e por tudo que passou. (Canção de Ação de Graças)

Graças dou pela aprendizagem e pelas lições guiadas pelo *Pai*.

Graças dou à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Ferin Cunha, pelo seu imenso carinho e pela sua sabedoria com a qual me guiou na academia e no auto-conhecimento.

Graças dou aos meus pais, Denise Antunes Chrysóstomo de Avillez e Roberto Ribeiro de Avillez, por todo o amor de pais que se transformou em forte parceria. Graças dou aos meus irmãos, Bruno de Avillez e Ricardo de Avillez, e aos meus familiares pelo companheirismo nesta jornada.

Graças dou à Luma Dantas pela amizade, parceria e aprendizagem que cresce desde a graduação de Comunicação Social. Graças dou à Patrícia Esteves pela amizade, parceria, aprendizagem e oportunidade de troca cultural. Graças dou à Helena Grilo pela amizade e pelo companheirismo. Graças dou à Ana Paula Guedes pela amizade, parceria e constante aprendizagem que a vida nos aguarda. Graças dou à Fernanda Castilho pela amizade e parceria. Graças dou à Jamille Coelho Barbosa pela amizade e parceria em angústias académicas desde os tempos de Arquitetura e Urbanismo. Graças dou à Izabel Benetti pela amizade que se fortalece desde a infância e à Renata Oliveira de Souza pela amizade/irmã de infância. Graças dou ao Marcos Ferreira pela amizade e pelo companheirismo. Graças dou à Camilla e ao Adolfo Paiva, ao Rodrigo Diniz e ao Gregório Ventura pela amizade e parceria. Aos meus amigos e amigas de Portugal e do Brasil, sou-lhes imensamente grata.

Graças dou pelo apoio da Divisão de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra.

“Escuta então um sonho em troca de outro”
Sócrates, *Teeteto*.

RESUMO

A forma de *ser* de um imigrante no início da sua jornada no país de acolhimento é construída pelas experiências e relações vividas tanto na nação de origem quanto nos demais sítios visitados. O imigrante é um sujeito em contínuo processo de transmutação e resiliência. Esta investigação tem como objectivo perceber a formação da identidade das estudantes brasileiras, como imigrantes temporárias, em Portugal, e em Coimbra. O cenário de recorte apresenta a campanha de eleição académica da “Lista Reset à AAC”, no ano lectivo de 2013/2014, com os temas de xenofobia, sexismo, racismo e homofobia. Com isso, busca-se, também, perceber a repercussão da acção de campanha no meio *On-line* e a relação com a auto-identidade das estudantes brasileiras.

Para a construção social do imigrante e das teorias de imigração buscou-se teóricos como Stuart Hall (1980), Morley (2001), Vermeulen (2001), Portes (2004), Ferin (2012) e Santos (2013). Ao refletir no cenário dos meios de comunicação em Portugal e o perfil dos jovens brasileiros, foi necessário ir aos teóricos como Baudrillard (2011), Canclini (1995), Appadurai (1996), Deleuze & Guattari (2000), Orozco (2001), Ferin & Santos (2006), além de relatórios.

Para as entrevistas *on-line* foram recolhidas 14 respostas de diferentes idades. A partir destes dados pôde-se estabelecer a trajectória de vida, as características pessoais e características relativas a migração. A recolha de dados no buscador *Google* permitiu avaliar a sua repercussão da campanha da “Lista Reset à AAC” no meio *on-line*.

Palavras-chave: Imigração, Estudante Brasileira, Identidade, Género, Imigração Portugal.

ABSTRACT

The immigrant's *Self being* is constituted of its experiences and relationships gathered at the beginning of their journey living abroad from their home country. Thus any immigrant is subjected to continuous process of transmutation and resilience. This research emphasizes the construction of the Brazilian female student's identity as a temporary immigrant, living in Portugal and specifically in Coimbra. The research is framed in a student campaign, "Lista Reset à AAC", developed in the academic year of 2013/2014 with topics such as xenophobia, sexism, racism and homophobia. The research also attempts to evaluate the *On-line* campaign repercussion and its relation to the Brazilian student's self-identity.

Theoretical framework on immigrant social construction and immigrant theories were built upon authors such as Stuart Hall (1980), Morley (2001), Vermeulen (2001), Portes (2004), Ferin (2012) and Santos (2013). In order to understand the Portuguese media and young Brazilian profile it was used authors such as Baudrillard (2011), Canclini (1995), Appadurai (1996), Deleuze & Guattari (2000), Orozco (2001), Ferin & Santos (2006) and reports.

The 14 answers for the *On-line* interviews spanning different ages were used to establish life path, personal details and migrational path. Furthermore the *On-line* data from *Google* enable to evaluate the campaign repercussion.

Key-words: Immigration, Brazilian Student, Identity, Gender, Portugal Immigration.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

CAPÍTULO 02

Tabela 01: Actividades transfronteiriças de diferentes tipos de actores.....	32
Tabela 02: Tipos de transnacionalismo.....	33
Gráfico 01: Proporção da população residente, por situação do domicílio, Brasil, 1950/2010.....	43
Gráfico 02: Composição da população residente, por sexo e situação do domicílio, segundo os grupos de idade, Brasil, 2010.....	44
Gráfico 03: Composição da população de emigrantes internacionais, por sexo, segundo os grupos de idade na data de partida, Brasil, 2010.....	45
Gráfico 04: Composição da população emigrante internacional na data de partida, Brasil, 2010.....	46
Gráfico 05: Tendência a paridade por género em Portugal.....	47
Gráfico 06: Evolução da população estrangeira em Portugal.....	49
Tabela 03: Estrangeiros identificados.....	50

CAPÍTULO 03

Gráfico 07: Os valores dos jovens.....	72
Gráfico 08: Itens de posse para uso próprio.....	73
Gráfico 09: Composição da população residente urbana, por sexo, segundo os grupos de idade, Brasil, 1991/2010.....	74
Tabela 04: Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade (...) 2010.....	76
Tabela 05: Qual é o seu maior sonho?.....	77
Gráfico 10: O Brasil está mudando?.....	78
Gráfico 11: Você tem mais orgulho ou vergonha de ser brasileiro?.....	78
Gráfico 12: Jovens mais conectados com.....	79

CAPÍTULO 04

Gráfico 13: Evolução média anual do <i>share</i> global, 2002-2013.....	84
Gráfico 14: Tempo médio diário de emissão por género de programa em 2013 em minutos.....	85
Gráfico 15: Audiência por género de programa (%) no ano de 2013.....	86
Gráfico 16: Tiragem total em circulação de jornais nos principais títulos em 2013.....	87
Tabela 06: Circulação de jornais nos principais grupos de <i>media</i> no ano de 2013.....	89

CAPÍTULO 05

Figura 01: Campanha “Lista Reset à AAC” 2013/2014.....	105
Figura 02: Campanha “Lista Reset à AAC” 2013/2014.....	105
Figura 03: Campanha “Lista Reset à AAC” 2013/2014.....	105
Figura 04: colectiva de imprensa “Lista Reset à AAC”.....	106
Figura 05: colectiva de imprensa “Lista Reset à AAC”.....	106
Figura 06: colectiva de imprensa “Lista Reset à AAC”.....	106
Figura 07: colectiva de imprensa “Lista Reset à AAC”.....	106
Figura 08: colectiva de imprensa “Lista Reset à AAC”.....	106
Figura 09: colectiva de imprensa “Lista Reset à AAC”.....	106
Gráfico 17: Nº de estudantes/ano lectivo.....	107
Gráfico 18: Percentagem de aumento do nº de estudantes/ano lectivo.....	108
Tabela 07: Trajectória de vida/Caracterização Pessoal.....	110
Gráfico 19: Trajectória de vida/Caracterização Pessoal I.....	110
Tabela 08: Trajectória de vida/Caracterização Pessoal II.....	111
Tabela 09: Trajectória de vida/Caracterização Pessoal III.....	112
Tabela 10: Trajectória de vida/Caracterização Migracional.....	114
Gráfico 20: Relação de habitantes na cidade de Coimbra.....	119
Tabela 11: Total de 1ª Página/temas de busca.....	120
Tabela 12: Tema de busca: estudante brasileira Coimbra.....	121
Tabela 13: Tema de busca: estudante brasileira Portugal.....	122
Tabela 14: Tema de busca: estudante brasileira xenofobia.....	123
Tabela 15: Tema de busca: estudante brasileira Coimbra xenofobia.....	124

Tabela 16: Tema de busca: estudante brasileira Portugal xenofobia.....	125
Tabela 17: Tema de busca: estudante Portugal preconceito.....	126
Tabela 18: Tema de busca: estudante brasileira Coimbra preconceito.....	127
Tabela 19: Tema de busca: brasileira Coimbra xenofobia.....	128
Tabela 20: Tema de busca: estudante Portugal xenofobia.....	129
Tabela 21: Tema de busca: brasileira Portugal xenofobia.....	130
Tabela 22: Tema de busca: estudante brasileira Portugal preconceito.....	131

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. A Construção Social do Imigrante.....	15
1.1 A importância dos Estudos Culturais.....	16
1.2 O imigrante como indivíduo e na coletividade.....	18
1.2.1 Da identidade à etnicidade.....	18
1.3 A representação social.....	20
1.3.1 A representação de fronteiras e limites.....	21
1.3.2 A representação de Mobilidade.....	23
1.3.2.1 A Diáspora.....	23
1.3.2.2 O Espaço Lusófono.....	25
2. Teorias da Migração e Fluxos Migratórios.....	27
2.1 Teorias de Migração.....	27
2.1.1 Teoria Assimilacionista.....	28
2.1.2 Teoria Integracionista.....	29
2.1.3 O Transnacionalismo.....	31
2.1.4 O processo de mobilidade e adaptação.....	34
2.2 Governo e Política.....	35
2.2.1 União Europeia.....	35
2.2.2 Portugal.....	36
2.2.3 Mercosul.....	39
2.2.4 Brasil.....	41
2.3 Fluxos Migratórios entre Brasil e Portugal.....	45
2.3.1 Fluxos Migratórios Brasil-Portugal.....	46
2.3.2 Fluxos Migratórios em Portugal.....	48
2.3.2.1 As categorias de Imigrantes.....	51
3. Entre brasileiros e brasileiras.....	54
3.1 A dualidade entre o círculo familiar e o Estado.....	55
3.1.1 A divindade brasileira e influência religiosa.....	59

3.1.2 O nascimento do “homem cordial” e a emancipação do “jeitinho brasileiro”.....	60
3.1.3 Entre a “casa” e a “rua”.....	65
3.2 O mito da mulher brasileira.....	66
3.2.1 Entre género, sexo e as descobertas sexuais.....	66
3.2.2 O passado brasileiro que se faz presente.....	68
3.2.3 Da mesa à cama.....	69
3.3 Os jovens brasileiro.....	71
4. Os <i>Media</i> e a Imigração Brasileira Feminina em Portugal.....	80
4.1 Os <i>Media</i> e o cenário de Portugal.....	82
4.2 Casos da imigração brasileira feminina nos Meios de Comunicação Portugueses.....	89
4.2.1 Um retrato parcial das famílias de imigrantes brasileiros em Portugal.....	89
4.2.2 A representação da imigração brasileira feminina nos <i>Media</i> em Portugal.....	91
5. Reflexão metodológica e interpretação do corpus.....	96
5.1 A Comunicação no espaço <i>Online</i>	96
5.2 Reflexões metodológicas e suas implicações.....	103
5.2.1 Os critérios de seleção e o <i>corpus</i> de análise.....	92
5.3 Tratamento e categorização.....	109
5.3.1 Análise das entrevistas <i>On-line</i>	112
5.3.2 Repercussão nos <i>Media On-line</i>	124
Considerações finais.....	133
Referência Bibliográfica.....	137

INTRODUÇÃO

Para trabalhar nesta investigação, foi preciso despojar dos pré-conceitos e preconceitos. Foi preciso vestir as roupas de investigadora. Aos olhos foram dados novos óculos que pudessem ajustar-se ao que se percebia – um olhar assentado numa terra em que não era propriamente a sua de nascimento.

A forma de *ser* de um imigrante no início da sua jornada no país de acolhimento é construída pelas experiências e relações vividas tanto na nação de origem quanto nos demais sítios visitados. Ao migrar, este sujeito entrar-se-á em conflito consigo mesmo tantas vezes quantas for necessário para que o seu *ser* entre em conformidade com os códigos, os ritos e a cultura daquele país que o acolheu. Ser imigrante é *estar* em constante transmutação de si. É ter o seu corpo e as suas supostas verdades quebradas e postas à prova inúmeras vezes até chegar numa essência homogénea. Será esta essência que reconstituirá a identidade do imigrante, acrescida da assimilação em diferentes graus, acrescida daquilo que extrapola os limites das fronteiras a compor um sujeito transnacional e da clareza daquilo que o distingue como imigrante na sua unicidade, visto que as sensações e os sentimentos ao longo dessa jornada deixam impressões particulares em cada um que se encontra nesta condição. O imigrante é um sujeito em contínuo processo de transmutação e resiliência.

Esta investigação tem como objectivo perceber a formação da identidade das estudantes brasileiras em Portugal e em Coimbra, e a sua repercussão por meio da mídia *on-line*. Actualmente a Universidade de Coimbra apresenta uma frequência escolar de 25.434 estudantes, em que 3.755 são estudantes internacionais, 2.313 são advindos de países de Língua Portuguesa e 764 são estudantes brasileiros. Como objectivos secundários, busca-se a percepção que as estudantes brasileiras têm de si mesmas e a repercussão geral do tema no espaço *on-line*.

O primeiro capítulo, *A Construção Social do Imigrante*, busca refletir sobre a subjetividade inerente no sujeito que migra, pois percebe-se na posição de por em

prova suas concepções sobre o que é a *verdade*. A importância da consolidação dos Estudos Culturais firma a existência de uma área que agrega os estudos de representação social e a construção da identidade individual, étnica e de grupo. Com isso, pode-se associar à representação de mobilidade e aos seus impactos tanto nos padrões dos *mídia* e de consumo, quanto na representação de fronteiras e limites.

O segundo capítulo, *Teorias da Migração e Fluxos Migratórios*, busca fazer um enquadramento teórico sobre os conceitos relativos à imigração. É importante ressaltar que os conceitos aqui apresentados, ao longo do tempo, transformaram-se, adaptaram-se e ajustaram-se aos contextos sociais atuais¹ sem que haja necessariamente um fim em si. Após a conceituação da imigração, propõe-se abordar três componentes do processo migratório e o seu cotidiano: os processos de adoção de costumes por um imigrante, as motivações para que alguns grupos adotem ou não costumes; e as distinções dos grupos que constituem as posições de minorias e posições étnico-culturais.

O capítulo 03, *Entre brasileiros e brasileiras*, explora os códigos e ritos para a construção de uma identidade brasileira comum. Ao se aprofundar certas expressões típicas percebe-se uma relação entre o círculo familiar e o Estado que reverberará em muitas esferas dentro do país. A influência religiosa no Brasil e a representação da vida quotidiana dividem o país entre dois “mundos”. Deste encontro e do “casamento” nascerá o homem cordial, com o seu jeitinho brasileiro expresso nas relações do círculo familiar – “casa” – e Estado – “Rua”. Entre as questões de gêneros, o mito da mulher brasileira, “fruto proibido”, alimento e comida passível de ser manipulado pelas mãos do homem. As sutilezas presentes no tratamento de questões relativas ao gênero desvelam um Brasil fluido e rápido em atribuir novas conotações. Ao passo que também revelam o sexismo velado na fluidez da sua cultura. Com base nesse cenário, elabora-se um perfil geral do jovem brasileiro e do jovem adulto, aquele que buscará a condição de emigrante para melhoria de qualidade de vida e novas oportunidades de trabalho.

O capítulo 04, *Os Mídia e a imigração brasileira feminina em Portugal*, apresenta os “mundos imaginários” de Appadurai (1996) associados a narratividade multicultural do espaço midiático. A construção e a percepção do cenário dos *mídia*

¹ “A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida” (Buarque de Holanda, S., *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1994)

em Portugal, tanto no meio televisivo, com um aumento de 1.217% de visualização diária, quanto no impresso em que o Jornal de Notícias apresenta a maior tiragem média no valor de 674.602,02 (Cardoso, 2013). Em seguida, nota-se que a transição do meio impresso para o meio *on-line* se faz lentamente. Em relação às questões de género, percebe-se que o meio televisivo se volta mais para um perfil feminino, enquanto o meio impresso focaliza-se num perfil masculino.

A outra parte do capítulo 04 destina-se a fazer um retrato parcial das famílias de imigrantes brasileiros em Portugal. Busca-se perceber os indicadores que impulsionaram as famílias a migrarem, o capital económico, social e cultural dessas famílias. Assim como o processo de adaptação na nação acolhedora. Com atenção especial à representação da imigrante brasileira feminina nos *media* portuguesas com o intuito de desvelar os critérios de representatividade usados para elaborar uma concepção geral de quem elas são.

Por fim, o capítulo 05, *Reflexão Metodológica e Interpretação do Corpus*, introduz um debate sobre a comunicação no espaço *on-line* e da rede e na sua adaptação às necessidades da Comunicação Social. A análise dos dados pode ser dividida entre o formulário *on-line* e a coleta de dados *on-line*. A tabulação das respostas apresentadas no formulário permitiram subdividir em três momentos de trajetória de vida/caracterização pessoal, um momento de trajetória de vida/caracterização migracional e as respostas qualitativas relativas às adaptações em Portugal, em Coimbra e na condição de estudante.

01

O *grande homem* fará uso da arte¹ como ferramenta para se apresentar, se representar e se identificar. Na *inexatidão do olhar* do outro, ele (é e) será percebido. O contexto de subjetividade apresentado por meio da Alegoria da Caverna clarifica num novo significado este homem liberto das correntes.

Ao passar por um processo de *inexatidão do olhar* que se acostuma à claridade e ao brilho, o homem reconhece nas imagens projetadas, as interpretações derivadas da subjetividade. A verdadeira “interpretação correta” encontra-se no constante velar e desvelar de conceitos que qualificam e compõem esse *grande homem*.

Que se tome aqui as palavras de Nietzsche ao dizer “[m]iramos o drama e penetramos com o olhar perfurante em seu movimentado mundo interno dos motivos (...) [C]laríssima nitidez da imagem não nos bastava: pois esta parecia tanto revelar algo como encobri-lo” (Nietzsche, 2012:137). A subjetividade interpenetra-se, o *grande homem* reconstrói-se através de conceitos que se apresentam fazendo uso de imagens e da arte como técnica e como instrumento dessa busca por si. Esse *grande homem* será apresentado aqui e representado, por vezes, pelo imigrante em constante transmutação aos olhos da alteridade e de si mesmo.

O jogo de espelhos entre Portugal e a União Europeia reflete-se novamente na relação entre Portugal e sua ex-colônia, Brasil. Ambos em busca de consolidar as suas identidades como nações e as suas representações frente aos demais países, acabam por se perceberem em meio a uma fluidez resultante da globalização.

O espaço lusófono que permeia e os conecta acaba por tornar esta diáspora um sítio de conexão e semelhança. A união dos pólos lusófonos torna-os mais fortes e distingue-os das demais diásporas que se ressaltam pela diferença.

¹ Arte percebida como técnica (tekne).

1.1. A importância dos Estudos Culturais

Ao debater o surgimento e a consolidação da secção de Estudos Culturais, Stuart Hall incentiva uma discussão sobre o próprio conceito de cultura. A industrialização do mercado, o crescimento da classe de trabalhadores² e a democratização da sociedade constroem um panorama em que cultura e sociedade se encontram numa união tal que permite uma leitura prática da soma de padrões (Hall, 1980) e experiências comuns refletidas na sociedade. As qualidades somadas e constituintes do conceito não dizem respeito a uma perfeição, mas ao que se tornou regular, democratizado (Hall, 1980) e posteriormente industrializado e massificado. Portanto, a definição do conceito de cultura é estabelecida a partir do momento que estas qualidades se encontram em interação.

Entende-se por cultura todos os modos de vida contidos numa sociedade ou em grupos membros de uma sociedade³. Indivíduos e sociedade partilham elementos apresentados em aspectos tangíveis, capazes de serem representados em conteúdo (objectos, símbolos e/ou tecnologia), e aspectos intangíveis (crenças, ideias, valores) (Giddens, 2001).

A cultura é uma parte não inata do processo de socialização de um indivíduo. Portanto, é pela aprendizagem que se relaciona a cultura aos valores e às normas. Giddens (2001) apresenta o conceito de valor como “[a]s ideias que definem o que é importante, útil ou desejável (...) [e]ssas ideias abstratas (...) atribuem significado e orientam os seres humanos na sua interacção com o mundo social” (Giddens, 2001:22). As normas apresentam-se em contraste aos valores, pois refletem como regra comportamental as ideias que não mais se encontram abstratas porque foram incorporadas de forma rija (Giddens, 2001). No âmbito da socialização, aprender o modo de vida das pessoas constitui um grande canal de propagação e difusão cultural (Giddens, 2001). Entretanto, essa propagação não é feita de forma passiva e sim em troca constante e ativa, em que se codifica e se decodifica (Hall, 1980).

A quebra do paradigma da cultura realiza-se na sua dupla vertente estrutural e ideológica, complementares entre si e apresentadas pelo antropólogo estruturalista Levi-Strauss e Althusser (Hall, 1980). Stuart Hall (1980) divide entre três

² Tradução livre: “*working class*”.

³ “Uma sociedade é um sistema de inter-relações que envolve os indivíduos colectivamente”. (Giddens, 2001:22)

classificações a forma de Levi-Strauss elaborar o conceito de cultura. Primeiro, categoriza e enquadra o pensamento e a linguagem em que as sociedades se consolidam – o *ser* em relação à natureza; depois identifica a produção e a transformação de sentido, o que é capaz de atribuir significado às práticas; por fim, Levi-Strauss concentrou-se apenas nas inter-relações possuidoras de significado (Hall, 1980).

Em concomitância, Althusser introduz o outro paradigma da cultura por meio da ideologia. Althusser flexionará o conceito de cultura e de sua representação ao fazer com que homens e mulheres interajam entre si dentro de um relacionamento imaginário e em condições reais de existência (Hall, 1980). As estruturas, antes desenvolvidas por Levi-Strauss, surgem como um guião em forma de malha, para que Althusser possa categorizar o inconsciente de acordo com as condições representadas (Hall, 1980). A vertente *ideologia* abrange o âmbito da experiência e o efeito produzido que Hall (1980) descreve por relação imaginária:

[...] um sistema de 'representação', mas na maioria dos casos essas representações não possuem relação com a 'consciência'... acima de tudo são estruturas impostas à maioria dos homens e não por meio das suas 'consciência'... é dentro deste inconsciente ideológico que o homem se encontra bem sucedido em alterar a 'vida' relacional entre ele e com o mundo adquirindo uma nova e específica forma chamada 'consciência'⁴. (For Mars, p.233) (Hall, 1980: 66; tradução livre)

O facto da ideologia não permitir aceder directamente à consciência em si, mas sim levar estruturas impostas aos homens, faz com que se adentre um inconsciente ideológico. Dentro desse inconsciente ideológico de estruturas pré-moldadas, o homem continuará a viver e desenvolver relacionamentos sociais. Viver num sistema relacional (*A* em relação a *B*) é, também, viver num sistema de representação, pois ao relacionar-se *A* elabora sempre uma representação de *B*.

⁴"Ideology is indeed a system of 'representation', but in the majority of cases these representations have nothing to do with 'consciousness':... it is above all as structures that they impose on the vast majority of men, not via their 'consciousness'... it is within this ideological unconsciousness that men succeed in altering the 'lived' relation between them and the world and acquiring that new form of specific unconsciousness called 'consciousness' (For Mars, p.233) (Hall, 1980: 66)

1.2. O Imigrante como indivíduo e em configuração de grupo

1.2.2 Da identidade à etnicidade

As interações sociais acrescidas dos contextos culturais em que os indivíduos se encontram constroem aos poucos as identidades. Como cada um percebe a si mesmo em relação às outras fontes de sentido, aquilo que lhe é importante é o que constitui esse conceito (Giddens, 2001).

A identidade social e a identidade pessoal mantem uma relação íntima e estreita. Por identidade social entende-se as características atribuídas pelo Outro, e que lhe servem como marcadores do Outro como *ser* – Ana é mãe, publicitária, divorciada etc. A existência de múltiplas identidades sociais coloca o indivíduo em relação aos diversos atributos usados como marcadores sociais em diferentes momentos do processo de socialização, ao implicar numa dimensão colectiva (Giddens, 2001).

Entretanto, em meio a pluralidade de identidades sociais existe aquela que se distingue por ser a principal e que se assemelha aos outros indivíduos. A esta será chamada de identidade partilhada. Se o social aproxima os indivíduos pela verossemelhança, a identidade pessoal distingui-os-á enfatizando-lhes a qualidade de cada um dos indivíduos (Giddens, 2001). Portanto,

[e]ste tipo de identidade diz respeito ao processo de desenvolvimento pessoal através do qual formulamos uma noção intrínseca de nós próprios e do relacionamento com o mundo à nossa volta. A noção de identidade pessoal deriva em grande medida da obra dos interacionistas simbólicos. A negociação constante do indivíduo com o que o rodeia ajuda a criar e a moldar a sua noção de identidade. O processo de interação entre o eu e a sociedade contribui para ligar o mundo pessoal e o mundo público. Embora o contexto cultural e social seja um factor que dá forma à identidade pessoal, a agência e a escolha individual são de importância central. (Giddens, 2001:30)

A diversidade social pode ser desmembrada em diferentes âmbitos, como genética, cultura, valores e normas. Entre o final do século XVIII e o início do século XIX emergiram diversas “teorias científicas”, sem embasamento real, que associavam o conceito de raça a qualidades hereditárias⁵. O que se tira das

⁵ Foi o Conde Josheph Arthur de Gobineu (1816-1882) quem propôs a existência da raça caucasiana, negróide e mongolóide (Giddens, 2001).

distinções raciais é a reprodução de padrões de poder e desigualdade presentes na sociedade (Giddens, 2001).

Por outro lado, a etnicidade apresenta-se como um conceito de embasamento sólido, pois firma-se em práticas culturais e na forma como uma determinada comunidade se distingue no mundo. Portanto, uma comunidade étnica apresenta uma percepção específica e distinta de si em relação ao Outro – também o Outro assim a percebe (Giddens, 2001). Estas especificidades e diferenças são aprendidas, portanto são um fenómeno essencialmente social.

A identidade étnica surge quando um grupo se considera a si próprio como diferente porque é diferente (Vermeulen, H; 2001). Ou seja, distingue-se pela “convicção de que possui uma ascendência, uma história e uma herança cultural comum” (Vermeulen, 2001: 24). A formação do grupo faz-se por níveis. No princípio, quando o imigrante se encontra em estadia temporária, a relação entre os sujeitos e a nação de acolhimento faz-se por oposição – “nós *versus* eles”. À medida que a estadia se torna definitiva, a socialização altera-se e, não mais é percebida como oposição (Vermeulen, 2001).

O conceito acima está contido na definição de identidade social. Esta pode ser apresentada a partir de um espectro plural de um sujeito – etnicidade, sexo, classe, religião. A distinção pode ser percebida quando na redução de um significado ao coletivo (Cuche, 2002) como em “os brasileiros são...” ou “as brasileiras são...”; o que poderá levar ao estereótipo.

Enquanto os preconceitos são opiniões ou atitudes partilhadas por membros de um grupo sobre outrem, os estereótipos são aplicados aos grupos étnicos e às minorias com tendência ao extremo de certas percepções. Portanto, atuam como um mecanismo de deslocação pelo não-pertencimento. Muitas vezes as ideias preconceituosas advêm de rumores e são resistentes à mudança. O resultado obtido é que “[o]s estereótipos tornam-se parte integrante das percepções culturais e são difíceis de eliminar, (...) são uma clara distorção da realidade” (Giddens, 2001:252).

A comparação pela negação atua de forma pejorativa, uma vez que surge quando o grupo dominante reforça estigmas imputados aos grupos subordinados dentro da sociedade. Todo o sujeito por si mesmo efetua, em algum grau, uma comparação entre si e o grupo pertencente. A importância de se fazer este processo relacional dá-se na construção da auto-imagem e da imagem da alteridade ou como

o sujeito acredita que o Outro o percebe (Vermeulen, 2001). Portanto, é compreensível que uma auto-imagem negativa ou uma percepção do Outro negativa leve ao reforço de estigmas e posições referentes ao grupo dos subordinados dentro da nação anfitriã.

1.3. A representação social

Percebe-se a identidade e a representação social quando, em relação à alteridade, a concepção daquilo que se apresenta como *verdade* assume inúmeras disposições de acordo com o sujeito e o ângulo do discurso proferido.

Quando um homem é arrancado à força da sua caverna e obrigado a subir uma encosta rude e escarpada até a luz do Sol, os seus olhos são ofuscados inicialmente ofuscados pelo brilho. Aos poucos acostumam-se e passam a distinguir o seu entorno – constrói novas denominações da verdade. O olho, que antes se encontrava acostumado com a escuridão e as sombras projetadas pela luz do fogo, agora encontra-se dolorido pela claridade da luz do Sol. Os ecos dão vazão aos sons em espaços abertos. O homem que antes era acostumado em *ser* preso, agora é um liberto desorientado. Fez-se um outro e novo homem.

O movimento de velar, des-velar e re-velar induzem uma mutação no homem que saiu da caverna e após uma experiência que lhe alterou a verdade retornou à mesma caverna com outros olhos. Com isso, há um des-velamento da *própria presença em apresentar-se*. Uma possibilidade de um caminho *no* e *para* o pensamento de forma especulativa e também intuitiva. Assim como a claridade foi capaz de cegá-lo, a escuridão também o foi, entretanto após um período de adaptação os olhos estabilizaram-se.

A morada cavernosa pode ser entendida como tudo aquilo que se mostra ao homem moderno, porém é despercebido pelo mesmo, pois encontra-se velado, em sombra. O desvelamento da *Verdade* é reconhecido e representado a partir do desvelamento das próprias projeções das sombras.

Este desvelamento é percebido por aqueles que apresentam uma trajetória de migração, seja dentro ou fora da sua nação de origem. Aquilo que antes entendiam como verdade é continuamente desconstruído e reconstruído, velado e desvelado para que no momento da suposta adequação o imigrante possa conseguir dar uma representação da *sua* “*Verdade*”. O imigrante ao passar pelo

processo de adaptação reconstrói-se enquanto sua própria percepção sobre si e quem é o Outro. Assim como se reconstrói em termos de mobilidade social, ou seja, como um indivíduo em relação ao grupo em posições socioeconômicas (Giddens, 2001).

1.3.1 A representação de fronteiras e limites

De acordo com Arjun Appadurai, (Appadurai 2001 apud Morley, 2001), a representação da mobilidade também pode ser percebida em padrões midiáticos e de consumo. Num modelo tradicional de representação de limites e fronteiras, um lugar encontra-se correlacionado à cultura e aos conceitos básicos de etnicidade (Morley, 2001). Entretanto, a globalização há muito já rompeu este paradigma e introduziu um sistema fluido como regulador das representações fronteiriças e dos limites. Em resposta ao novo sistema vê-se, por um lado, que as fronteiras e os limites tornaram-se fluidos, ao passo que, por outro lado, tornaram-se rijos e segregacionistas como num efeito desestabilizador da globalização. Pois,

então, para apontar não só os efeitos desestabilizantes da globalização, mas também o processo simultâneo da “desterritorialização” que é percebido ao nosso redor, onde fronteiras e variados limites estão a ficar cada vez mais marcados ao invés de menos⁶. (Morley, 2001: 427; tradução livre)

Então, como as fronteiras e os limites são formados? *Quem* estipula essa geometria espaço-virtual para que haja um controle sobre a mobilidade? Ou talvez a palavra *controle* seja demasiado rija e *manutenção* possa entrar num léxico mais fluido e passível de perceber tanto a rigidez quanto a fluidez do poder que essa geometria espaço-virtual possui.

Morley (2001) relata o surgimento de uma “ansiedade cultural” devida a essa instabilidade. As diversas correntes migratórias, os *media*, e os demais processos da globalização iniciaram um quadro global de interação no âmbito cosmopolita (Morley, 2001). Como prática de manutenção das fronteiras a sociedade dominante apresenta os rituais de exclusão da alteridade (Morley,2001).

Os impulsos de ritual nem sempre levam à exclusão, entretanto têm a função de ajustar o Outro à sociedade dominante como se domesticado por ela. Em algumas situações os rituais podem ter origem em questões relacionadas ao desejo.

⁶ “so as to point not only to the destabilising effects of globalization, but also to the simultaneous process of ‘reterritorialization’ which we see around us, whereby borders and boundaries of various sorts are becoming more, rather than less, strongly marked” (Morley, 2001: 427).

Neste momento, dever-se-á considerar para além dos impulsos, a acção em si e os seus efeitos. Se uma sociedade dominante se caracteriza como homogênea, ao adentrar um sujeito imigrante este será considerado um “impuro”. A sociedade tornar-se-á heterogênea, pois foi “profanada” pelo estrangeiro “impuro” (Morley, 2001). Appadurai (1996) apresenta categorias de leitura e mobilidade que se relacionam com o fenómeno da americanização e com a percepção de *commodity*. O uso do termo *commodity* estabelece uma conexão monetária e de consumo homogeneizado com a cultura dominante. Isso implica que as demais culturas ao adentrarem o espaço geográfico dominante enfrentarão algum grau de barreira com relação aos fatores de penetrabilidade e de expansão da mesma. A cultura dominante homogeneizada tenderá a repelir o diferente. Outro espaço geográfico em que também se percebe a presença da cultura homogênea é em comunidades fechadas ou condomínios fechados que surgem em subúrbios norte-americanos ou em outros espaços específicos. Morley (2001) apresenta como exemplo o fenómeno ocidental presente nos subúrbios norte-americanos,

[a]qui nós confrontamos políticas de afastamento e separação, ambas na cidade, e com fluxo de grupos privilegiados para o subúrbio ou campo, como uma forma de escape do multiculturalismo burguês da vida em cidade⁷ (Morley, 2001:432; tradução livre)

Para que haja a noção de pertencimento de *lar*, Morley (2001) faz uso do simbolismo contido no termo *Heimat*. Originalmente alemão, *heimat* apresenta os espaços de pertencimento e as identidades agregadas aos espaços de acordo com o grau geográfico (local, nacional or transnacional). Quem dentro da nação faz dela o seu *lar* e quem como imigrante consegue também fazê-lo? A pergunta na negativa também pode ser exposta aqui. Quem em ambos os contextos não consegue fazer da nação em que se encontra o seu *lar*?

A micro-física da aprendizagem de pertencimento (Lofgren; 1995 apud Morley, 2001) associa práticas domésticas, rituais e de comunicação nacional para integração gradativa daquele que advém de fora. É interessante perceber que o imigrante legalizado às vezes causa mais receio à nação anfitriã do que o imigrante ilegal. Isto porque, a temporalidade do sujeito-turista difere daquele que imigra legalmente ou não. Assim como o imaginário fantasioso do sujeito que vive além das

⁷ [h]ere we confront the politics of withdrawal and separation, both within the city, and in the flight of privilege groups to the suburbs, or to the countryside, as a way to escape from the burgeoning multiculturalismo of city life” (Morley, 2001: 432).

fronteiras geográficas da nação possui um papel no tempo-espaço de influência. Morley (2001) apresenta no seu artigo *Belongings: Place, space and identity in a mediated world* a percepção de um imigrante já integrado na nação anfitriã, possivelmente por assimilação visto que imputa uma relação de segregação para com os demais imigrantes:

Lá fora, Auge marca que o Outro 'dos cartões postais e viagens de turista' (o Outro, como Auge coloca, 'é querido ao Sr. Le Pen') 'está em movimento e não pode mais ser posto em uma localidade específica', parece que talvez aos olhos daqueles que se debruçam sobre a ideia de terem 'sua' a terra e a 'sua' vila, o exemplo da imigração bem sucedida é mais amedrontador do que a imigração ilegal, o interessante 'neste' medo do imigrante é o facto dele próprio ser um emigrante⁸ (Auge, 1998:108-9 apud Morley, 2001:439)

Pode-se dizer que a busca por aceitação e interação social encontra-se associada, primeiro, à ordem da necessidade e, segundo, à ordem do desejo. Pois, é natural ao ser humano o anseio por interação social. No entanto, o desejo surge quando se desvela as formas de aceder às necessidades. A transição entre aquilo que é atribuído à necessidade e ao desejo é sutil, pois está sempre em movimento. Portanto, é o movimento relacional entre o sujeito possuidor dos seus anseios (necessidade ou desejo) em relação aquele à quem atribui a comparação.

1.3.2 A Representação da Mobilidade

1.3.2.1 A Diáspora

A percepção das fronteiras geográficas e a noção de uma nação soberana são dissipadas pela à fluidez que permeia as diversas nações. Uma relação de causa e efeito da globalização ao trazer para si os regionalismos e localismos de outras culturas. A necessidade de debater o multiculturalismo presente nos espaços exteriores à nação de origem aumenta. Esses sujeitos desprendidos da sua terra natal compartilham uma memória dela e o compromisso de preservá-la (Giddens, 2001). A identidade étnica traz consigo um sentido de solidariedade com os membros do próprio grupo que se encontram nas mesmas condições (Giddens, 2001). A diversidade e o consumo de bens culturais caminham par a par, assim

⁸ "Elsewhere Auge remarks that now the Other 'of postcards and tourist trips' (the Other, as Auge puts it, 'dear to Msr Le Pen') is on move and 'can no longer be assigned to a specific place` it seems perhaps that in the eyes of those who cling to the idea of having 'their' land and 'their' village, the example of successful immigration is perhaps more terrifying than that of illegal immigration, in so far as 'what's frightening in the immigrant is the fact that he (sic) is also an emigrant'". (Auge, 1998:108-9 apud Morley, 2001:439)

como a sua influência nas sociedades. O “sujeito imaginado” resulta de uma constante relação entre o real e o imaginado em que as fronteiras geográficas já dissipadas abrem espaço para as fronteiras simbólicas.

O “sujeito imaginado” de Stuart Hall representa aquele que, por meio da mobilidade, saiu da sua terra de origem, atravessou as fronteiras físicas da sua nação e constituiu a sua “casa” noutra país. Para isso, foi preciso recriar-se e acrescentar às identidades já existentes aquelas resultantes do processo de adaptação e de uma nova percepção de pertencimento à comunidade actual (Hall, 2003).

Eventualmente, este sujeito passará pelo que Stuart Hall (2003) chama de processo de exílio e retorno. O imigrante acaba por nutrir em si um desejo de retorno à terra natal (Giddens, 2001). Ao fazê-lo, terá dificuldade em reconectar-se à sociedade de origem; sentirá falta da nação de adopção e sentirá que a terra de origem se tornou irreconhecível. Portanto, “[s]entem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente” (Hall, 2003: 27).

É possível ver aqui uma semelhança entre o processo de desvelamento da verdade presente na Alegoria da Caverna e o processo de auto-desvelamento pelo que o imigrante passa. O imigrante clarifica a sua percepção sobre o que antes não conseguia ver e descobre-se como um “sujeito imaginado”. O processo pelo qual o “sujeito imaginado” passa, transmuta-o numa nova identidade, portanto a concepção de identidade encontra-se necessariamente relacionada à percepção de tempo e, com isso, à percepção de percurso histórico (Hall, 2003). Todo o movimento estabelecido ao longo do tempo traz um longo processo de mutação da tríade identidade-imagem-representação do “sujeito imaginado”.

Stuart Hall (2003), apresenta no seu livro *Da Diáspora* um conceito fechado e tradicional elaborado através da construção binária da diferença⁹. Com isso, é preciso que haja uma fronteira de exclusão relacional e dependente de um “Outro” com oposição rígida de dentro para fora. Ressalta-se que as fronteiras veladas acabam por funcionar como praças de passagem¹⁰. Se a globalização estabelece uma homogeneização da cultura global por meio do parâmetro da americanização, as praças de passagem estabelecem a proliferação subalterna da diferença (Hall,

⁹ O conceito de diáspora de Stuart Hall difere-se do conceito de Espaço Lusófono de Isabel Ferin no quesito diferença, pois o segundo apresenta em relação às semelhanças.

¹⁰ *Places de passage*.

2003). O paradoxo da globalização contemporânea encontra-se no *push/pull* entre a cultura homogênea e heterogênea (Hall, 2003).

1.3.2.2 O Espaço Lusófono

Na tentativa de perceber o espaço lusófono composto pelo sistema migratório dos povos falantes de língua portuguesa (Ferin, 2012), será preciso retornar ao Portugal Império e, mais adiante, explorar a imigração das suas colônias. A colonização portuguesa pode ser dividida em três grandes períodos históricos, a começar no século XV até o final do século XIX, o início do século XX e o final da Segunda Grande Guerra consolidam o segundo período, por fim, de 1950 até à Revolução de 25 de Abril de 1974, com o fim do Estado Novo português e a independência das colônias africanas. Ao longo deste estendido período, Portugal perdurou como o império ainda capaz de administrar colônias (Ferin, 2012). No total, constava do território do império português: Portugal Continental, as ilhas adjacentes no mar do Atlântico, o Brasil, parte do território africano e asiático. Apresentam-se as ex-colônias com os respectivos anos de independência: Brasil (1822), Angola (1975), Cabo Verde (1975), Guiné-Bissau (1974), São Tomé e Príncipe (1975), Moçambique (1975), Macau (1999) e Timor (1975).

A estratégia de ocupação nas colônias tem estreita relação com quem Portugal se identificava internamente. Se o país era tido como uma nação pobre, de poucos recursos demográficos (Ferin, 2012), fundamentalmente agrária, tradicional e de funcionamento nuclear-familiar (Santos, 2013); então, torna-se perceptível o uso das colônias para plantação comercial de exportação, assim como um sistema mundial de troca de bens e pessoas também com finalidade comercial (Ferin, 2012). Apesar da alcançada expansão territorial, a evolução financeira, ainda lenta, acabou por manter as relações sociais e comerciais em núcleos muito semelhantes às relações familiares, o que facilitou a manutenção dos laços como “família lusófona”.

A intimidade trocada nessas relações sociais e comerciais nucleares foi uma característica que distinguiu Portugal das demais nações possuidoras de colônias. Ao mesmo tempo, permitiu uma proximidade maior entre o colono, Próspero e português, e os seus colonizados Calibãs. Em especial, a colonização do século XV obteve uma atenção diferenciada para a consolidação linguística e da cultural (Ferin, 2012). A transferência da capital do Império para o território brasileiro fez com que

houvesse o investimento específico do império português para estabilização e manutenção da coroa em solo.

Caracterizado como um sistema pós-colonial de migração de países que compartilham uma cultura e língua comum, o espaço lusófono (Ferin, 2012) tem como base uma rede de conexão histórica, colonial e cultural acrescida de acordos bilaterais diversificados em áreas como justiça, educação, telecomunicações, segurança, *etc.* (Ferin, 2012). Percebe-se o espaço lusófono como virtual e passível de debate e troca, em que imigrante e *não*-imigrante podem *estar* no sítio assim como *estão* na sua própria terra natal (Ferin, 2012). Por meio dos *media* os falantes da língua lusófona podem sentir-se em casa em meio a um “espaço de cruzamento de fluxos globais e vivências locais” (Ferin, 2008: 15).

É importante ressaltar que os conceitos aqui apresentados, ao longo do tempo transformaram-se, adaptaram-se e ajustaram-se aos contextos sociais atuais¹. As forças que levam alguém a movimentar-se de seu país de origem para se estabelecer como imigrante podem decorrer da guerra, opressão política, ou melhores condições de vida proporcionadas pelo país de destino² (Giddens, 2001). Essas forças, também chamadas de factores macros, relacionam-se com o funcionamento do Estado e aos micro factores que dizem respeito aos próprios imigrantes e às suas culturas, relações sociais etc (Giddens, 2001).

O século XX presenciou inúmeras guerras, genocídios e crises financeiras que acabaram por desestabilizar diversos países quiza estabelecer uma crise mundial. O aumento do movimento migratório trouxe um estranhamento e fez com que se questionassem identidades sociais entre outros conceitos (Giddens, 2001).

2.1 Teorias da Migração

As interações sociais estabelecidas no quotidiano moldam, aos poucos, as percepções sociais entre as experiências no âmbito daquilo que é familiar e daquilo que é exótico. Por experiência “exótica”, entende-se todas aquelas que vão contra, em demasia ou não, às expectativas quotidianas de uma forma habitual de interacção social com o meio ambiente (Giddens, 2001). Em geral, o turista busca um certo grau de exotismo nas suas viagens. Entretanto, quando se extrapola o grau de tolerância, pode-se causar um certo estranhamento e até mesmo frustração. Por outro lado, tanto a sociedade anfitriã do turismo, como o turista em si são passíveis de um estranhamento se mantiverem os seus parâmetros de relação comparativa sempre a partir de si mesmos. A essa percepção do mundo, a partir de si, dá-se o

¹ “A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida” (Buarque De Holanda, S., *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1994)

² Tais forças são chamadas pelos cientistas sociais como “*push and pull*”.

nome de etnocentrismo (Giddens, 2001). Ou seja, aqui evita-se o relativismo social necessário para manutenção das interações sociais.

Enquanto um turista, apesar de estar num país de forma temporária, não constitui o *status* de um imigrante, ele já estabelece um tipo de relação com a alteridade. Portugal em associação com a União Europeia, atribui como um imigrante legalizado aquele que se encontra de forma permanente, circular ou temporária no país. Em cada um destes casos a relação “espaço-tempo” faz-se de forma diferente, porém semelhante e, por isso, será aprofundada neste capítulo.

2.1.1 Teoria Assimilacionista

Os cenários político-económicos do século XX em diante influenciaram um grande fluxo migratório³ de diversas etnias quer por urgência de guerra e segurança, ou por desejo de melhores condições de vida. Os Estados-nação receptores destes imigrantes vêm-se na urgência de elaborar programas de integração social o mais rápido possível à comunidade (Vermeulen, 2001).

Aquele que opta ou é forçado à migrar internacionalmente passará por um processo de adaptação, adopção e inserção social. Esse sujeito carrega consigo o *habitus*, os costumes do seu país e da sua cidade. A identidade que possui advém das relações sociais que desenvolveu ao longo da vida, o resultado das suas experiências de interação social. A percepção de que o imigrante é em potência a capacidade de resignificar-se, diz respeito, também, à necessidade de inserção na comunidade em que se encontra. O imigrante é um ser resiliente *por* necessidade.

Ao chegar ao país anfitrião, o imigrante encontra-se desprovido do seu espaço familiar. Por vezes na sua trajectória de mobilidade acaba por descender nos padrões económico-sociais da sua comunidade (Portes *et al.* 1999). Numa das teorias do processo de adaptação à sociedade tem-se a adopção por assimilação, o imigrante acaba por interagir socialmente com a cultura da maioria por meio da negação da sua própria cultura de origem. Assim, adota a cultura da nação anfitriã para que consiga a possibilidade de inserção e ascensão social (Vermeulen, 2001). Neste tipo de sociedade, percebe-se que a cultura da maioria assimilará em determinado grau a cultura da minoria, entretanto, há uma resistência da alteridade

³ O fluxo migratório aqui abordado é externo, entre Estados-nação.

ao que vem de fora, por ser o exótico (Vermeulen, 2001), o que acaba por interferir na cultura já estabelecida e homogénea.

1.4.2 Teoria Integracionista

Com o término da II Grande Guerra e o fim do colonialismo, o paradigma assimilacionista encontrava-se em crise. Grupos que antes eram considerados minorias passaram a ressignificar os seus processos de adaptação como os judeus e os negros (Vermeulen, 2001). O processo de integração⁴ pressupõe não ter por fim a total assimilação por parte do imigrante. Portanto, permite preservar uma certa especificidade da sua própria cultura que fará com que construa uma base-estrutural para si (Vermeulen, 2001).

O surgimento do conceito integracionista revela-se como uma vertente do próprio assimilacionismo. Dentro do processo de adaptação, pressupõe-se que a finalidade seja a preservação de uma certa especificidade⁵ referente à alteridade. Com isso, se faz uso de uma dimensão estrutural-familiar e uma dimensão (socio) cultural em que aborda o âmbito do micro e macro. Enquanto a primeira dimensão se apresenta como uma adaptação às interações e relações sociais directas no seu comportamento quotidiano, a segunda representa a integração sociocultural do indivíduo ao todo, ou seja, às instituições político-sociais (Vermeulen, 2001).

O processo de aculturação, por sua vez, é similar ao processo de assimilação. A cultura da maioria é adoptada pela minoria e considerada por esta superior e poder. As diferenças entre os dois encontram-se nos pormenores, pois “[o]s factores impeditivos da assimilação são procurados no carácter tradicional da cultura dos imigrantes” (Vermeulen, 2001:14).

De acordo com Vermeulen (2001), o conceito de etnicidade⁶ apresenta-se em meio a um cenário de maior complexidade. Giddens (2001) aponta como a noção de minoria étnica de grupos que se encontram em desvantagem em relação à maioria e apresentam um sentido de solidariedade quando em conjunto. Tal desvantagem

⁴ O processo de Integração é percebido por alguns autores como um estágio intermediário entre assimilação e pluralismo, outras vezes foi percebido como assimilação “disfarçada” ou até mesmo um sinónimo de pluralismo (Vermeulen, 2001).

⁵ Em alguns contextos o conceito de integração acabou por ser percebido como um assimilacionismo transvestido, entretanto em outros foi aceito como pluralismo (Vermeulen, 2001).

⁶ “[E]tnicidade’ significa ‘*sentiments which bind individuals into solidary groups on the same cultural basis*’ (Hechter, 1975:325 *apud* Vermeulen, 2001: 21)

pode ser quantitativa, de género ou de qualquer outro tipo que qualifique subordinação.

É preciso distinguir género de sexualidade para compreender a sua inserção nas categorias de minoria – “aprende-se a fazer género” (Giddens, 2001:108). A princípio, uma vertente sociológica faz uso do termo sexo para apontar as diferenças biológicas entre os indivíduos, enquanto género faz referência às noções socialmente construídas e aprendidas de masculinidade e feminilidade. A questão de género torna-se um tema de minoria quando continua a servir de base para a desigualdade social em que, principalmente as mulheres, compõem o principal grupo de minoria (Giddens, 2001).

Com relação à minoria étnica, ela assimilará até certo ponto a cultura da maioria. É preciso ressaltar que o oposto também ocorre. As relações étnicas que subsistem passam a ser absorvidas pela sociedade. Elas são re-significadas por meio de mudanças sociais tanto pela maioria quanto pela minoria (Vermeulen, 2001).

Vermeulen aponta duas abordagens para as relações étnicas. A abordagem adstritiva que “designa a atribuição social de posições ou papéis a um indivíduo devido a características independentes da sua acção (como a idade, o sexo, a “raça” ou a etnia), em contraste com os papéis ou posições que são adquiridos como resultado dos seus comportamentos ou méritos (*achievement* - ‘por aquisição’)” (Vermeulen, 2001: 18). Nesta abordagem, as relações étnicas são mantidas por meio de tradições culturais na medida em que estas também são preservadas. Aqui há pouco interesse na identidade étnica, pois entende-se que os membros do grupo étnico se percebem a si próprios como pertencentes a uma especificidade cultural (Vermeulen, 2001). Logo, por assimilação leva-se ao “desaparecimento” de uma identidade própria para que se possa ressaltar o grupo étnico no seu todo⁷. Em contrapartida apresenta-se a abordagem situacional, também chamada de abordagem circunstancial ou interaccionista.

O contacto em diferentes situações permite a troca de interações sociais e, com isso, o pressuposto de que as pessoas se percebem como “diferentes” entre si

⁷ Em seu livro *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*, Vermeulen (2001) explica a necessidade dos governos em abrirem concessões para a adopção do imigrante à cultura da maioria por meio da teoria adstritiva. Entretanto, de acordo com a teoria as concessões seriam temporárias, pois as relações étnicas estariam fadadas ao desaparecimento pelo modernismo.

(Vermeulen, 2001). Por isso, as circunstâncias em que as interações sociais acontecem são, em potência, uma outra forma de dinâmica da cultura.

2.1.3 O Transnacionalismo

Alejandro Portes (2004) apresenta o fenómeno do transnacionalismo a partir da perspectiva da adaptação dos imigrantes hispânicos nos Estados Unidos. Portes clarifica que ao inserir o conceito de transnacionalismo no contexto de vida do imigrante, como possuidor de um movimento de “baixo para cima”. Ou seja, iniciado por ‘gente comum’ – actores não-governamentais e não-empresariais da sociedade civil (Portes, 2004). Posto que a percepção desta vertente se centra “nas iniciativas de gente comum visando estabelecer laços duradouros para além das fronteiras nacionais, no plano económico e não só” (Portes, 2004:75). O imigrante transnacional possui a particularidade de não se adaptar por assimilação. Assim, a garantia do sucesso da sua adaptação à nação anfitriã garantir-se-á por preservar a cultura de sua nação original enquanto inclui à sua medida a outra cultura (Portes *et al.* 1999). Entretanto, há que fazer uma distinção entre os imigrantes transnacionais daqueles que não se enquadram no perfil. Estabelecer contacto periódico com a nação de origem, assim como fazer visitas de tempo em tempo são comportamentos comuns entre diversos imigrantes. Portes (2004:76) apresenta um quadro de divisão de actividades transfronteiriças de diferentes tipos de actores por categorias.

Portes (2004) revela que a parcela relativa ao transnacionalismo imigrante não designa a sua maioria, no entanto a sua atuação possui consequências de impacto macro-social (Portes, 2004: 77). Pois, constam de acções regulares produzidas por um determinado grupo de activistas e que, por sua vez, se conectam às actividades pontuais (e possivelmente independentes) dos demais imigrantes. Para além disso, é percebida a adesão às acções cívicas e políticas de indivíduos com maior nível de instrução e com firme estrutura familiar, em geral, pelo sexo masculino (Portes, 2004). A distinção entre as formas de acolhimento também pode ser percebida quando há discriminação generalizada vinda de fora. Esse comportamento fará com que o imigrante se volte para dentro da sua própria cultura e a comunidade de origem, constituindo assim uma vida segregada (Portes, 2004).

O setor económico em acordo com transnacionais de baixo nível de institucionalização indicam uma movimentação com o capital em torno,

Tabela 01 – Actividades transfronteiriças de diferentes tipos de actores Fonte: Portes, 2004:76			
Actividades/Área	Política	Económica	Sócio-cultural
Internacionais	Estabelecimento de embaixadas e organizações diplomáticas no estrangeiro por parte dos governos nacionais	Campanhas de exportação levadas a cabo por organizações agropecuárias e das pescas de países específicos	Programas para deslocação e intercâmbio organizados por universidades sediadas em países específicos
Multinacionais	Organizações pertencentes às Nações Unidas e outras, encarregadas da monitorização e da melhoria de áreas especializadas do viver global	Actividades de produção e comercialização de empresas globais com livros dependentes de múltiplos mercados nacionais	Escolas e missões patrocinadas em diversos países pela Igreja Católica e outras religiões de implantação global
Transnacionais	a) Associação não-governamentais criadas com o fim de monitorizar os direitos humanos escala global	a) Boicotes organizados em países do Primeiro Mundo por activistas de base para obrigar as multinacionais a melhorar as suas práticas laborais no Terceiro Mundo	a) Movimentos de solidariedade de base visando promover a protecção e a assistência a crianças das nações pobres
	b) Associação cívicas da terra natal, criadas pelos imigrantes com o fim de promover a melhoria das comunidades de origem	b) Empresas criadas por imigrantes visando a importação/ exportação de bens de ou para os seus países de origem	b) Concursos de beleza e seleção de grupos musicais ou de artistas nas comunidades de imigrantes, para actuar em festas anuais organizadas na terra natal

principalmente, de trocas informais e pequenos comércios (tabela 03). Ao fazer-se a mesma comparação com aqueles que possuem um alto nível de institucionalização, altera-se o perfil do imigrante transnacional e, em concomitante, aumenta-se o investimento de capital do mesmo (tabela 03).

Faz-se também uma distinção de perfis entre o setor político e os níveis de institucionalização alto e baixo (tabela 01). Enquanto o primeiro sujeito se apresenta como um imigrante transnacional engajado em questões cívicas, de associações, comitês, alianças e levantamento de verbas para eleições, o segundo perfil encontra-se engajado em acções consulares, representações nacionais, partidos políticos e demais ramificações governamentais (tabela 01). No âmbito sócio-cultural, ao nível baixo de institucionalização destinam-se músicos populares,

esportistas não-profissionais (tabela 01). Por sua vez, os que possuem um nível de institucionalização alto são classificados como expositores internacionais, artistas

Tabela 02 – Tipos de Transnacionalismo Fonte:Portes, 2014:222				
	Setor	Económico	Político	Sócio-cultural
Nível de Institucionalização	Baixo	<ul style="list-style-type: none"> - Comerciantes informais transnacionais - Pequenos empreendimentos criados por imigrantes retornados à terra natal - Migração laboral circula de longa distância 	<ul style="list-style-type: none"> - Comitês cívicos de imigrantes locais organizados nas cidades anfitriãs - Comitês de Imigrantes com engajamento político em aliança com a nação de origem - Arrecadação de fundos para candidatura eleitoral em nação de origem 	<ul style="list-style-type: none"> - Competições transnacionais amadoras de esporte - Grupo de música popular apresentando-se em centros de imigrantes - Padres e Pastores visitam e organizam suas comunidades no exterior
	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Investimento multinacional em Terceiro Mundo - Desenvolvimento para mercado de turismo em localizações estrangeiras - Agências de banco da nação de origem em centro de imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Escritórios Consulares e representativos de representação política e nacional - Concessão de dupla nacionalidade pela nação de origem - Governos - Imigrantes eleitos para legislação de nação de origem 	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição internacional de arte - Artistas nacionais de maior importância com perfuração externa ao país - Organização regular de eventos culturais pelas embaixadas estrangeiras

renomados, organizadores regulares de eventos da embaixada (Portes *et al.*, 1999).

O estabelecimento de uma rede de contactos é um fator necessário para que se faça acontecer o fenómeno do transnacionalismo (tabela 01). Em teoria, quanto mais distante for a nação de origem, menos denso será a rede de contactos pela dificuldade de acessá-los. Pois, uma distância maior envolve também um maior custo em traslado e maior empenho em manutenção regular do contacto (Portes *et al.* 1999). Em contrapartida, aqueles que advém de nações mais próximas em

termos de distância, possuem um percurso mais acessível à nação de origem e, também, a manutenção das redes de comunicação e contacto necessita de menos empenho e intensidade, quando comparada com o cenário daqueles que advém de países distantes (Portes *et al.* 1999). No entanto, o segundo caso apresenta condições mais propensas para o desenvolvimento de negócios entre fronteiras com carácter transnacional (tabela 02). Ressalta-se aqui a importância e influência dos meios de comunicação (tabela 02). Posto que a evolução dos mesmos fez com que encurtasse a distância, o que permitiu àqueles com domínio sobre os meios tecnológicos e de comunicação de engajarem com as suas redes de contactos com mais frequência e, também, com maior intensidade (Portes *et al.* 1999).

2.1.4 O processo de mobilidade e adaptação

O conceito de mobilidade desenvolvido por John Urry (Urry, 2007 apud Ferin, 2014) constitui uma evolução da globalização em que os deslocamentos em espaços físicos e mentais se encontram em sintonia com os dispositivos tecnológicos. Portanto, a primeira dimensão de mobilidade serão as viagens de turismo e a trabalho, assim como os deslocamentos para o interior das cidades, regiões, país ou até mesmo continente (Ferin, 2014). A segunda dimensão inclui os circuitos físicos de produção, armazenamento e distribuição (logística) e consumo dos objectos. A terceira dimensão diz respeito às “viagens imaginadas”, decorrentes dos *media* e da indústria cultural, em particular provocadas pela televisão (Ferin, 2014). A quarta dimensão passa a abordar a Internet e, com isso, ultrapassa as barreiras de espaço-tempo em aspectos positivos e negativos a partir de um clique. Por fim, a quinta dimensão explora a “mobilidade digital” e “teledensidade” provocada pelo uso de telemóveis, mp3 e outros dispositivos eletro-eletrónicos (Ferin, 2014).

A primeira dimensão de mobilidade diz respeito às migrações tanto internas, no país de origem, quanto externas, para o país de acolhimento. Já a segunda dimensão aborda a questão do trabalho e o facto do migrante estar a procura de melhores condições de vida. O consumo dos *media* permite ao migrante activar a sua imaginação para “*sonhar* no momento da partida e *acreditar* quando encontra dificuldades na chegada (Ferin, 2014: 76). A dimensão relativa à Internet permite que se navegue em copresença nas redes relacionais, acrescida da dimensão de

conexão ininterrupta, ou seja, contactar e ser contactado em qualquer momento (Ferin, 2014). O consumo dos *media* acrescido da navegação de Internet irá fundamentar parte das bases transnacionais actuais dos migrantes.

2.2 Governo e Política

2.2.1 União Europeia

Antes de adentrar naquilo que é referente a Portugal e ao Brasil, será abordada aqui, de forma panorâmica, a percepção cultural da União Europeia e do Mercosul. Ambos em perspectiva económica que, ao mesmo, tempo apresentam perspectivas culturais capazes de uni-los em grupos de distinção específica.

Numa rápida digressão histórica, ver-se-á o percurso de evolução da União Europeia. Em 1985, Portugal e Espanha são adicionados ao Conselho Europeu⁸, passando esta a ser chamada por “Europa dos 12⁹”. Em 1988, as nações reunidas alteram o seu estado para Comunidade Europeia (CE), acrescido de acordos políticos e de formas de cooperação. Em 1992, com o Tratado de Maastricht, haverá uma nova mudança com base política-económica que dará lugar a criação da União Europeia (Moragas, 1996).

O tratado constitui a elaboração de uma união dos povos europeus fundados inicialmente na Comunidade Europeia e as suas políticas de cooperação. Tem-se por objectivos a promoção do progresso económico e social equilibrado, sustentável, a criação de um espaço interno sem fronteiras e a unificação económica e monetária. Para além, a necessidade de reforçar a identidade Europeia, a ressaltar-se como uma resistência frente aos Estados Unidos e ao Japão¹⁰ (Morley, 2001). Em 1994, a União Europeia adiciona mais quatro nações, são elas: Austria, Finlândia, Suécia e Noruega (Moragas, 1996).

Em 1996, as políticas culturais estavam a ser regidas pela comunicação com o intuito de constituir uma cultura comum. A convergência das políticas culturais e de comunicação acrescidas da económica e tecnológica apontam um investimento no sector audiovisual de cinema e televisão (Morley, 2001). É preciso ressaltar que ser

⁸ A Comunidade Europeia é resultado da Segunda Grande Guerra, criada no ano de 1949.

⁹ Os países que passam a compor a “Europa dos 12” são: França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Itália, Luxemburgo, Dinamarca, Irlanda, Grã Bretanha, Grécia, Portugal e Espanha (Moragas, M., 1996)

¹⁰ Fonte: http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty_on_european_union/treaty_on_european_union_es.pdf

uma união implica a perda da influência do Estado-nação sobre a elaboração das políticas culturais e de comunicação, entre outras (Morley, 2001). Transferem-se os centros de competências para pólos estratégicos à União, o que leva a uma descentralização e perda de autonomia dos Estados-nações em si e até mesmo dos seus respectivos regionalismos. Com isso, estabelece-se um “caos descentralizado”. Em potência poderá levar a uma reivindicação das identidades como região, ou nação, ou à experimentação para algo além em aberto.

A União Europeia, por possuir múltiplas nações, contém múltiplas identidades no âmbito nacional, regional e local. Entretanto, tensiona como principal identidade e cultura aquela que é relativa à União, pois entende-se esta como passível de competição em termos industriais e mercadológicos (Morley, 2001). Hoje, o *Creative Europe*, programa de incentivo cultural e de criação da União Europeia, ainda se encontra com base no sector audiovisual. Entretanto, abrange outros sectores como a literatura, tem funcionamento transnacional e estabelece um cruzamento entre diversas etapas de produção assim como um cruzamento entre fronteiras¹¹.

2.2.2 Portugal

Para se falar sobre Portugal será preciso fazê-lo em relação à União Europeia e em relação às antigas colônias em que apresentar-se-ão os jogos de espelhos descritos por Boaventura de Santos em *Próspero e Caliban – colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade* (2003). Santos (2013) acaba por contextualizar, também, o estado de transmutação de Portugal ainda hoje ao referir-se por “nós¹², aqui, as transformações lá fora, quando na verdade as transformações não são mais que nós todos” (Santos, 2013:26).

A entrada de Portugal na “Europa dos 12” implicou também um confronto de realidades económicas. Um Estado-nação maioritariamente rural, que rompera com o Estado Novo em Abril de 1974, encontrara-se a relacionar com demais Estados, modernos, capitalistas e liberais. Apesar de Portugal hoje possuir um desenvolvimento económico intermediário, a sua posição acaba por também ser intermediária entre o centro e a periferia a depender de quem se faz a relação (Santos, 2003).

¹¹Fonte: <http://ec.europa.eu/programmes/creative-europe/>

¹² Por “nós” Boaventura faz referência à ele e os demais portugueses.

É por meio da hierarquia relacional que Santos (2003) apresenta o jogo de espelhos em que Portugal está inserido. Como *norma*, estabelece-se o Norte dominador/colonizador, e o Sul dominado/colonizado. A partir deste parâmetro, Santos (2003) percebe uma relação de Norte/dominador e Sul/dominado, em que a Inglaterra e o Império Britânico se posicionam como Próspero sobre Portugal, Caliban, subordinada.

Percebe-se que o Império Britânico se encontrava em equilíbrio de poder e identidade relacional de duplo dominador, pois em relação a Portugal era um “colonizador informal”, e em relação às suas próprias colônias era o real colonizador (Santos, 2003). Enquanto isso, Portugal desestabilizava-se por conta da sua auto-representação. A escrita da história colonial portuguesa era feita em inglês a partir dos representantes de Estado, que quando visitavam Portugal, relatavam em cartas e diários um certo “exotismo” presente no país, como se naquele momento as diferenças tivessem mais importância do que as semelhanças. Portanto, se o Império Britânico apresenta uma identidade relacional de duplo dominador, Portugal apresenta um problema de dupla auto-representação. Pois,

o problema de auto-representação do colonizador português cria uma disjunção caótica entre o sujeito e o objeto de representação colonial, gerando um campo aparentemente vazio de representações (mas, de fato, cheio de representações subcodificadas) que, do ponto de vista do colonizado, constitui um espaço de manobra adicional para tentar a sua auto-representação para além da representação da sua subalteridade. (Santos, 2003: 25)

O primeiro jogo de espelho apresenta Portugal como subordinado em *Próspero e Caliban* (Santos, 2003). Há que atentar com um olhar curioso para o uso do termo exótico pelos países que supostamente se encontravam em maior grau de semelhança com Portugal quando em relação às colônias. Efeito de um desconhecimento das nações “companheiras”, o exotismo evoluiu em estereótipos que ainda hoje refletem e reverberam na sociedade portuguesa, por meio da voz e do eco da auto-representação (Santos, 2003).

A vivência para além de Portugal continental, por via das ex-colônias desde os séculos XV e XVII, deu-se de forma distinta dos colonizadores puritanos protestantes. A característica da mistura diferencia o português católico dos demais países europeus protestantes, puritanos, e causa o estranhamento do Outro que, por sua vez, leva a uma das possibilidades de compreensão do termo “exótico”, do

desconhecido. Assim, ao subalterno português é dada a voz pela hibridação de emancipação ou de reação (Santos, 2003).

O desconhecido acaba por não se apresentar apenas aos olhos do Outro, mas também aos olhos do próprio português, uma vez que a nação passou por dois períodos significativos de repressão e estagnação. O século XVII representou uma repressão ideológica com estagnação científica e obscurantismo cultural e mais adiante, o término da estagnação fez alavancar cientificamente a nação. Entretanto, o período do Estado Novo retorna a repressão, violação dos direitos e liberdade cívica, acrescido de hostilidade à razão crítica (Santos, 2013). Quase 20 anos após o 25 de Abril, Portugal adentra a Comunidade Europeia ainda desvelando-se de um longo período histórico de obscurantismo e introspecção. Independentemente das dificuldades presentes naquele momento, é preciso reconhecer a unicidade de Portugal¹³ frente aos demais países da Comunidade Europeia (CE) que também são unos. A CE, apesar de *ser* múltipla em nações, *estava* em processo de unicidade.

Quando se faz referência ao carácter português, há que desmistificar algumas concepções. As percepções de um ser contemplativo, sonhador activo e com forte sentido de natureza acabam por reproduzir, de forma romantizada e descontextualizada, o que na verdade diz respeito a um sujeito de vivência maioritariamente rural (Santos, 2013). Num país cujo cidadão comum está acostumado a lidar com o tempo e o movimento da colheita, o *estar* desse cidadão será, por certo, bem distinto ao olhos dos países modernos e capitalistas. Por sua vez, o carácter social, amistoso e solidário também possui origem nesse universo simbólico das sociedades rurais que acabam por ser adaptadas aos ambientes urbanos (Santos, 2013). O comportamento de “sobrepôr a simpatia humana¹⁴” às prescrições gerais da lei foi extinguido com o passar dos anos (Santos, 2013).

Pertencer à União Europeia não faz com que Portugal possua uma identidade equiparada aos demais países europeus do Norte. Ilude-se pelo desejo quase concretizado ao se pensar que “estar com a Europa é ser como a Europa” (Santos, 2013:70). Entretanto, o país manteve-se periférico em relação aos demais. A opção

¹³ “Em 25 de Abril de 1974, Portugal era o país menos desenvolvido da Europa e ao mesmo tempo o detentor único do maior e mais duradouro império colonial europeu”. (Santos, 2003:70)

¹⁴ Pode-se fazer um paralelo entre esse comportamento e o chamado “jeitinho brasileiro” ou “homem cordial” presente na cultura brasileira. Se a cultura portuguesa percebe esse comportamento como pejorativo e não o reconhece mais como próprio de sua cultura, tampouco perceberá semelhança na cultura brasileira. Ou quando perceber é provável que seja recebido de forma pejorativa.

pelo modelo de desenvolvimento agrícola e de relações agricultura-indústria fez com que se distanciasse dos demais países europeus ditos modernos. A pequena agricultura familiar manteve-se e não se modernizou como as europeias (Santos, 2013).

O país possui uma composição heterogênea do seu povo sob uma estrutura tradicional e patriarcal, pautada pela desigualdade sexual e pelo trabalho infantil. Uma disjuntura caótica identitária (Santos, 2013). Ao mesmo tempo que o português é Próspero (colonizador), ele é também Caliban (colonizado). Portanto, ele é um híbrido Próspero calibanizado em que o jogo de espelhos alterar-se-á de acordo com a perspectiva do Caliban ou do Super-Próspero europeu. O caráter duo foi justamente o que permitiu ao português *ser* emigrante na sua própria colônia (Santos, 2013). Percebe-se que,

a 'disjunção da diferença' é bem mais complexa no caso do pós-colonialismo português – uma complexidade que paradoxalmente pode redundar em conjunções ou cumplicidades insuspeitas entre o colonizador e o colonizado. O 'outro' colonizado pelo colonizador não é totalmente outro em relação ao 'outro' colonizado do colonizador. (Santos, 2013:27)

Aqui há uma diferença entre os tipos de colonização, em especial faz-se uma comparação ao pós-colonialismo anglo-saxónico. Pois, não há um outro, mas sim dois que se juntam e se separam ao interferirem de tal forma que impactam mutuamente as identidades de colonizador (outro-próprio, o colonizador ele próprio colonizado) e colonizado (outro-outro). Ambos ficam à margem da alteridade, entretanto, a própria alteridade encontra-se à margem (Santos, 2013).

2.2.3 Mercosul

Em 1991, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram o Tratado de Assunção cujo propósito visava a criação do Mercado Comum do Sul, o MERCOSUL. Para isso, era preciso integrar os Estados Partes por meio do livre comércio de bens, serviços e factores produtivos a estabelecer-se uma tarifa externa comum (TEC), assim como a adoção de uma política comercial comum. Os Estados integrantes do MERCOSUL passariam a orientar-se por uma coordenação de políticas macroeconômicas e sectoriais com adequação de legislação nas áreas de pertinência¹⁵. A formação de um bloco económico na América Latina possui influências sociais da Comunidade Europeia e influências de circulação de livre

¹⁵ Fonte: <http://www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercosul>

comércio advindas do NAFTA¹⁶ e do TLC¹⁷ (Achúgar, H. & Buscamante, F., 1996). Em 1994, o MERCOSUL estabelece a sua configuração actual de consolidar a configuração política, económica e social das nações integrantes, fortalecer os vínculos entre os cidadãos do bloco, ao mesmo tempo que contribui para a melhoria da qualidade de vida dos mesmos¹⁸. Hoje as nações que compõem o continente da América do Sul encontram-se no MERCOSUL ou como Estado Parte (Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Bolívia) ou como Estado Associado (Chile, Peru, Colômbia, Equador, Guiana e Suriname¹⁹). Se forem seleccionados apenas os Estados Partes, perceber-se-á que eles correspondem a aproximadamente 72% do território da América do Sul, com 275 milhões de habitantes. A percentagem de habitantes dos Estados Partes corresponde a aproximadamente 70% da população do continente sul americano.

Dentro do MERCOSUL, o projecto de integração regional e desenvolvimento da indústria e dos actores culturais reúne os Ministros da Cultura dos Estados. Aqui percebem-se objectivos semelhantes aos da formação da União Europeia quanto à administração cultural, pois é por meio da cultura que consolidará uma forma mais harmoniosa de unicidade entre as nações integrantes do MERCOSUL. Partes para a elaboração de um plano comercial comum. Mesmo assim, há territórios que por si só apresentam especificidades e importâncias próprias como o nordeste brasileiro e a Patagónia Argentina, ambos acabam por ser menos afectados pelo processo de integração regional (Achúgar, H. & Buscamante, F., 1996). A heterogeneidade presente nestas nações também diz respeito aos seus regionalismos e às culturas de periferia.

Fez-se um intercâmbio cultural e o desenvolvimento de uma identidade dos países integrantes do MERCOSUL pelo meio televisivo e literário de forma globalizante e transnacional. Países intensamente exportadores, como o Brasil e o México, já se encontram incorporados na economia global e costumam possuir

¹⁶ North American Free Trade Agreement (NAFTA)

¹⁷ Tratado de Livre Comércio (TLC).

¹⁸ Fonte: <http://www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercosul>

¹⁹ Venezuela tornou-se Estado Parte em 2012, Bolívia encontra-se em processo de adesão para Estado Parte também desde o ano de 2012. Chile participa como Estado Associado desde 1996, Peru desde 2003, Colômbia e Equador desde 2004 e, Guiana e Suriname desde 2013 encontram-se ambas como Estado Associado (In: <http://www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercosul>)

gigantes do audiovisual – respectivamente Rede Globo e Televisa (Roncagliolo, 1996). Essas gigantes televisivas actuam intensamente em diversos e diferentes tipos de publicidades e representações dos seus países, podendo ser de forma directa ou indirecta. Roncagliolo (1996) explica que a capacidade de penetrabilidade, disseminação e influência da informação pela Rede Globo como uma empresa transnacional, levou o Brasil ao quarto lugar de produtor e ao terceiro como exportador audiovisual.

O desenvolvimento económico e social do Brasil frente aos Estados Parte do MERCOSUL também se faz presente quando em relação a Portugal. Ao fazer-se uma digressão na história de Portugal e do Brasil, percebem-se as diferenças que impulsionaram o Brasil. O período de Estado Novo, também conhecido como Salazarismo, foi marcado por censura e retrocesso económico social (Santos, 2013). Enquanto o período do Estado Novo Brasileiro (1937-1945) e, principalmente, a ditadura militar (1965-1985) foram de censura, porém de aumento da industrialização, desenvolvimento da indústria cultural, expansão da classe média (em 1950 e principalmente depois em 1970), estreitamento das relações Brasil-Portugal, melhoramento da literatura brasileira e desenvolvimento dos produtos audiovisuais, especialmente os *sitcom* e as telenovelas (Ferin, 2012).

2.2.4 Brasil

Em dimensões continentais de 8.515.692,27 km², a República Federativa do Brasil teve o seu primeiro Censo Demográfico em 1872, realizado quando ainda era o Império de Portugal, e o seu segundo Censo Demográfico quando se tornara República, em 1890. A partir do século XX, passaria a ocorrer em período decenal. O território heterogéneo brasileiro é composto por 27 unidades federativas e 5.565 municípios, a contar com o Distrito Federal, Brasília (Censo Demográfico 2010, 2011).

Até às três primeiras décadas do século XX, o Brasil apresentou uma produção e um comércio literário quase insignificante. Aqueles que desejassem adentrar o ramo teriam que possuir uma outra profissão para que pudessem obter o seu sustento. Em geral, exerciam funções magistras ou nos cargos públicos (Ortiz, 1988). A década de 40 apresentou o início do processo de industrialização urbana durante o Estado Novo, por meio do segundo governo de Getulio Vargas. Com isso,

Ortiz (1988) afirma que há o surgimento de uma “sociedade de massa”. Foi durante o Estado Novo que houve a aproximação entre o governo dos EUA e as nações da América Latina através da “Política de Boa Vizinhança” (Ortiz, 1988) – a personagem de banda desenhada Zé Carioca e a cantora Carmem Miranda fizeram parte da “política de boa vizinhança” entre Washington e Brasil, assim como o desenvolvimento do cinema brasileiro. O governo Vargas não extinguiu as elites oligárquicas, pelo contrário, atribuiu uma nova dimensão à ordem social já existente. Entre os anos de 1930 à 1950, o Brasil permaneceu em busca da construção de uma nacionalidade com atuação moral e cívica em atividades pedagógicas (Ortiz, 1988).

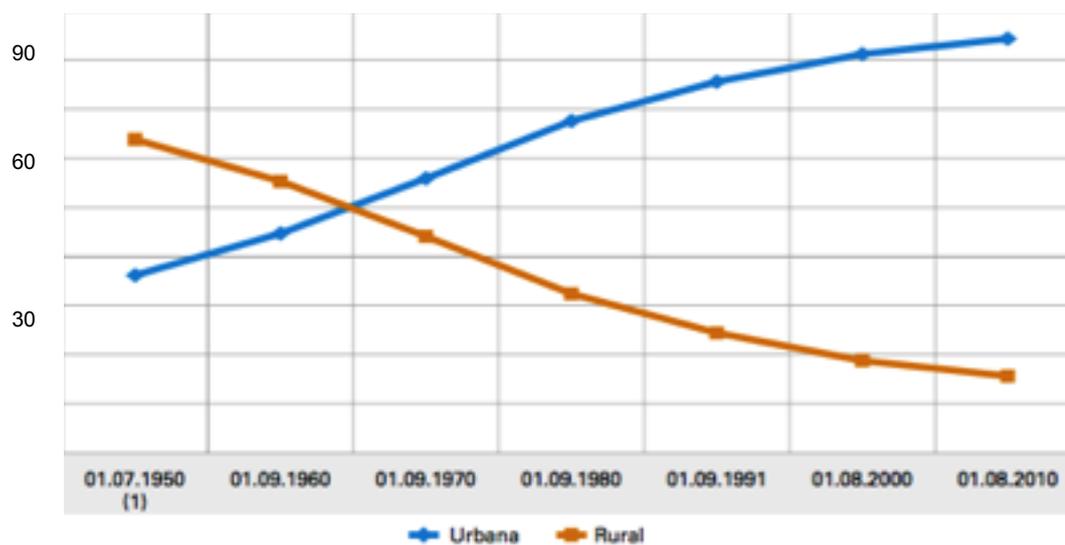
O período entre o fim do Estado Novo e o início da Ditadura Militar representou um segundo momento de industrialização urbana, apresentado pelo afloramento de empreendimentos culturais com o uso de orçamento privado. Este curto período de democracia na sociedade brasileira permitiu que se continuasse a construção de uma sociedade de consumo de bens já iniciada durante o primeiro período de industrialização urbana no Estado Novo (Ortiz, 1988). O investimento privado em meios de comunicação como rádio, televisão, cinema, publicidade e jornal trouxeram o desenvolvimento cultural e o seu consumo. Tal foi que se estendeu até a Ditadura Militar. Apesar do Estado autoritário, pode-se perceber a intensa manifestação cultural com o Tropicalismo entre 1964 e 1968 (Ortiz, 1988). A censura sobre as manifestações culturais tornou-se mais forte apenas com o AI-5²⁰. Havia, na Ditadura Militar, a intenção de continuar o projeto de governo do Presidente Juscelino Kubitschek – “a segunda revolução industrial” (Ortiz, 1998: 114). Assim, o período da Ditadura Militar acabou por representar a fixação do capitalismo tardio no país (Ortiz, 1988). Pode-se dizer que a atuação da censura funcionava como uma mão que “punia” e outra que “acalentava”, pois a primeira reprimia e a segunda disciplinava (Ortiz, 1988). É preciso ressaltar que durante o período de Ditadura Militar surgiram entidades voltadas para a cultura, como o Conselho Federal de Cultura, o Instituto Nacional do Cinema, EMBRAFILME, FUNARTE e Pró-Memória (Ortiz, 1988). Portanto, as décadas de 1940 e 1950 representam a construção de uma sociedade de consumo, enquanto as décadas de

²⁰ AI-5 foi redigido no dia 13 de dezembro de 1968.

1960 e 1970 representam a consolidação de uma sociedade de bens culturais (Ortiz, 1988).

O processo de industrialização e substituição da importação, iniciado no Brasil durante a Segunda Grande Guerra²¹, marcou o início da migração interna entre as áreas rurais e urbanas (Alves, E. *et al.*, 2011). Em 1950 aproximadamente 64% da população recenseada residia em áreas rurais (gráfico 01) e essa percentagem manteve-se em ascensão até os dias de hoje (Censo Demográfico 2010, 2011). A situação inicial do Brasil como país de base econômica voltada para atividade agrária aponta uma motivação para mobilidade territorial inicialmente voltada para a melhoria de qualidade de vida no destino escolhido (Alves, E. *et al.*, 2011). Foi o êxodo rural para as regiões do Sudeste que acelerou o seu processo de

Gráfico 01 – Proporção da população residente em %, por situação do domicílio – Brasil – 1950/2010
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

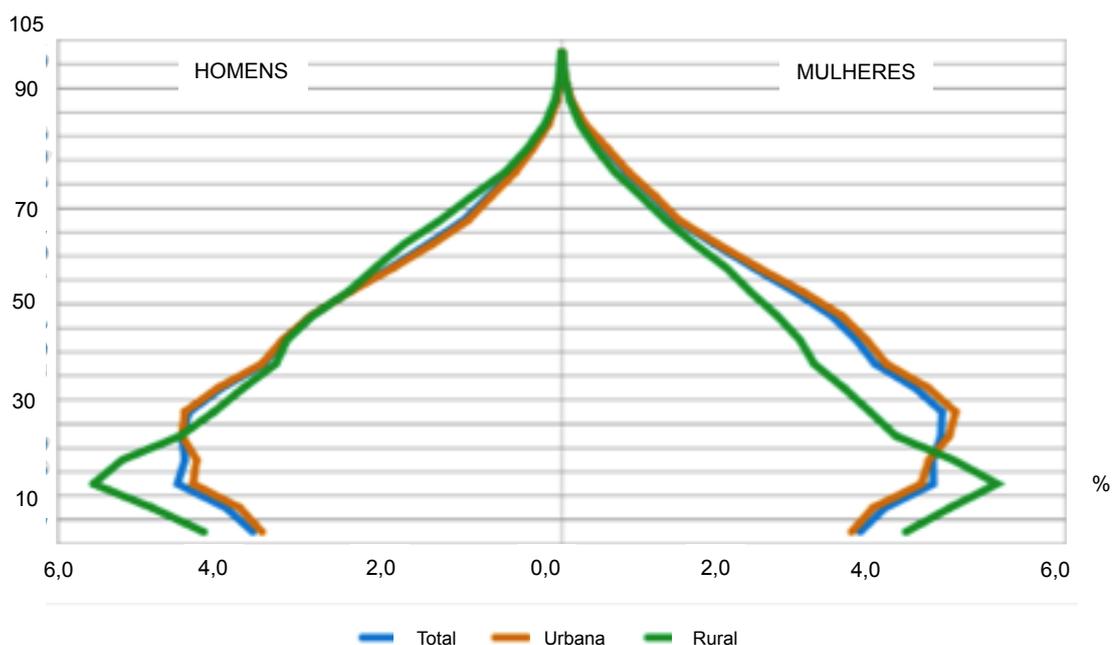


industrialização, inicialmente no estado de São Paulo e depois com a expansão para os demais sítios do Sudeste, Sul, Centro-Oeste a subir pelo Nordeste (Alves, E. *et al.*, 2011). Entre as décadas de 1960 e 1970, período em que o Brasil se encontrava sob a Ditadura Militar, a região do Sudeste perdeu aproximadamente 43% da sua população rural (gráfico 01).

²¹ Período de 1942 à 1945 (1949 os EUA lançam a bomba nuclear em Fukushima, Japão).

A década de 1970 introduz a diminuição absoluta da população rural brasileiras (Censo Demográfico 2010, 2011). Ainda sob a Ditadura Militar, o período entre 1970 e 1980, apresentou um êxodo rural de aproximadamente 40% da sua população (Alves, E. *et al.*, 2011). É interessante perceber os efeitos da industrialização ao nível de fecundidade. Nas décadas de 1950 e 1960, as mulheres brasileiras apresentavam, respectivamente, uma média de 6,2 e 6,3 filhos por mulheres (Censo Demográfico 2010, 2011). Em 1960, as taxas de fecundidade urbana se fixavam nos 5,0 filhos, enquanto que as taxas rurais eram de 8,4 filhos por mulher (Censo Demográfico 2010, 2011). Em 2009, a taxa de fecundidade na área urbana situavam-se nos 1,8 filhos contra 2,7 filhos na área rural (Censo Demográfico 2010, 2011). A diminuição da fecundidade mostra a evolução em industrialização e, também, a migração da região rural para o urbano.

Gráfico 02 – Composição da população residente, por sexo e situação do domicílio, segundo os grupos de idade – Brasil – 2010.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.



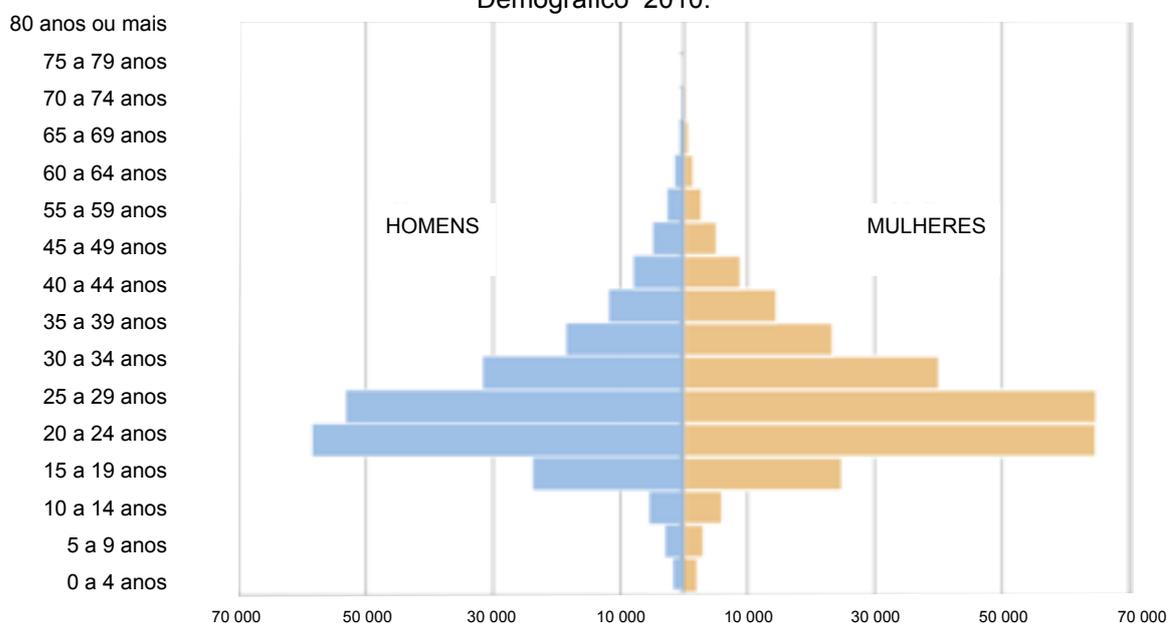
A direcção da industrialização passou a ser para as médias e pequenas cidades, que passaram a competir com o meio rural por trabalho (Alves, E. *et al.*, 2011). Junto às megalópoles, essas cidades passaram a ser pólos de atracção para mercado de trabalho (Alves, E. *et al.*, 2011). Hoje a população brasileira tem predominância urbana de aproximadamente 84% (gráfico 02). A base estreita da pirâmide presente no gráfico 02 indica a redução da fecundidade, entretanto o

alargamento da mesma entre as faixas etárias de 10 a 30 anos de idade aponta uma população maioritariamente composta por jovens e jovens adultos de predominância feminina em geral (Gráfico 02). Enquanto, que uma predominância masculina quantitativa ocorre nas zonas rurais e posteriormente, com a chegada dos 70 anos de idade (Gráfico 02). De acordo com o número de óbitos, os femininos sobrepõem-se aos masculinos.

2.3 Fluxo Migratório Brasil-Portugal

O que leva uma parcela da população a emigrar de seu país de origem para outro? O fenómeno de expansão migratória, já há muito tempo conhecido pelos europeus, acaba por trazer diversidade étnica e cultural, assim como novas dinâmicas demográficas, económicas e sociais (Giddens, 2001). Inicialmente, os factores “*push and pull*” expõem as dinâmicas dentro do país e as forças que fazem os indivíduos migrarem – tais factores podem ser em guerra, fome, opressão política ou pressão demográfica (Giddens, 2001).

Gráfico 03 Composição da população de emigrantes internacionais, por sexo, segundo os grupos de idade na data de partida – Brasil –2010. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

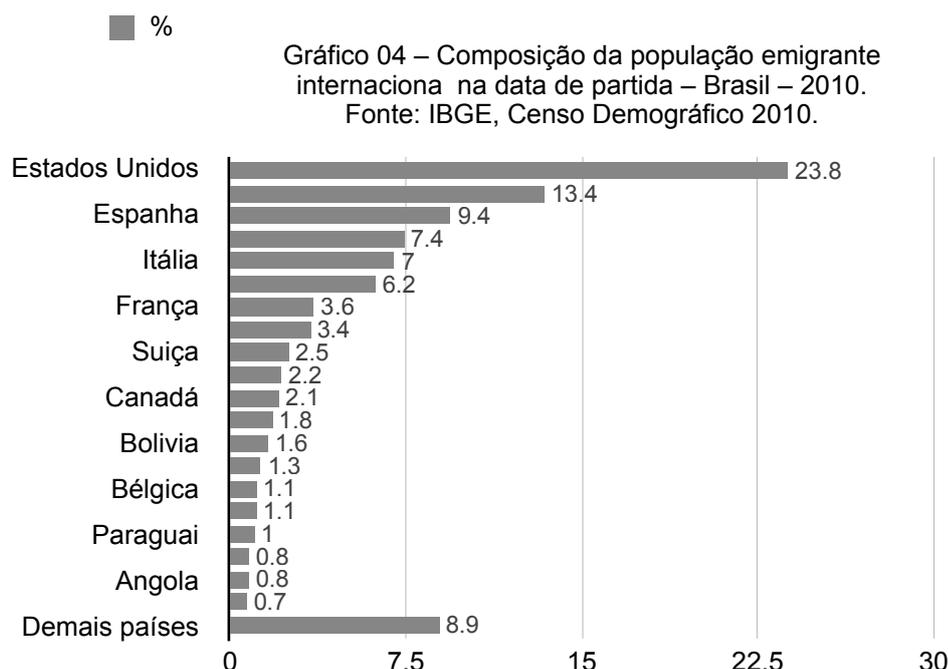


Entretanto, os factores de “*pull*” apresentam características de atração dos indivíduos aos países de destinos, como a existência de um próspero mercado de trabalho, melhores condições gerais de vida ou menor densidade populacional

(Giddens, 2001). Actualmente, as críticas apresentadas à teoria “push and pull” revelam-se demasiadamente simplistas, por abordarem apenas o macro e o micro sem levar em consideração a recolha de informações qualitativas que complementem a avaliação final. Portanto, a teoria da migração tem sido apresentada sob forma de “sistemas” globais em interação contínua com dados quantitativos no âmbito do macro e micro (Giddens, 2001).

2.3.1 Fluxo Migratório Exterior do Brasil

Quando o tema é o fluxo migratório brasileiro para o exterior é importante ressaltar que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Organização Internacional de Migração (OIM) possuem valores significativamente distintos²². Na tentativa de estabelecer uma estimativa próxima à realidade, o MRE e o IBGE reuniram-se e



estabeleceram por meio do Censo de 2010, o número de 491.243 brasileiros a viver no exterior, divididos entre 193 países (Censo Demográfico 2010, 2011).

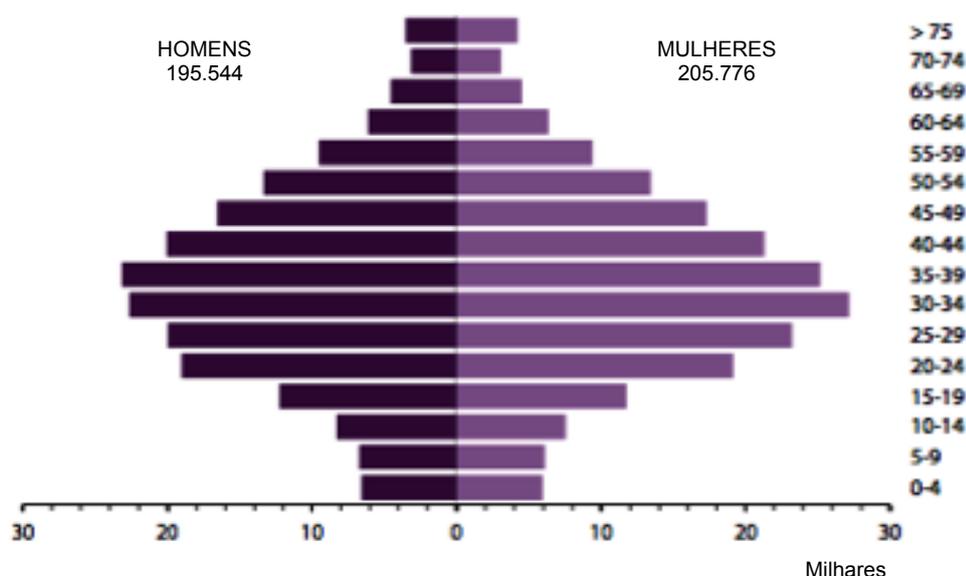
Entre os brasileiros residentes fora do país, aproximadamente 54% são mulheres (gráfico 03) e, independentemente do género, cerca de 94% encontravam-

²² MRE apresentava de 2 a 3,7 milhões de brasileiros a viver no exterior, enquanto a OIM de 1 a 3 milhões (Fonte: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-externo-em-cerca-de-500-mil/impressao>)

se entre a faixa etária dos 15 e 59 anos no momento da partida (gráfico 03). Destes, 60% corresponde à faixa etária dos 20 aos 34 anos de idade (gráfico 03). Em todos os momentos, as mulheres representam a maioria. O motivo impulsionador da migração é a busca de emprego de forma individual sem agregado familiar.

Em ordem de preferência, os brasileiros optam pelos Estados Unidos (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%)²³ (gráfico 04). Apesar da primeira opção ser os EUA, a soma dos dez primeiros países pertencentes à União Europeia representa 49% dos destinos da migração brasileira (gráfico 04). Com relação às principais regiões de origem em território brasileiro, 49% vêm da região Sudeste, seguindo de 17,2% da região Sul, 15% da região Nordeste, 12% da região Centro-Oeste e apenas 6,9% da região Norte.

Gráfico 05 - Tendência a paridade por género em Portugal.
Fonte: SEF, 2013.



Percebe-se que as principais regiões que emigram no Brasil acompanham de certa maneira o fluxo migratório de desenvolvimento interno brasileiro nos últimos 65 anos. Em geral, 21,6% dos emigrantes provenientes do Sudeste vêm do estado de São Paulo, seguido de 16,8% de Minas Gerais. O estado do Rio de Janeiro surge na quinta posição, com apenas 7,1% de emigrantes, seguido da Bahia, com aproximadamente 5% de emigrantes (Censo Demográfico 2010, 2011).

²³ A soma desses principais países de destino representa 70% do total.

É interessante perceber que aproximadamente 30% dos emigrantes do Rio de Janeiro escolhem os Estados Unidos como primeiro destino, e 9,1% optam por Portugal. Enquanto aproximadamente 17% dos emigrantes de Minas Gerais optam também pelos Estados Unidos como primeiro destino, visto que 21% dos emigrantes do mesmo estado escolhem Portugal como segunda opção (Censo Demográfico 2010, 2011). A explicação para as escolhas de cariocas e mineiros pode ser relacionada com a forte presença dos portugueses em ambos os estados durante o período da colonização do Brasil e a facilidade do idioma (Censo Demográfico 2010, 2011).

2.3.2 Fluxo Migratório em Portugal

A partir da década de 1990, Portugal passa a integrar, até os dias de hoje, os países de migração da União Europeia²⁴. Porém, foi no decorrer da última década que se consolidou como uma nação mais de imigração em comparação com a emigração (SEF, 2010). As duas décadas anteriores à consolidação representaram o desenvolvimento de políticas de recepção das comunidades e indivíduos advindos das demais nações (SEF, 2010). Portanto, a Lei de Imigração e a Lei de Nacionalidade²⁵ surgem como exemplo de regularização de imigrantes em situação irregular (SEF, 2010).

O período entre 1950 e 1990 firmou Portugal como uma nação de emigração, foi a partir da década de 1990 que o país adentrou o grupo composto por países de imigrantes²⁶. Até meados de 1970, Portugal possuía uma percentagem de 0,3% de estrangeiros na população total (SEF, 2004). Fazem parte da primeira vaga de imigração os estrangeiros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa²⁷, entre eles Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique. Com a descolonização dos territórios portugueses na África, o fluxo migratório para Portugal aumentaria significativamente no futuro. A segunda metade da década de 1980 trouxe uma migração de nacionalidade variada – brasileiros, chineses, indianos e

²⁴ A partir de 1993, percebe-se o nº de imigrantes maior ao nº de emigrantes em Portugal (O Impacto da Imigração - O caso Português, SEF, 2004).

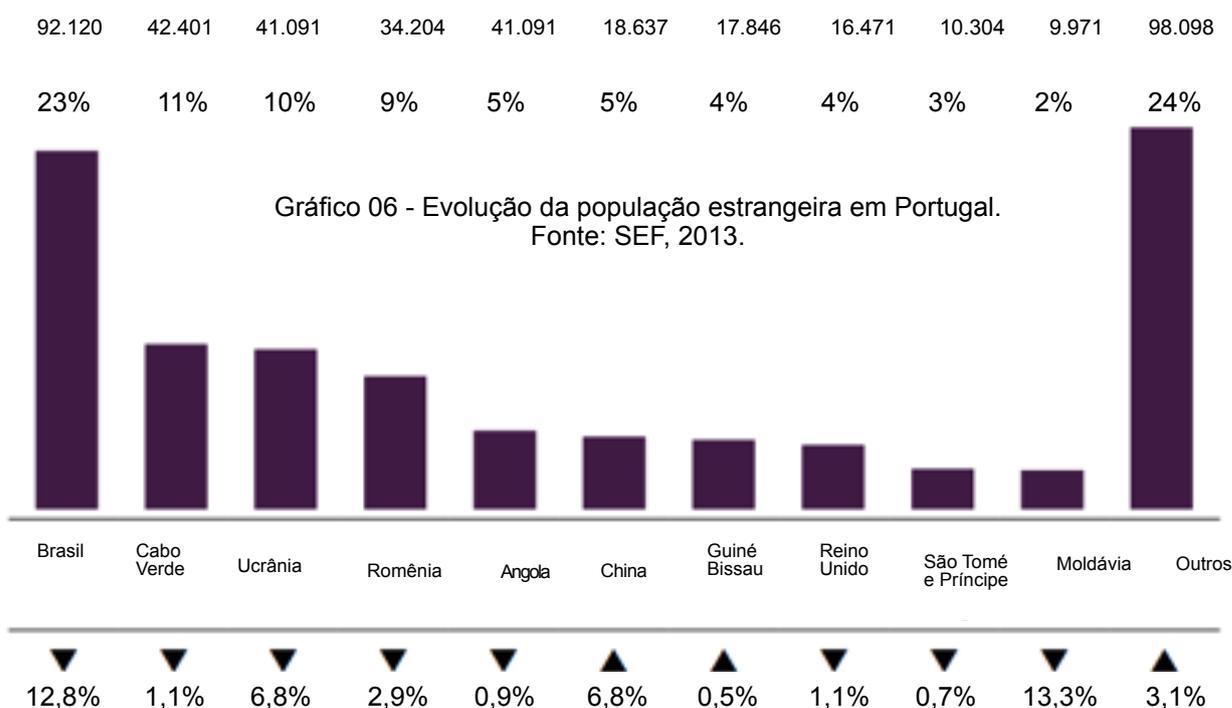
²⁵ As políticas de reagrupamento familiar foi posteriormente adicionada à Lei de Nacionalidade em 2006 (SEF, 2010).

²⁶ Entre 1970 e 1980, Portugal apresentou o valor de imigrantes superior ao de emigrantes (SEF, 2004).

²⁷ PALOP's é a sigla para Países Africanos de Língua oficial Portuguesa.

paquistaneses. Já a terceira fase migratória abrangeu os Países Europeus de Leste como Ucrânia, Moldávia, Rússia e Romênia (SEF, 2004). Em 1981, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras apurou aproximadamente 100 nacionalidades distintas residentes legalmente em Portugal (gráfico 06), sendo que em 2004 o valor/ diversidade aumentou para 170 nacionalidades (SEF, 2004).

Percebe-se que a população estrangeira em 2004 é maioritariamente masculina e jovem, pertencente à faixa etária dos 15 aos 34 anos de idade. Com maioria originária de Países Terceiros em segmentos de trabalho pouco qualificados e de baixo salário, esses estrangeiros passam a pertencer ao grupo laboral com baixa perspectiva de carreira (SEF, 2004). Em 2002, o número de nascimentos em que ambos os pais são estrangeiros representava 10% da natalidade. Em relação à distribuição sectorial, o Censo de 2001 apresenta 44% dos estrangeiros localizados



na Grande Lisboa e 12% na Península de Setúbal (SEF, 2004). Ao levar-se em consideração a progressão de envelhecimento do país, a taxa de fertilidade, natalidade e mortalidade (gráfico 05), o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2004) pode prever uma intensificação do envelhecimento da população em comparação ao ano de 2001²⁸. Portanto, a longo prazo a imigração passa a ser uma das possíveis

vias para rejuvenescimento da própria população portuguesa (gráfico 05). Para além, por a média de idade dos imigrantes (32,5 anos) ser inferior à média de idade dos trabalhadores portugueses (39,5 anos), as necessidades de cuidado e saúde acabam por ser diferentes (SEF, 2004). Com isso, espera-se que os gastos em saúde sejam inferiores entre outras questões.

Com base no tipo de imigração existente até 2004, inicialmente é possível que a migração fosse concebida como um projecto de vida temporário. Nesta percepção, o imigrante não conceberia residência definitiva, mas, sim, uma melhoria de vida para que pudesse retornar ao seu país de origem e, assim, estar com sua família e a sua condição original sócio-económica (SEF, 2004). À medida que o imigrante prolonga a sua estadia, ele passa a ter necessidade de bens duráveis não necessários para estadias provisórias (e, sim, permanentes). O auxílio que possivelmente enviava à família reduz-se, assim como a sua poupança, aumentando assim o seu consumo interno em Portugal (SEF, 2004).

Este cenário vai aos poucos se alterando. Entre 2002 e 2007, o SEF avaliou um equilíbrio momentâneo entre a imigração e a emigração. Tal equilíbrio rompeu-se

Tabela 03 – Estrangeiros Identificados | Fonte: SEF, 2013.

PRINCIPAIS NACIONALIDADES	IDENTIFICADOS PAÍSES TERCEIROS	EM SITUAÇÃO ILEGAL	% DE ILEGAIS
TOTAL	38.152	1.682	4,4%
Brasil	6.599	451	6,8%
E.U.A	4.823	2	0,0%
China	3.286	173	5,3%
Cabo Verde	2.221	155	7,0%
Ucrânia	1.995	102	5,1%
Canadá	1.887	–	–

apenas no ano de 2004. Após o aumento súbito de 20% em 2005, a emigração passou a registrar um aumento paulatino – “as entradas diminuíram 48% de 2002 a 2007, enquanto as saídas cresceram 30% no mesmo período” (SEF, 2007).

O ano de 2013 continua a apresentar os imigrantes brasileiros como a maior comunidade residente com 92.120 cidadãos (23%) – gráfico de fluxo migratório –, o decréscimo do número de residentes desta nacionalidade representa aproximadamente 86% do decréscimo total de estrangeiros residentes em Portugal (SEF, 2013). Os imigrantes residentes distribuem-se ao longo do litoral com

aproximadamente 69% no distrito de Lisboa, Faro e Setúbal – um total de 277-513 imigrantes (SEF, 2013). Num panorama geral, 51,3% dos imigrantes são do sexo feminino, enquanto 48,7% são do sexo masculino.

A principal faixa etária desses imigrantes encontra-se entre 24 e 44 anos, ou seja, abrange os jovens recém formados e os adultos mais maduros (Gráfico 05). Entre as diversas áreas de actuação, hoje os imigrantes encontram-se a trabalhar nos sectores de diligência solicitadas pela área documental de carácter autónomo, com 2.369 casos (SEF, 2013). É importante ressaltar que os imigrantes brasileiros possuem maior representatividade e maior número em Portugal (gráfico 05). Entretanto, entre os portadores de documentos fraudulentos, o Brasil encontra-se como o 5º país em representatividade (SEF, 2013). Porém, com relação às recusas de entrada, aproximadamente 37% incidiram sobre cidadãos de nacionalidade brasileira, com um total de 299 indivíduos, seguidos de 78 indivíduos angolanos, 72 senegaleses, 66 malianos (SEF, 2013). Dos 1.682 estrangeiros ilegais em Portugal, 451 foram identificados como provenientes do Brasil (tabela 03), sendo que esse valor coloca o país no topo da lista dos imigrantes ilegais em território português (SEF, 2013).

2.3.2.1 As Categorias de Imigrantes

Durante o período de transição entre os séculos XX e XXI, a política migratória aproxima-se de um modelo de migração temporária de média duração com temporalidade de até cinco anos (SEF, 2010). Criaram-se as Autorizações de Permanência (AP) no intuito de que o mercado de trabalho ditasse a temporalidade de permanência dos imigrantes laborais, intencionava-se que os ciclos de mercado de trabalho acompanhassem a empregabilidade dos imigrantes (SEF, 2010). Entretanto, em 2003 esse regime foi revogado por meio da alteração da Lei de Imigração²⁹. Em 2006, o governo português estabelece uma política de integração que concede ao imigrante legalmente residente aceder à nacionalidade, pondo fim aos constrangimentos de estrangeiro ao tornar-se legalmente parte da sociedade portuguesa. Portugal baseia-se, então, na abordagem utilizada pela União Europeia com relação à vertente conceptual e legal da migração, assim acaba por assumir a migração circular como uma migração de elevado potencial, e a migração

²⁹ Lei da Imigração: Decreto-Lei nº 34/2003, de 25 de Fevereiro e Lei nº 23/2007, de 4 de Julho.

temporária como uma “solução” para dificuldades ligadas à escassez sectorial de mão-de-obra (SEF, 2010).

É preciso ressaltar que o país não fornece qualquer informação estatística quanto ao retorno da imigração permanente ou temporária de nacionais de países terceiros residentes no país (SEF, 2010). O mesmo se verifica relativamente à informação estatística específica sobre imigração temporária de nacionais de países terceiros, nomeadamente cidadãos brasileiros no quadro de actividades admitidas ao abrigo do regime de isenção de visto de entrada (SEF, 2010). Sabe-se que,

[a] evolução dos mercados de trabalho locais (Sassen, 1995), principais receptores dos fluxos migratórios, necessita de um enquadramento legal flexível, desburocratizado e adaptável às conjunturas e aos ciclos económicos, contudo a emparia tem demonstrado que raramente a aprovação das leis e a recepção dos fluxos têm sido coincidentes. (SEF, 2010: 09)

O Estado português apresenta os conceitos sobre migração em consonância com o Glossário de Europeu de Migração. O conceito de migração circular apresenta-se como uma forma de migração cujos imigrantes legalmente regulamentados se encontram em mobilidade de movimento pendular entre o país de origem e o país de destino (SEF, 2010). Ao imigrante residente legal em Portugal é permitido o exercício legal de uma actividade sem a perda da residência. Ao nacional de país terceiro é concedida a possibilidade de entrada em Portugal na condição de cumprir um tempo previamente estipulado. Em ambos os casos, após o regresso conserva-se uma forma de mobilidade privilegiada a partir de Portugal. Já a migração temporária ocorre pela via da migração laboral temporária contratualizada ou pela via da migração temporária para efeitos de estudo (SEF, 2010), pois decorre de uma temporalidade sazonal, não duradoura.

Por causa da complexidade existente entre a migração circular e a migração temporária de carácter estudantil, numa segunda análise o relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2010) apresenta uma “migração circular ou temporária” mais abrangente. Contemplam-se aqui os imigrantes nacionais de países terceiros que se dirigem a Portugal para exercer actividades laborais temporárias, empregos sazonais, por motivo de estudo, imigrantes qualificados e altamente qualificados que exerçam actividade de investigação e desenvolvimento e/ou investigação e desenvolvimento tecnológico, acrescidos a essa definição também se encontram os imigrantes residentes em Portugal que retornam temporariamente aos países de

origem por períodos superiores a 90 dias (por exemplo), mas com expectativa de um regresso a Portugal (SEF, 2010: 15).

03

A rotina brasileira é igual a qualquer outra em repetição e, por vezes, ritmo. Entretanto, as nuances que se estabelecem entre o ambiente privado e o ambiente público constróem um diálogo e uma relação entre os espaços e os indivíduos. As semelhanças e diferenças desvelam-se e revelam-se nas interações estabelecidas entre os sujeitos neste cenário brasileiro.

A identidade de um indivíduo brasileiro é demasiadamente complexa quando comparada com a construção geral do brasileiros como sujeito, ou quando comparada às identidades de países do hemisfério Norte. A elaboração da identidade diz respeito a uma pergunta relacional, o antropólogo Roberto DaMatta (1986) no seu ensaio “O que faz o brasil, Brasil?” distingue o primeiro “brasil” como o ambiente das possibilidades humanas. Já o segundo “Brasil” apresenta-se como a combinação especial das possibilidades universais (DaMatta, 1986). É na relação entre o “brasil” e o “Brasil” que se constrói o perfil do sujeito brasileiro. Vestida com o fato da *normalidade*, mas que vela camadas complexas de mistério, modos de ser e “jeitos” de existir (DaMatta, 1986). Sabe-se que,

José da Silva, brasileiro, casado, funcionário público, torcedor do Flamengo, carnavalesco da Mangueira, apreciador incondicional das mulatas, católico e umbandista; jogador esperançoso e inveterado da loto, porque acredita em destino (...) (DaMatta, 1986: 15-16)

Dentro deste breve “esqueleto” percebe-se pontos do quotidiano desta personagem “José da Silva”. Entre os muitos estereótipos, a personagem brasileira “José da Silva” apresenta os pontos que começam a desvelar-se numa identidade. A pretensão de que aqui será apresentado o brasileiro é tão *gigante* quanto a própria nação em si. Serão deixados aos antropólogos a profundidade e a amplitude desse tipo de investigação, para que aqui sejam tratadas em *pinceladas* a composição da cena geral brasileira.

3.1. A dualidade entre o círculo familiar e o Estado

Um Brasil de aborígenes e imigrantes advindos de continentes diversos, principalmente Portugal que assentou a capital do seu Império em solo brasileiro. Entre as etnias que compõem esta nação, algumas possuem maior influência e, assim como, impacto.

Sérgio Buarque de Holanda apresenta um ensaio sobre a sociedade brasileira e a penetração da colonização portuguesa, no desenvolvimento do brasileiro, no seu livro *Raízes do Brasil* (1994). Ao retomar brevemente a organização hierárquica, o historiador afirma que “[t]oda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios” (Buarque de Holanda, 1994) e contextualiza os seus leitores ao distinguir a estrutura social ibérica da estrutura social existente em território brasileiro, território de influência maioritariamente português.

Enquanto a suposta vida medieval repousava sobre um sistema hierárquico hereditário e de ordem divina, a real vida terrena sujeitava-se às autoridades e aos interesses mortais e humanos (Buarque de Holanda, 1994). Entretanto, as leis reguladoras na Idade Média não eram passíveis de argumentação por advirem de um Ser Supremo, Senhor deste e do outro mundo.

Ao isolar-se o princípio da hierarquia do seu caráter hereditário e sobrenatural, restaria apenas o privilégio atribuído ao sujeito. Tal, é possuído de autoridade e necessariamente vem de alguém com diversos privilégios, entre os quais o hereditário. Ao transpor a condição do princípio de hierarquia para o Brasil, antiga colônia de Portugal¹, percebe-se que nas situações apresentadas apenas a articulação de privilégios é que passa gradualmente a reger o sistema hierárquico local (Buarque de Holanda, 1994).

Ao serem acoplados a um sujeito, que, não mais, é regido pelas leis reguladoras do período medieval, então, este mesmo sujeito é filho de si e basta-se por mérito próprio. A essa transmutação pode-se acrescentar a colisão da Companhia de Jesus aos princípios de predestinação e culto ao trabalho apresentados pela igreja Presbiteriana, de vertente Calvinista (Buarque de Holanda,

¹“E a verdade é que, bem antes de triunfarem no mundo as chamadas ideias revolucionárias, portugueses e espanhóis parecem ter sentido vivamente a irracionalidade específica, a injustiça social de certos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários. O prestígio pessoal, independente do nome herdado, manteve-se continuamente nas épocas mais gloriosas da história das nações ibéricas”. (Buarque de Holanda, 1994: 06-07)

1994), que representa a ética do trabalho dos povos do Norte, fundada sob o espírito da reforma protestante em que a percepção do trabalho enaltece o homem.

Em comparação aos povos do Norte, os que advinham da Península Ibérica não eram obstinados pelo trabalho e o capitalismo (Buarque de Holanda, 1994), pelo contrário, eles eram voltados para as relações familiares e as actividades rurais. Tal característica acabava por aproximá-los com mais facilidade da cultura latina, africana e muçulmana. Enquanto as nações do Norte funcionavam sob uma racionalização da vida experimentada pela cultura protestante, as nações ibéricas concentravam o seu princípio unificador em governos mantidos por uma força exterior. O resultado desta cena foi tal que “[o]s elementos aristocráticos não foram completamente alijados e as formas de vida herdadas da Idade Média *conservaram*, em parte, o seu prestígio antigo” (Buarque de Holanda, 1994: 11).

A alteração do mecanismo funcional do princípio de hierarquia resulta no princípio das competições nas terras tropicais. Pois, “[e]m terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida” (Buarque de Holanda, 1994: 04). Portanto, a suposta falta de coesão social é, em parte, o resultado de uma adaptação de culturas e costumes em território novo. O desejo pelo retorno à tradição, como combate a desordem, representa um fenómeno anterior ao modernismo.

Sergio Buarque de Holanda no seu livro *Raízes do Brasil* (1994) aponta que “somos ainda hoje uns desterrados na nossa própria terra” (Buarque de Holanda, 1994: 03), um jogo de espelhos entre Próspero e Calibã mais tarde trabalhado por Boaventura de Sousa Santos (2013). A colocação refere-se a viver em função de outrem mesmo quando se participa de um sistema próprio de evolução que gera frutos. Apesar de toda a cultura ser capaz de absorver, assimilar e elaborar em certo grau traços das demais culturas (Buarque de Holanda, 1994). A noção de ordem, como disciplina, apresenta-se consubstanciada no conceito de obediência aprendido por meio da Companhia de Jesus e acaba por colidir com conceitos advindos de fora como a ética do trabalho proveniente da Igreja Protestante. Dentro desta dualidade de ordem e desordem, Sérgio Buarque de Holanda ressalta que,

[n]o caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi

matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma. (Buarque de Holanda, 1994: 11)

Em face às semelhanças entre as nações ibéricas e brasileira, especificamente a nação portuguesa é aquela que adquire o maior grau de similitude. Isto faz com que as culturas se interpenetrem e transfiram partes de si ao ponto de contribuírem na evolução de ambas, guardadas as devidas proporções.

A oscilação da sociedade brasileira ao adentrar um formato holístico entre o povo e o Estado, difunde-se entre o tempo histórico e o tempo cósmico. Pois, dentro dessa sociedade, o sujeito brasileiro percebe-se como “*pessoa moral*, isto é, um ser dotado de alma e de direito básico ao respeito, à consideração e a um tratamento humano” (DaMatta, 1997,p.51). Enquanto, a imagem do sujeito brasileiro apresenta um ser de alma concomitante com direitos básicos ao respeito, a contra-imagem revela um ser autoritário, tradicionalista por meio da expressão “sabe com quem está falando?” (DaMatta, 1997).

Durante o período colonial, a família brasileira fundamentava-se basicamente na rotina rural, especificamente as famílias rurais e donas de engenho (Buarque de Holanda, 1994). Enquanto na *casa grande* a vida era regida por regra, ordem e tradição, na cidade o quotidiano exibia o oposto. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, o comportamento percebido dentro da *casa grande* – e nos arredores da fazenda – pode ser analisado de acordo com a Monarquia e as normas da antiguidade clássica (Buarque de Holanda, 1994). A família rural organizada de acordo com preceitos da antiguidade clássica apresenta-se como o centro das organizações sociais. Buarque de Holanda no seu livro *Raízes do Brasil* diz que, [o]s escravos das plantaçoess e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do *pater-famílias* (Buarque de Holanda, 1994: 49).

O chefe-de-família, representado pelo o *Senhor do engenho* ou da *casa grande* concentra as tarefas e o poder. Entre os diversos funcionamentos a Monarquia em solo tropical, a apresentação e o funcionamento dos fazendeiros escravocratas guardava demasiado domínio sobre as terras. As profissões liberais destinadas ao manuseio da política eram resguardadas pelos fazendeiros escravocratas e os seus filhos (Buarque de Holanda, 1994). Assim, a manutenção do poder na esfera política, – como em parlamentos, ministérios – ou a chamada

“posições de mando”, era destinada ao *incontestável domínio* de uma específica comunidade familiar rural (Buarque de Holanda, 1994).

Percebe-se que a organização do núcleo familiar se encontra intrinsecamente ligada ao funcionamento da *casa grande*. Para se ter um engenho era preciso que ele em si se constituísse como um organismo completo, ou seja, vivo e passível de auto-sustento. Na capela realizavam-se missas e cerimónias, as escolas recebiam os alunos – meninos – e forneciam ensino, a alimentação dos moradores e hóspedes provinha das plantações e da caça local, por fim as serrarias mantinham o engenho em boas condições (Buarque de Holanda, 1994). Sob o domínio da autoridade patriarcal, a família rural mantém-se como um núcleo fechado, a convergir para si mesmo. Dentro dessa percepção os filhos, mesmo livres, subordinam-se ao patriarca. De acordo com esse modelo de família associado à antiguidade clássica, “o grupo familiar mantém-se imune de qualquer restrição ou abalo. em seu recatado isolamento pode desprezar qualquer princípio superior que procure perturbá-lo ou oprimi-lo” (Buarque de Holanda, 1994: 49).

Aquele que deriva de uma família rural, mesmo ao ocupar uma “posição de mando” compreende que os deveres para com a entidade privada precedem à entidade pública. Durante o período da Monarquia no Brasil, a política era composta de fazendeiros escravocratas² ou filhos de fazendeiros. Tais eram educados nas profissões liberais, dominavam os parlamentos e os ministérios, criavam instituições, enfim ocupavam as chamadas “posições de mando” (Buarque de Holanda, 1994). A organização política desenvolve-se à semelhança das famílias patriarcais. Apesar de nem sempre haver o vínculo biológico e afetivo em concomitância, a organização política associa-se pelo profundo vínculo de sentimentos e deveres (Buarque de Holanda, 1994). Unir-se ao partido por compartilhar os mesmos interesses ou ideias não ocorre neste momento.

Por isso, o Brasil e o sujeito brasileiro é ao mesmo tempo falar sobre um Ser que é em cada sujeito brasileiro e fora dele – assim como uma divindade é ao permear os espaços e o corpo do homem em espírito (DaMatta, 1986).

² A Abolição da escravatura no Brasil ocorreu no ano de 1888.

3.1.1 A divindade brasileira e influência religiosa

Se cada indivíduo é capaz de carregar consigo a potência de ser o Brasil, então cada indivíduo acaba por manifestar, apresentar e representar a nação num movimento que extrapola o corpóreo. Por isso, a nação é como divindade a manifestar-se em diferentes formas. Esta divindade chamada Brasil que é em cada sujeito filho seu, manifesta-se em diferentes dualidades – o místico e a episteme, o sagrado e o profano, o histórico e o cósmico.

Apesar da República Federativa do Brasil ser um Estado laico, a sociedade brasileira encontra-se profundamente inserida em cultos religiosos católicos, protestantes, evangélicos, africanos, espíritas, pagãos e outros. É uma sociedade que ainda vive o espiritual.

Ao refletir sobre os deuses e as suas representações, sabe-se que estes possuem um sítio adequado para que se possam apresentar e ser acessados pela sociedade. O mesmo ocorre com esta *divindade Brasil* que é em si e, concomitante, na sociedade como um todo (DaMatta, 1986). O desvelar desta divindade decorre de manifestações oficiais e nobres, uma organização que vem de dentro para fora. Entretanto, também decorre de provocações externas que fazem os sujeitos reconhecerem-se como possuidores de uma mesma divindade chamada *Brasil*.

Este *Brasil* que se apresenta em forma de divindade desce aos homens e, concomitantemente, eleva-se deles aos céus a estabelecer uma troca fluida. A transição entre uma forma e outra de ser é estabelecida no decorrer do um tempo que, também, se apresenta na dualidade entre tempo histórico e cósmico (DaMatta, 1997).

Em “Carnavais, Malandros e Heróis”, Roberto DaMatta (1997) desenvolve a temporalidade brasileira dentro do ciclo de festividades gerais da sociedade. Faz-se uma divisão entre o mundo dos homens, regido pelo quotidiano e “ordinário/comum”, e o mundo dos céus, regido por tudo aquilo que se apresenta como extra-ordinário (DaMatta, 1997). A distinção entre os dois “mundos” é marcada por comportamentos, assim como, festas e solenidades. De acordo com DaMatta (1997), o que pertence ao domínio do extraordinário encontra-se segmentado em eventos previstos e imprevistos pelo sistema social. O que se apresenta como ordenado possui planeamento e respeito. Já o que se apresenta como “brincadeira” são decorrentes da suspensão temporária da hierarquização e da tradição, uma

licença que se abre para a diversão (DaMatta, 1997). No cotidiano, percebe-se tudo aquilo que está para “além do trabalho e aquém do divertimento” (DaMatta, 1997: 49), ou seja, são aquelas ocasiões em que se classificam como insurreição, revolta, rebelião e revolução. Portanto, é o que advém da ação popular espontânea.

O “tempo” é marcado por momentos específicos ao longo do ano e que são referentes às festas vulgares, religiosas e políticas. DaMatta (1997) aponta uma gradação em ascensão por meio do ciclo de festividades, tal gradação possui o seu ponto inicial no Carnaval representado pelo povo brasileiro. A Páscoa apresenta-se como representante principal das festividades religiosas e do poderio da Igreja. O ápice ocorre no Dia da Pátria, ou Dia da Independência³, representado pelo poderio do Estado. Enquanto em “terra” o tempo se apresenta por meio do compasso do relógio e dos dias no ano, no “céu” o tempo apresenta-se em mito.

3.1.2 O nascimento do Homem Cordial e a emancipação do Jeitinho Brasileiro

Na tentativa de obter uma harmonia entre o que era o círculo familiar e o que é o Estado, a sociedade adaptou-se e desenvolveu “jeitos”, modos e estilos de realizar de forma intermediária aquilo que se refere ambos os pólos de poder. O “jeitinho” passa a ser um processo legal e pacífico de resolver qualquer tipo de questão (DaMatta, 1986).

Como base do jeito brasileiro está o “homem cordial”, que ganhou este nome numa carta do escritor Ribeiro Couto atribuída à Afonso Reyes (Buarque de Holanda, 1994) ao referir-se ao “capital sentimento” desse povo que diziam ser tanto amável quanto agressivo. Para que se possa compreender melhor este “homem” é preciso *esmiuçar* até se chegar às particularidades que se apresentam na transição do círculo familiar para o Estado.

Para que o Estado seja em si, é preciso que haja uma cisão entre o círculo familiar e o mesmo. Entretanto, frente à realidade da formação política brasileira, romper com o patriarcado passa a ser mais sutil, dualista e complexo do que esperado. A família do engenho, habitante da casa grande e representante do patriarcado rural aos poucos migra para as cidades. É por meio das profissões liberais que estes familiares da casa grande levaram consigo seu modo de ser e

³ O Dia da Independência do Brasil, também chamado de Dia da Pátria, ocorre todo sete de setembro.

estar em uma tentativa de transferir o seu *habitus* ao novo ambiente. A ruptura decorre das representações entre os principais pólos de poder. Ao Estado entrega-se às leis gerais, ao impessoal e ao abstrato em comparação às leis particulares aplicadas ao corpo da família (Buarque de Holanda, 1994). A outra cisão apresenta-se na transição do sistema artesanal para o sistema industrial. Enquanto sistema artesanal, as relações entre mestre e aprendiz de um ofício funcionavam dentro de uma hierarquia familiar e horizontal em que ambos partilhavam as mesmas privações e os mesmos confortos (Buarque de Holanda, 1994). A industrialização fez com que o processo de elaboração fosse segmentado em etapas e, com isso, trouxe uma série de intermediários entre o empregador e o empregado. Esse feito altera o funcionamento para uma hierarquia vertical em que a intimidade é suprimida em função dos antagonismos de classe (Buarque de Holanda, 1994). Emerge uma crise em meio à alteração dos sistemas que visa separar o indivíduo da comunidade familiar ao adaptá-lo à vida em sociedade e à praticidade (Buarque de Holanda, 1994). De acordo com Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, a pedagogia científica⁴ do período aponta que as crianças eram estimuladas para uma obediência particular. Pois,

a obediência, um dos princípios básicos da velha educação, só deve ser estimulada na medida em que possa permitir uma adoção razoável de opiniões e regras que a própria criança reconheça como formuladas por adultos que tenham experiência nos terrenos sociais em que ela ingressa (...) a criança deve ser preparada para desobedecer nos pontos em que sejam falíveis as previsões dos pais. (Buarque de Holanda, 1994: 103)

A crise no funcionamento social aponta uma influência dos povos do Norte no sistema artesanal e no círculo familiar. Percebe-se uma crise de adaptação do sujeito inserido na comunidade e dependente do sistema familiar para um sujeito prático, individualista, com iniciativas e concorrente entre os demais cidadãos⁵.

Portanto, o homem cordial representa parte da moral do brasileiro como um sujeito cândido, com hospitalidade e generosidade, qualidades bastante apreciadas

⁴ “Os casos frequentes em que os jovens são dominados pelas mães e pais na escolha das roupas, dos brinquedos, dos interesses e atividades gerais, a ponto de se tornarem incompetentes, tanto social, como individualmente, quando não psicopatas, são demasiado frequentes para serem ignorados. (...) [N]ão só os pais de idéias estreitas, mas especialmente os que são extremamente atilados e inteligentes, vêm precaver-se contra essa atitude falsa, pois esses pais realmente inteligentes são, de ordinários, os que mais se inclinam a exercer domínio sobre a criança. As boas mães causam, provavelmente, maiores estragos do que as más, na acepção mais generalizada e popular destes vocábulos.” (Buarque de Holanda, 1994, p.103)

⁵ Sérgio Buarque de Holanda chama estas características como um triunfo de virtudes antifamiliares em *Raízes do Brasil* (1994).

por estrangeiros (Buarque de Holanda, 1994). Qualidades referentes à sua realidade em família e transferidas para o mundo da “rua”.

Entretanto, este mesmo homem cordial também possui uma outra face em que a inimizade se apresenta tão cordial quanto a amizade, pois ambas nascem do coração. À inimizade não-cordial chamar-se-á hostilidade. Logo, o brasileiro no seu cotidiano vive o homem cordial como uma manifestação espontânea de *estar*. Ao indivíduo que não pertence a esse convívio social, este mecanismo será percebido como um disfarce – que poderá ser contrário à polidez quando compreendido pelo centro do *outro*. Enquanto, o uso da polidez, a depender da atitude, poder-se-á apresentar como uma defesa ante a sociedade (Buarque de Holanda, 1994), uma forma de preservar intacta a sensibilidade e as emoções frente à sociedade (Buarque de Holanda, 1994). A adoção do jeito de estar representado pelo homem cordial está associada à ruptura nos principais pólos de poder – círculo familiar e Estado – e à crise no sistema artesanal e industrial.

Percebe-se, na expansão da “cordialidade”, a busca pelas relações íntimas do círculo familiar e velado, a dificuldade em sustentar-se em si mesmo (Buarque de Holanda, 1994). A expansão do homem cordial é, antes de mais, uma libertação do receio de viver consigo mesmo apoiando em meio às outras pessoas (Buarque de Holanda, 1994).

A hipocrisia revela-se como reação à ação do rito “sabe com quem está falando?” (DaMatta, 1997). Entre as diversas expressões usadas para dirigir-se ao outro, esta em particular marca uma precisa cisão entre as posições sociais, sejam elas reais ou teoricamente diferenciadas (DaMatta, 1997). Revela-se um caráter obscuro do sujeito brasileiro que faz uma “demonstração dos mais violentos preconceitos” (DaMatta, 1997). Uma expressão considerada pela sociedade brasileira como advinda de um sujeito pernóstico e antipático, para além do preconceito subtilmente velado, também se percebe um outro extremo oculto. Esconder tal rito e negar a sua existência desvela uma sociedade em que as formas relacionais são por vezes subtis perante aquele que não é brasileiro ou familiar com a cultura em questão (DaMatta, 1997).

Roberto DaMatta desmembra em três atos o que lhe parece um “drama” do jeito brasileiro. O conjunto dos atos tem, em si, o potencial para ser o jeito malandro

ou o jeito pernóstico do brasileiro. A definição será dada pela abordagem final apresentada para se obter a tal “harmonia”.

O rito do jeito brasileiro remete ao passado em que se rompia o círculo familiar com a imponência, a importância, o poder e a impessoalidade do Estado. No livro *O que faz o Brasil, Brasil?*, Roberto DaMatta (1986) aponta o servidor público como representante da autoridade do Estado entitulado do conteúdo semiótico do mesmo. A disposição arquitetônica separa por um balcão a figura da autoridade do outro aqui percebido como “ninguém” ou do “mais um para o Estado”. Portanto, “[e]ssa distinção entre a humildade de quem chega e a superioridade de quem está protegido pelo balcão da instituição é (...) um elemento forte na hierarquização das posições sociais” (DaMatta, 1986: 99). A demora do funcionário para atender a solicitação leva por fim a um impasse. É no momento em que o impasse se apresenta que se desvela o jeito brasileiro – um recurso de sobrevivência social (DaMatta, 1997). Quando o solicitante se apresenta como “*um alguém que é ninguém nessa cena*”, já estabeleceu um elo comum com o servidor público e agora vir-se-á em uma posição de poder. O jeito malandro apresenta-se como uma posição de poder assim como o jeito pernóstico daquele que faz uso do “sabe com quem está falando?”.

Entretanto, enquanto o primeiro é um pólo harmonioso, o segundo é um pólo conflituoso da mesma situação (DaMatta, 1986). Ambos são encontrados fora do *mundo da casa*, porém o jeito pernóstico de estar do brasileiro é um aspecto aprendido no *mundo da rua* e o seu uso reprimido em todos os círculos sociais (DaMatta, 1997). A hipocrisia emerge quando se reprime uma expressão que é usada no cotidiano das ruas. Esse ciclo entre expressão, repressão e hipocrisia⁶ aponta para uma das muitas problemáticas resultantes da crise entre círculo familiar e Estado.

A expressão “sabe com quem está falando?”⁷ desvela uma revolta do período em que a casa grande possuía sua autoridade e hierarquia respeitada e sem interferência do Estado (DaMatta, 1997) – aquele que, em teoria, põe os seus

⁶ Ciclo: ação/reação/efeito. Ou derivação de se A, então B.

⁷ “Todos têm o direito de se utilizar do “sabe com quem está falando?”, e mais, sempre haverá alguém no sistema pronto a recebê-lo (porque é inferior) e pronto a usá-lo (porque é superior). Aliás, tudo indica que uma das razões sociais do ritual de separação em estudo é precisamente o de permitir e legitimar a existência de um nível de relações sociais com foco na pessoa e nos eixos e dimensões deixados necessariamente de lado pela universalidade classificatória da economia, dos decretos e dos regulamentos”. (DaMatta, 1997, p.195)

cidadãos no mesmo nível hierárquico. Enquanto que com o uso da expressão, em determinadas situações, surge uma revolta; a veemente repressão da mesma pelo brasileiro aponta para uma tentativa de controle da situação. O Estado passa a representar-se no cidadão de maneira “silenciosa” e “indireta” quando busca conter esse aspecto da sociedade. O resultado é a hipocrisia e um jeito pernóstico de *estar*.

Em *Carnavais, Malandros e Heróis* (1997), Roberto DaMatta desenvolve a percepção de que a estrutura social brasileira se baseia numa hierarquia de intimidade social. As relações iniciam-se num distanciamento marcadas pelas posições de trabalho e características económicas. Mais adiante adquirem um envolvimento pessoal e moralidade relativos às relações mais íntimas (DaMatta, 1997). Novamente, procura-se retomar ao círculo da família e expelir o anonimato e indiferença trazidos pelo poder do Estado e do sistema industrial de produção. O resultado desse encontro é, “as relações de trabalho se somam a um conjunto de laços pessoais regidos por valores como a intimidade (...), o respeito (...) e apreciações éticas e estéticas generalizantes (...)” (DaMatta, 1997: 192).

Quando se é um corpo, é-se um organismo vivo, os que lá estão, os são para o mesmo propósito. O indivíduo em meio ao Estado ou ao sistema industrial é apenas mais um. Ou seja, mais um com as mesmas bases, entretanto particularidades de um indivíduo sem a obrigatoriedade de *ser* ou *estar* num “organismo”. Ao ir de encontro às particularidades atribuídas os indivíduos, confronta-se diretamente com as distinções entre os mesmos, ao que desvelam preconceitos, racismos e hipocrisias presentes na sociedade brasileira (DaMatta, 1997). Logo, o uso da expressão “sabe com quem está falando?”⁸ é uma negação do saber ao privar o indivíduo de empoderar-se da sua unicidade. Para além, a expressão também expõe o interlocutor a uma interrogativa não cordial, uma *gritante assertiva*, que por constrangimento recusa uma resposta à pergunta implicada (DaMatta, 1997). O véu do anonimato cai para dar espaço às posições e imposições sociais.

⁸ Outras variantes dessa expressão: “quem você pensa que é?”; “onde você pensa que está?”; “recolha-se à sua insignificância”; vê se te enxerga”; “será que não tem vergonha na cara?”; “mais respeito!” etc. (DaMatta, 1997)

3.1.3 Entre a 'Casa` e a 'Rua`

É suposto recordar-se da base dual que compõe e rege a sociedade brasileira – círculo familiar e Estado, pois esta ganhará uma nova proporção à qual será atribuído o nome “mundo”, pela sua magnitude simbólica e complexidade.

Ao círculo familiar é atribuído o mundo da “casa”, um espaço rigidamente organizado e controlado. Aos ambientes físicos, dele são atribuídos funções específicas e aos familiares e todos os que trabalham para a família são atribuídos papéis sociais hierarquizados (DaMatta, 1997). No mundo da “casa” é percebida uma gradação da intimidade que marca as áreas periféricas ao mundo da “rua” até o “núcleo” do mundo da “casa”, onde o ponto mais íntimo, são os quartos de dormir. Em *Carnavais, Malandros e Heróis*, Roberto DaMatta ressalta a distinção entre os traços presentes no domínio da casa *versus* o domínio da rua:

Minha casa é o local da minha família, da “minha gente” ou “dos meus”, conforme falamos coloquialmente no Brasil. Mas a rua implica uma certa falta de controle e um afastamento. É o local do castigo, da “luta” e do trabalho. Numa palavra, a rua é o local daquilo que os brasileiros chamam de “a dura realidade da vida”. (DaMatta, 1997: 93)

O mundo da “rua”, esse espaço a quem os brasileiros atribuem como “a dura realidade da vida” é regido por um suposto caos quando comparado ao círculo familiar. Um ambiente de constante movimento, ação e acidentes no sentido estrito da palavra. Na rua responde-se ao Estado, às hierarquias entre patrão e empregado, mas também submete-se ao engano, à gafe, à decepção e à malandragem (DaMatta, 1997). Ambos os “mundos” ordenam-se sob a conduta do respeito, cada qual à sua maneira. DaMatta (1997) apresenta uma subcategoria ao mundo da “rua” ao diferenciar o que chama de “minha (ou nossa) rua” da rua em geral. A mesma distinção pode ser percebida quando se faz a distinção de “minha (ou nossa) cidade” em comparação com a cidade em si (DaMatta, 1997). A subcategoria apresenta uma tentativa de aproximação das relações sociais no âmbito do círculo familiar, portanto no espaço urbano (rua, praça, pátio, cidade). Novamente, percebe-se um movimento “*push-pull*” presente desde o início do confronto entre o círculo familiar e o Estado.

Percebidas as distinções entre os “mundos”, há que focalizar numa área com um caráter muito mais feminino que as demais. Dentro da *casa* há um ambiente culturalmente destinado à mulher, a cozinha. É no ambiente da cozinha, em meio ao alimento, à comida e a mulher que a sociedade brasileira irá revelar-se na sua subtil

associação entre o ato de comer e o ato sexual (DaMatta, 1986). Aqui, o alimento adquirido e apresentado no seu estado cru, passará por um processo de cozimento até ser *trans-formado* em comida (DaMatta, 1986). O alimento apresentado no seu estado primeiro (cru), proveniente do mundo da “rua” carrega consigo os signos daquilo que é externo ao mundo da “casa”. Para que o alimento possa ser aceito dentro do que é relativo ao domínio íntimo, precisará ser cozido. Posto que deverá ser socialmente elaborado, ou seja, adequado aos códigos da comida brasileira⁹.

3.2. O mito da mulher brasileira

3.2.1 Entre género, sexo e as descobertas sexuais

Ao longo do dia-a-dia os indivíduos não se apercebem das interações sociais feitas e das distinções atribuídas em cada atitude que acabam por levar às inclinações de género. Um indivíduo tem o seu sexo identificado a partir da gestação, ou seja, as diferenças anatómicas e fisiológicas que definem e diferenciam o corpo masculino do feminino apresentam-se desde cedo. Enquanto o sexo se apresenta como uma distinção corpórea biológica, o mesmo não pode ser dito na conceituação de género – aprende-se a fazer género (Giddens, 2001). Antony Giddens explicita que “todos os aspectos da nossa existência são construídos a partir do género, do tom de voz aos gestos, dos movimentos às normas de comportamento “ (Giddens, 2001: 108). Assim, as diferenças sociais, psicológicas e culturais entre os indivíduos acabam por moldá-los. Portanto, são as “noções socialmente construídos de masculinidade e feminilidade” (Giddens, 2001: 108) que orientam os indivíduos para suas respectivas sexualidades. Ao longo dessa aprendizagem e construção de género, Giddens (2001) explica que as crianças de ambos os sexos são condicionadas por sanções positivas e negativas. É preciso ressaltar que a interação social implica no receptor da sanção em ser activo assim como o emissor da sanção, pois estabelece-se uma troca entre ambos. Ao desenvolver os possíveis cenários, Giddens diz “[u]m rapaz poderá ser positivamente sancionado no seu comportamento por exemplo, (<<És um menino muito corajoso!>>) ou receber uma sanção negativa (<<Os meninos não brincam com bonecas>>)” (Giddens, 2001:110).

⁹ As dualidades cru/cozido, alimento/comida, rua/casa remetem à dualidade inicial de transição na base da sociedade brasileira, ou seja, círculo familiar e Estado.

Nos últimos anos, Giddens (2001) relata que a sociologia tem debatido a possibilidade do sexo ser um facto aprendido tanto quanto o género. Nesse caso, ambos seriam produtos construídos socialmente e sujeitos às suas forças impulsionadoras e de alteração (Giddens, 2001).

O significado de *homem* e de *mulher* dentro da sociedade brasileira extrapola as diferenças de sexo ao acrescentar representações de género relativas ao masculino e ao feminino (Parker, 2009). A cultura brasileira faz associação entre as definições de género e sexo. Assim, elas encontram-se atreladas de tal maneira que a separação desses conceitos resulta numa dificuldade por parte da sociedade – aprende-se desde cedo a fazer esse género de *homem* e de *mulher* (Parker, 2009). Portanto, o *homem* é representado por um ser de superior força, virilidade e actividade assim como potencial para violência ou passível do uso da força; já a *mulher* é representada em contraste como um ser inferior, frágil quando comparada ao *homem*, um ser de beleza e de desejo do outro (*homem*), sujeita à dominação pela organização social do patriarcado (Parker, 2009). Dentro dessa organização social patriarcal, ao *homem* é permitida uma liberdade sexual muito maior quando comparada à mulher que se vê controlada e regulada pela sociedade (mundo da “rua”) e o seu círculo familiar (mundo da “casa”) (Parker, 2009).

Os órgãos sexuais obtêm uma conotação erótica por nomes que constantemente se alteram: “a vagina não é mais um lugar escuro e perigoso, mas sim quente e convidativo, o pênis não é mais uma arma violenta, mas uma fonte de prazer e completude¹⁰” (Parker, 2009: 127, tradução livre). O corpo passa a ser para o prazer e quase todas as suas partes podem ser, de alguma forma, erotizadas: “realmente, o corpo, como um todo, é percebido praticamente em termos estéticos e é na sua totalidade e completude que a beleza se encontra”¹¹ (Parker, 2009: 127, tradução livre). Entretanto, esse prazer ainda se encontra dentro da organização social do patriarcado em que o corpo da *mulher* é erotizado pela sua beleza estética e deverá estar receptiva ao *homem* viril.

¹⁰ “[t]he vagina is no longer dark and dangerous, but warm and inviting, the penis no longer a violent weapon, but a source of pleasure and fulfilment” (Parker, 2009: 127)

¹¹ “[i]ndeed, the body as a whole is approached in almost aesthetic terms, and it is in its totality, its completeness, that its *beleza* (beauty) lies” (Parker, 2009:136).

3.2.2 O passado que se faz presente

A chegada dos portugueses a uma terra brasileira já habitada foi de encontro às diferenças culturais dos europeus do sul e dos povos das terras tropicais. A visão etnocêntrica sobre os povos aborígenes reflete-se nas cartas e na literatura ao longo do período colonial (Parker, 2009).

A metáfora do Éden, apresentada por Richard Parker no seu livro *“Bodies, Pleasures and Passions”* (2009) coloca o aborígine como portador de beleza, sensualidade e inocência. Para o colonizador português, o facto do aborígine não ser circuncidado explicitava a sua inocência presente à nudez desvelada, presente à sensualidade exposta (Parker, 2009). Isso fez com que ele fosse passível de salvação aos olhos do colonizador. Ao mesmo tempo em que esse sujeito inocente, belo e sensual é retratado diversas vezes em cartas e mais cartas (Parker, 2009), a outra face descreve-o como um selvagem e praticante de canibalismo.

Começa-se a construir a imagem daquele que habita as terras brasileiras a partir da percepção ambígua, sexualizada e erotizada do colonizador (Parker, 2009), a partir da percepção dos povos do Norte. Ou seja, esse sujeito das terras brasileiras é um ser belo, de nudez exposta, sensual e selvagem. É um ser exótico a partir do desejo sexual e erótico aos olhos do Outro.

Após séculos de independência, o povo brasileiro incorporou e apercebeu-se como um povo em parte sensual. Porém, esta sensualidade percebida aos olhos dos brasileiros modificou-se e adquiriu outra conotação assim como outros códigos que hoje os distinguem da sensualidade presente na percepção do Outro.

Entretanto, aos olhos das Alteridades, povos de outras nações, os brasileiros ainda podem ser identificados pela sua nudez exposta, e sensualidade, por ser um ser exótico e até mesmo por apresentar mais sexualidade (Parker, 2009). A relação entre sensualidade e identidade encontra-se vinculada ao longo da história na sociedade brasileira.

3.2.3 Da mesa à cama

Numa sociedade relacional como a brasileira, são as nuances que distinguem o *ser*, o *estar* e os códigos de conduta entre os indivíduos. Ao partir de uma percepção ampla do universo feminino, pode-se perceber a conexão entre o ato de

comer e o ato sexual. Especificamente a ligação entre a mulher e os seus desdobramentos dentro do universo femininos e moral (DaMatta, 1986).

O código de comida¹² brasileiro revela uma função de transformação social tão profunda que atravessa a classificação de coisas para penetrar o universo cultural das relações pessoais e das ações morais. Em *O que faz o Brasil, Brasil?* (1986), DaMatta apresenta como equação simbólica a mulher associada à comida, o feminino ao doce e o salgado àquilo que é indigesto e pertencente ao mundo da “rua”. O desejo de “matar a fome” ao comer a carne é transferido para o mundo simbólico (Parker, 2009). A carne passará a ser o corpo sensualizado e a “fome” o desejo por sexo. É neste momento que se transfere o acto de comer para a cama e, com isso, a submissão da *mulher* para o mesmo mundo simbólico. Em ambos os casos a satisfação e o desejo relacionam-se como se as questões atribuídas ao desejo fossem da ordem da necessidade e, por isso, exigem a sua satisfação (Parker, 2009).

Essa mulher que é associada à comida, ao cozido que é produzido no calor e no aconchego do lar, difere da mulher da rua, do alimento cru e bruto que nunca foi manipulado pela mão alheia para que lhe pudesse dar a forma desejada. Essa mulher é percebida nos versos dos poetas nas músicas de samba e nas literaturas ricas em ervas, especiarias, metáforas e cor¹³. Pois,

a mulata¹⁴ é sujeito: manjerição, cravo e baunilha nas de Aluísio Azevedo (O cortiço, 1890); cravo, canela e alecrim nas de Jorge Amado (Gabriela, cravo e canela, 1958; Tenda dos milagres, 1969); mandioca doce nas de João Felício dos Santos (João Abade, 1958). (...) [N]o verso de Lamartine Babo

¹² O código da comida encontra-se tão presente na sociedade brasileira que, por sua vez, apresenta diversas expressões como: “pão-duro”, “comer pão dormido”, “pão, pão, queijo, queijo”, “gato por lebre”, “água na boca”, com a faca e o queijo na mão”, “comer do bom e do melhor”, “mulher oferecida não é comida” (DaMatta, 1986)

¹³ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estabelece a atribuição de identificação étnico-racial pela cor ao próprio indivíduo. Ou seja, o IBGE não atribui cor ou “raça” à nenhum indivíduo, o que torna os dados apresentados pelo CENSO passíveis de diferentes interpretações. Portanto, de acordo com o Censo 2010, o Brasil apresenta 47,7% de sua população residente branca, 43,1% parda e 7,6% negra (Censo, 2011). Santa Catarina e Rio Grande do Sul são os estados com a maior população branca em respectivamente 84% e 83,2%. O contraste surge quando Bahia e Rio de Janeiro mantêm-se como os estados de maior população negra em respectivamente 17,1% e 12,4%. A proporção de pardos é acima de 50% na região Norte e Nordeste e aproximadamente 50% na região Centro-oeste. As regiões com menores percentagens de indivíduos que identificam-se como pardos podem ser encontrados em ordem decrescente na região Sudeste e Sul (Censo, 2011).

¹⁴ A palavra mulata advém de “mula”, animal híbrido incapaz de reproduzir-se (DaMatta, 1986). Entretanto, a sociedade brasileira conseguiu reverter este significado do negativo para o positivo. Ainda percebido como um “encontro de cor”, a mulata encontra-se presente para além da definição de sexo. Há a mulata e o mulato no enquadramento do género literário, tanto como agente social quanto como objecto social (Corrêa, 1996)

(O teu cabelo não nega, 1932): “Tens um sabor/bem do Brasil”. Além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesse e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, desejável.” (Corrêa, 1996: 30)

A associação entre mulher e comida faz-se desde o momento dos aperitivos à sobremesa. O acto sexual é um acto de comer proferido pelo sexo masculino que, por sua vez, são percebidos dentro da sociedade brasileira como sexualmente vorazes (DaMatta, 1986). Aqui, a mulher é envolvida pelo “comedor” demonstrada em submissão sexual. Numa relação heterossexual brasileira, o homem “come” e a mulher é “comida”. Portanto, dentro dessa percepção é

a mulher que põe à disposição do grupo e da família seus serviços domésticos, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva torna-se fonte de virtude que, na sociedade brasileira, se define de modo pastoral e santificado. É a virgem, a esposa e a mãe que reside nas casas e que jamais é comida ou poderá virar comida: presa fácil de homens que se definem como sexualmente vorazes. Ou melhor, tais mulheres podem ser comidas, mas primeiro são transformadas em noivas e esposas. (DaMatta, 1986: 58)

Mesmo em meio a um cenário de submissão pela força do *homem*, a *mulher* brasileira constantemente busca sua emancipação e a libertação dos estereótipos. Um exemplo pode ser dado com a popularidade da telenovela “Gabriela” em Portugal. A simplicidade e profundidade com que as personagens femininas se apresentavam e instigavam o público a debater questões relativas à política e género, conquistavam a identificação e a admiração das portuguesas (Ferin, 2003). A mulher brasileira saiu da posição de passiva, “comida”, para ativa e dona de si em meio aos homens que ainda viviam sob a cultura do desejo e do código de comida. Para as portuguesas em 1977, a telenovela “Gabriela” representou “novos modelos estéticos da mulher (formas de valorizar e utilizar o corpo), como éticas de comportamento feminino, fundados na valorização das características físicas e intelectuais” (Ferin, 2003: 68).

3.3 Os Jovens Brasileiros

Nos últimos 65 anos, a população brasileira passou por uma transformação sob a condição da migração interna e o processo de industrialização. Hoje apresenta-se como uma população de jovens e jovens adultos filhos de pais que cresceram durante o período da Ditadura Militar. Enquanto os jovens nascidos entre 1980 e 1988 já vieram de uma realidade moldada pela tecnologia, os adultos tiveram

que se adaptar à intensa e rápida revolução tecnológica que, no espaço de 10 anos, fez com que *smartphone*, conexão 3G, rede Wifi, Youtube, Skype e diferentes redes sociais fizessem parte da linguagem do cotidiano do brasileiro (Dossiê Universo Jovem MTV, 2012). Dos 64 milhões de jovens entrevistados, o Dossiê Universo Jovem MTV (2012) aponta que 54% com mais de 18 anos estuda até o ensino médio e, portanto o acesso à universidade ainda permanece maior entre estudantes da classe A, em 39%. Entre esses jovens percebe-se que, quanto mais alta a classe social maior é a incidência de jovens trabalhadores. Percebe-se uma distribuição percentual de jovens trabalhadores por classe respectivamente em: classe A com 57%, classe B com 53% e classe C com 49%. Em 2012, a renda média em reais desses jovens assalariados encontrava-se em R\$947,17¹⁵. Apenas 33% dos jovens

Gráfico 07 – Os valores dos jovens
Fonte: Dossiê MTV V, 2010.

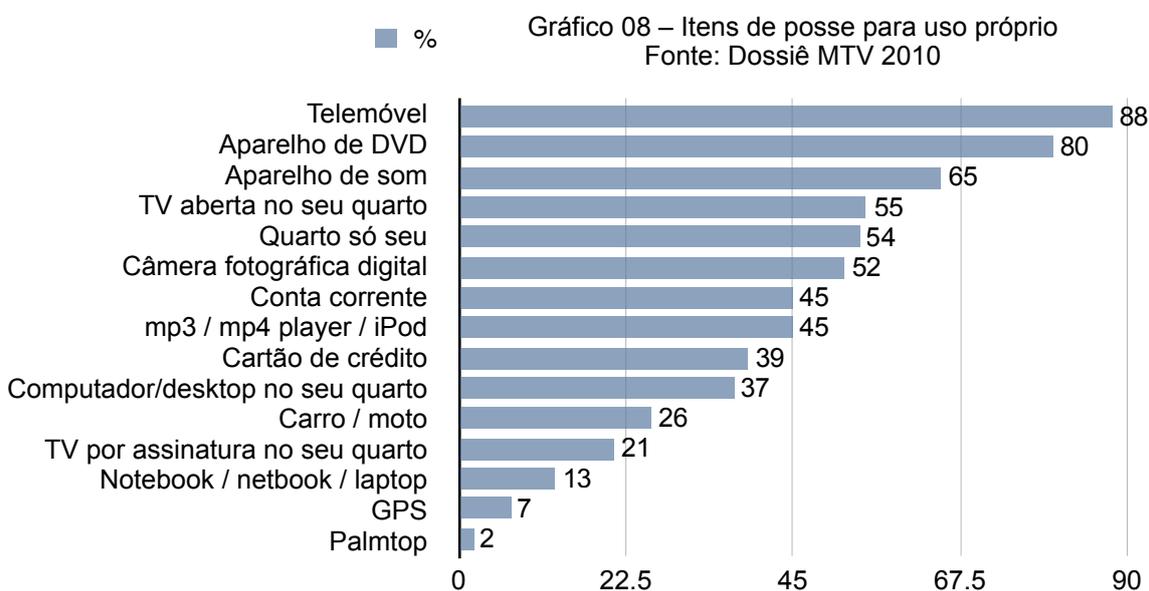


- A – Ter união familiar, ter uma boa relação familiar
- B – Ter uma carreira, ter uma profissão
- C – Viver em uma sociedade mais segura, menos violenta
- D – Ter independência financeira
- E – Ter amigos
- F – Ter fé, crer
- G – Ter uma vida tranquila, sem correrias excessivas, sem stress
- H – Divertir-se e aproveitar a vida
- I – Viver numa sociedade com menos desigualdade social
- J – Poder comprar mais; poder comprar o que quiser
- K – Ter saúde física, ser bonito
- L – Ter uma casa própria

¹⁵ A conversão da renda média para euro é de €268,56 em que €1,00 equivale à R\$3,53 (conversão feita em Julho de 2015)

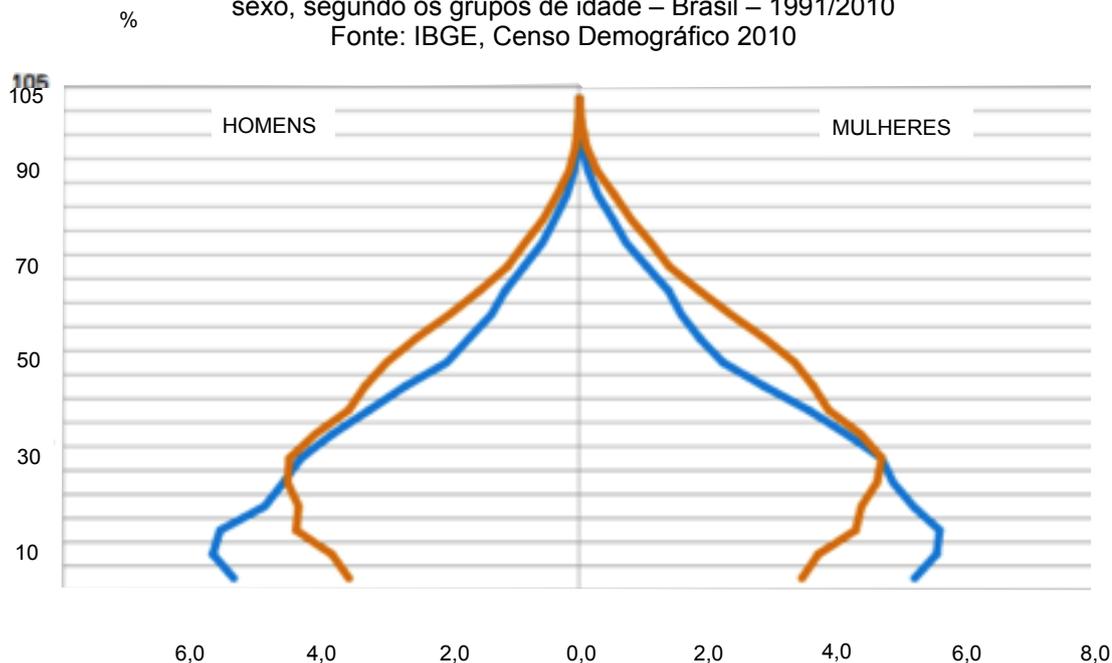
faz uso de carro como transporte, 60% desloca-se principalmente por meio de transporte público, enquanto 59% se desloca a pé. (Dossiê Universo Jovem MTV, 2012). Desses jovens, 29% são casados e 32% têm filhos (Dossiê Universo Jovem MTV, 2012).

A tríade “família-carreira-segurança” ainda tem presença forte na construção valorativa e moral do jovem brasileiro. Entretanto, o jovem de final dos anos 1980 em diante, final da geração X e início da geração Y, apresenta-se mais consumidor, com tendência à socialização e ao hedonismo. Surge uma segunda tríade com forte presença no cotidiano. Percebe-se que, nos três anos anteriores (2008, 2005 e 1999) os valores seguiam um certo movimento padrão que poderia modificar em maior ou menor percentagem. Entretanto, em 2010 esse padrão altera-se por completo. Dentro da tríade família-carreira-segurança, percebe-se que 86% valoriza uma união familiar e ter uma boa relação familiar, em seguida 86% focaliza a carreira profissional. O Gráfico 08 de valores dos jovens aponta para uma certa homogeneidade entre o “valor D”, ter uma independência financeira, e o “valor J”, poder comprar mais, poder comprar o que quiser (valor de correlação entre ‘D’ e ‘J’ é 0,975).



Portanto, há uma associação direta entre o desejo de consumo e o conceito de hedonismo. Este é um jovem que leva mais tempo para sair de casa dos pais e tem uma concepção de sucesso relacionada ao reconhecimento, à independência financeira e à qualidade de vida. Ou seja, é um jovem que possui uma concepção de

Gráfico 09 – Composição da população residente urbana, por sexo, segundo os grupos de idade – Brasil – 1991/2010
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010



sucesso atrelada à realização profissional, uma mistura de idealismo que o faz buscar os próprios sonhos e praticidade que o coloca em contacto à vida profissional e a prática do dia-a-dia. A busca pelos próprios sonhos acaba por fazê-lo sair de casa mais tarde. Entretanto, este não é o único factor. Esse jovem busca uma estabilidade financeira para, assim, lançar-se para fora do ninho. Tal estabilidade é o que irá proporcionar-lhe a entrada no consumo sem a dependência familiar – “poder comprar o que quiser” (Gráfico 09). Será por meio do consumo que o jovem da actual geração consolidará sua identidade individual e em grupo. Uma identidade fluida, elaborada sobre uma base-estrutura de tempo, movimento e mutação.

Em comparação ao Dossiê 2008, percebeu-se que 65% dos jovens prefere ganhar menos e trabalhar em algo que goste (Dossiê 2008 apud Dossiê Jovem MTV, 2012). Entre as diversas atividades proferidas pelo jovem brasileiro, assistir televisão, ouvir música, dormir, estar com os amigos, ver DVD, ir ao shopping e navegar na Internet encontram-se entre as mais praticadas entre os anos de 2008 e 2010 (Dossiê 2008 apud Dossiê Jovem MTV, 2012). Falar ao telemóvel tornou-se uma atividade de relevância, visto que em 2008 apresentava uma percentagem em 77%, e em 2010 subiu para 88% (Gráfico 09); assim como conversar em redes sociais, com um aumento significativo entre 2008 (44%) e 2010 (89%) (Dossiê 2008 apud Dossiê Jovem MTV, 2012).

A geração nascida na década de 1980 cresceu imersa numa linguagem tecnológica e digital que veio a ter mais fluência e importância no quotidiano dos brasileiros. A partir do século XXI o país enfrentou uma nova revolução voltada para a Era Digital com a entrada de wifi, smartphones, 3G, etc . Em 10 anos a cara e o comportamento do adulto brasileiro mudou muito por influência desses jovens engajados no mundo digital e em *gadgets* (Box 1824, 2014). O tempo tornou-se obsoleto assim como os bens consumidos. O meio e o conteúdo misturam-se e muitas vezes tornam-se indistintos a esse jovem que já não vê fronteiras e sim fluidez (Box 1824, 2014). Criou-se uma necessidade de troca pela questão do obsoleto, o que leva essa geração a uma ansiedade crónica, portanto

[a]o mesmo tempo existe uma sensação de que algo foge ao controle, pois 'tudo está sempre mudando', sempre à frente do que podemos imaginar ou planejar. A tecnologia anda mais rápido que a gente – inclusive mais rápido que os próprios jovens: eles também têm dificuldades em acompanhar lançamentos de aparelhos, softwares e meios de comunicações (Box 1824, 2014: 11)

Após a intensa e contínua migração da população rural para o meio urbano, a composição da população residente urbana preserva-se maioritariamente jovem. Apesar de haver um número maior de natalidade do sexo masculino, a mortalidade do mesmo sexo faz com que haja uma predominância no país do sexo feminino (Censo, 2011). A entrada activa dos jovens adultos entre os 25 e 29 anos no mercado de trabalho (Censo, 2010) registra para além da possibilidade de entrada no consumo sem a dependência familiar. Há também uma influência directa e indirecta sobre os grupos em que se encontram inseridos, pois eles são capazes de consumir e influenciar. Já os jovens mais novos actuam mais como influenciadores.

De acordo com o Censo de 2010, o rendimento nominal médio mensal dos brasileiros a partir de 10 anos de idade é de R\$ 1.202,00. (tabela 04) Pode-se traçar um paralelo entre as regiões com maior rendimento nominal médio mensal e o percurso de investimento tanto financeiro quanto cultural no país – as regiões são apresentadas respectivamente em ordem decrescente de investimento/rendimento nominal médio mensal: Sul; Sudeste; Centro-oeste; Norte e Nordeste. Nesse caso, a região Sul apresenta o maior investimento financeiro e cultural, com isso maior crescimento e industrialização, entretanto, é a terceira em rendimento nominal médio mensal em R\$1.282,00 (Censo, 2011). Já a região Centro-oeste teve o seu maior investimento no período de desenvolvimento do Distrito Federal, Brasília, e hoje

encontra-se como a região de maior rendimento nominal médio mensal em R\$ 1.422,00 (Censo, 2011). Independente das regiões e do facto das mulheres serem a maioria em todo o país, todas apresentam uma elevada redução de rendimentos, certamente atribuída ao género.

Tabela 04 – Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, por sexo, e percentual do rendimento nominal médio mensal das mulheres de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, em relação ao dos homens, segundo as Grandes Regiões – 2010
 Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Grande Regiões	Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, com rendimento (R\$)			Percentual do rendimento nominal médio mensal das mulheres de 10 anos ou mais de idade, com rendimento, em relação ao dos homens (%)
	Total	Sexo		
		Homens	Mulheres	
Brasil	1,202	1,392	983	70,6
Norte	957	1,072	809	75,5
Nordeste	957	935	673	72,0
Sudeste	1,396	1,611	1,142	70,9
Sul	1,282	1,486	1,045	70,3
Centro-Oeste	1,422	1,614	1,180	73,1

Notas:
 1. Os dados de rendimentos são preliminares;
 2. Exclui-se as informações das pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal.

Ao levar-se em consideração os dados apresentados no Dossiê MTV 2010, percebe-se que há uma relação entre trabalho e classe social – quanto mais alta a classe maior a incidência de jovens trabalhadores. Ao mesmo tempo é preciso considerar que o Datafolha classifica a situação socioeconômica do país em 04% classe A, 33% classe B, 47% classe C e 17% classe D. Neste quadro, 36% recebe até 2 salários mínimos e apenas 06% recebe mais de 10 salários mínimos.

A percepção sobre o que é sucesso para essa geração muda quando em comparação às gerações anteriores. Esses jovens almejam um trabalho em que possam conjugar realização pessoal, felicidade, sentido de vida e o realismo necessário à prática (Box 1824, 2010). Portanto, “[o] trabalho é cada vez menos

visto como necessidade, e cada vez mais como elemento de realização e expressão” (Box 1824, 2010).

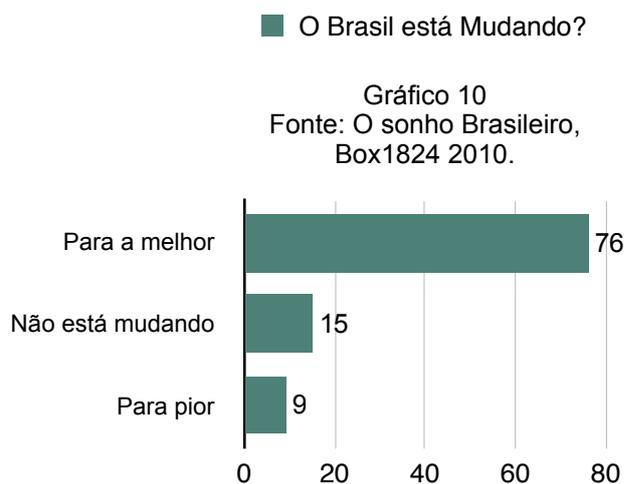
Entre os jovens entrevistados para o Dossiê MTV 2010, 54% com mais de 18 anos só estudava até o ensino médio. Esse dado aponta que o ensino acadêmico universitário ainda é seletivo, favorecendo as classes de maior poder aquisitivo (Dossiê MTV, 2010). A pesquisa *O Sonho Brasileiro*, elaborada pela ONG O Sonho Brasileiro e a Box 1824 revela que 55% tem como maior sonho a formação profissional¹⁶ e o emprego, seguido do sonho da casa própria em 15% (tabela 05). Entre 79% dos jovens que actualmente não encontram-se no ensino superior, 77% almejam obter o seu diploma. Esse desejo de obter um diploma superior perpassa todas as classes sociais, a classe AB apresenta 79%, classe C 77% e a classe D/E 74% de desejo em cursar o ensino superior (Box 1824, 2010).

Tabela 05 – Qual é o seu maior sonho? (respostas obtidas na fase quantitativa do estudo) Fonte: O Sonho Brasileiro, Box 1824, 2010.				
Formação Profissional e Emprego	Casa Própria	Dinheiro	Família	Carro / Moto / Eletrodomésticos
55%	15%	9%	6%	3%
Sendo: 24% profissão dos sonhos 16% emprego (questões funcionais) 15% educação / estudos	–	Sendo: 5% ficar rico 4% estabilidade financeira	–	–

Apesar de 06% dos jovens terem como sonho constituir família (tabela 05), em comparação aos principais valores de se ter uma família 86%, e se ter uma carreira ou profissão 86%, viver em uma sociedade mais segura e menos violenta 82% e ter independência financeira 80% (Dossiê MTV, 2010). A tríade família-carreira-segurança (gráfico 08) ainda possui forte presença na vida do jovem e por sua vez, acaba por refletir em seu comportamento. A saída tardia da casa dos pais traz ao jovem mais segurança para perseguir seus próprios sonhos em busca de uma concepção particular de sucesso (Dossiê MTV, 2010).

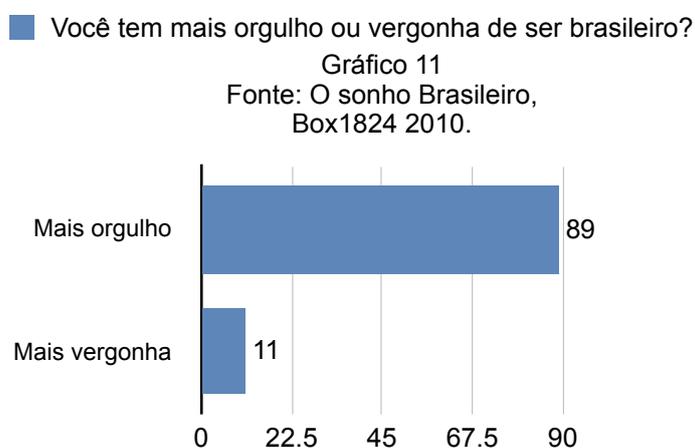
Entre os jovens entrevistados na fase quantitativa para a pesquisa *O Sonho Brasileiro*, a maioria mostra ter orgulho em ser brasileiro, 89% da amostra. Essa geração de jovens sonha em obter mais respeito e cidadania (39%), e oportunidade

¹⁶ Ser empreendedor, administrador, montar o próprio negócio representa a maior fatia deste grupo em 4% (Box1824, 2010).



para todos (28%); 87% dos jovens dessa geração acreditam que o Brasil tem um papel de importância no mundo nos dias de hoje (Box 1824, 2010). Dinheiro representa muito mais que apenas ficar rico (5%), representa estabilidade financeira (16%) (Box 1824, 2010).

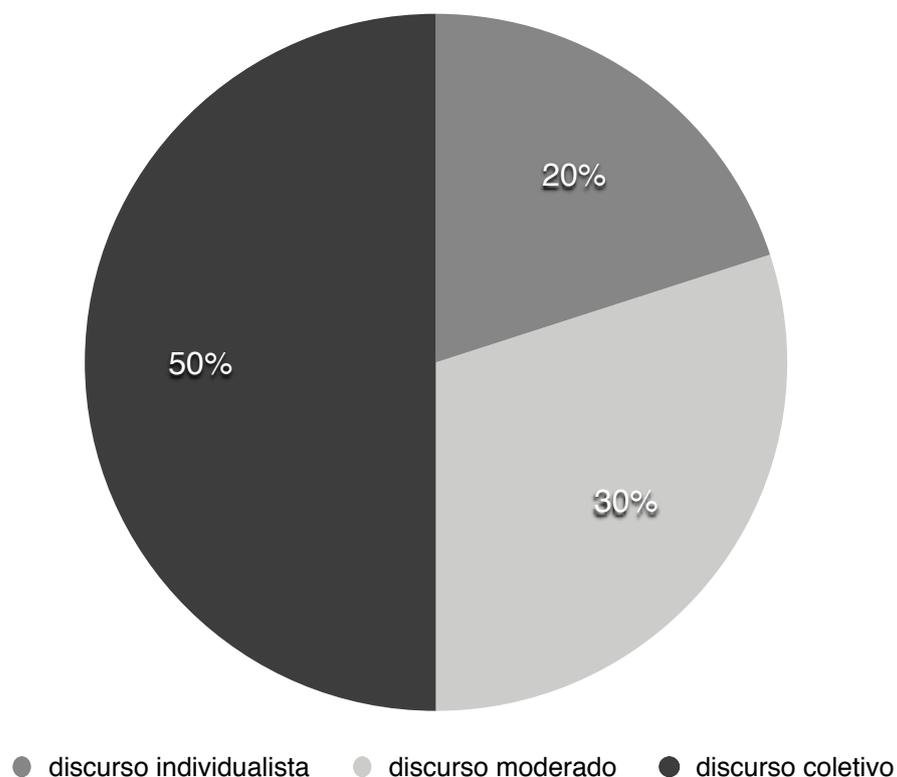
Essa é uma geração que une o idealismo ao realismo/prático¹⁷ – os pés estão no chão e a cabeça segue nas alturas onde tudo é possível. Esses jovens, 76%, acreditam que de uma forma geral, o Brasil está mudando para a melhor (gráfico 11) e 89% demonstram muito orgulho em serem brasileiros (gráfico 12). Nessa geração pode-se perceber jovens como agentes transformadores – 56% acreditam que agindo com honestidade no cotidiano são capazes de mudar o Brasil e 30% acreditam que a transformação pode ocorrer ao aproveitarem as oportunidades que o país oferece (Box 1824, 2010). Aqui o indivíduo faz parte de um coletivo de diversas formas (gráfico 13), sozinho ele é incapaz de ser. O discurso em prol do coletivo pode ser percebido em 50% dos jovens, enquanto 30% apresenta um discurso moderado (gráfico 13). Os valores que fazem parte do mundo da



¹⁷ Geração *Millennials*.

‘casa`e do mundo da ‘rua`dessa geração de jovens permeia constantemente o coletivo, seja pela questão da família, profissional, direitos humanos, tecnologia e redes sociais, consumo e publicidade. Essa geração é impulsionada à hiper-exposição de informação e ao hiper-contacto – “74% dos jovens brasileiros afirmam ‘se sentir na obrigação de fazer algo pelo coletivo no seu dia-a-dia’” (Box 1824,2010).

Gráfico 12 – Jovens mais conectados com...
Fonte: Sonho Brasileiro, Box 1824 2010,
Pesquisa Qualitativa Datafolha.



A americanização da cultura pela arte *pop* dá à forma um realismo e, concomitante, a uma permeabilidade homogênea que irá massificá-la e inseri-la como pertencente à sociedade de consumo e da cultura contemporânea (Baudrillard, 2011). A integração à realidade, à indústria cultural e ao consumo torna o movimento da obsolescência cada vez mais acelerado. Para lidar com essa questão, Baudrillard (2011) apresenta a reciclagem cultural, um conceito desenvolvido com base em “reciclar a natureza condenada na sua própria existência” (Baudrillard, 2011: 126). Ao longo de décadas, a cultura tende a absorver para si símbolos, ritos e comportamentos exteriores à ela, na tentativa de uma homogeneização em processo contínuo de aprimoramento (Canclini, 1995). Resulta desse fenômeno uma “cultura internacional popular” apresentada por uma comunidade transnacional de consumidores (Canclini, 1995).

Com o conceito de menor múltiplo comum (MMC), Baudrillard (2011) desenvolveu a menor cultura comum (MCC). O espaço do rádio e da imprensa passa a ser utilizado para a multiplicação de obras artísticas com o intuito de propagação para as massas. Portanto, “[a] multiplicação de uma imagem corresponde à multiplicação do público, que suscita fatalmente [!] lugares de encontro com semelhante imagem” (Baudrillard, 2011: 133). A arte em função do público como imagem sem as qualidades artísticas, mas sim as qualidades pertencentes à indústria cultural – a ironia da “virtude” da fábrica, da sua tiragem ilimitada e a vulgarização da qualidade e do significado da obra em si. A obra de arte desprovida dos seus signos artísticos é apenas técnica aplicada a um objeto que será replicado. Apesar da ausência dos signos artísticos, há necessidade de atribuir significado e constituir novos signos. Baudrillard (2011) aponta que a auto-referência e a auto-significação por parte da cultura de massa, faz com que seja veiculado uma ideologia onnipotente de leitura do mundo por meio de um sistema de signos, em que a mensagem é totalitária e voltada para uma sociedade de consumo.

Appadurai (1996), por sua vez, aponta para um permanente tráfego de ideias entre pessoas e indivíduos a criar comunidades imaginárias através de um nacionalismo que perpassa o mundo sem barreiras. A “explosão tecnológica”, referida por Appadurai (1996), teve maior influência na área da comunicação com a propagação da informação. Entrou-se na condição de *neighborlines*. O conceito de rizoma apresentado por Deleuze e Guattari (2000) desvela-se como uma possibilidade de explicação para os acontecimentos contemporâneos. A fluidez com que os mesmos surgem e, ao mesmo tempo, se desfazem são orgânicos, com capacidade de funcionamento próprio e em conjunto. No entanto, há uma ironia e uma resistência presente na formação de um sistema cultural global. Por vezes, nações aprenderam a mimetizar comportamentos a levar a uma *americanização* pelo passado que não vivenciaram. Esse comportamento é explicado por Fredric Jameson como “nostalgia pelo presente”, uma nostalgia sem memória. O imaginário social é largamente construído com base no conceito de *retorno*.

A entrada na “Era Pós-nostalgica” (Appadurai, 1996) apresenta-se com uma complexidade de construção transnacional do panorama imaginário em que a imaginação é percebida como uma prática social. Entre os “mundos imaginários” desenvolvidos por Appadurai (1996), o *ethnoscapes* constitui o “mundo étnico” composto por turistas, imigrantes, trabalhadores, exilados, refugiados, convidados e qualquer outro grupo em movimento. O *technoscapes* compõe a configuração global e fluida no sector tecnológico, mecânico e informal. Enquanto *mediascapes* se refere ao mundo que é capaz de produzir e disseminar informação, *ideoscapes* referem-se à concentração de imagem e percepção política. Por isso mesmo Appadurai (1996) interconecta esses dois “mundos” entre si. Por fim, Appadurai (1996) refere-se ao *financescapes* como o “mundo dos capitais”.

A relação fluida entre os “mundos imaginários” de Appadurai (1996) faz com que seja percebida uma imagem colectiva resultante do processo de homogeneização e da cultura de massa (Baudrillard, 2011). Narra-se uma multiculturalidade em constante produção de identidade de si por si mesma (Canclini, 1995).

Ao transpor essa narratividade multicultural para o espaço dos *media*, percebe-se que a relação audiência/recepção apresentada por Hall (1980) em *Encoding/Decoding*. O consumo ocorrerá por meio do significado decodificado em

práticas sociais. Portanto, o valor é agregado aos momentos e às condições de existência (Hall, 1980). Hall (1980) argumenta que um evento somente pode tornar-se um evento de comunicação a partir do momento que se transforma em história¹. Com isso o discurso altera-se, junto com a forma e a aparência da mensagem.

Nesse caso, a televisão, a audiência passa a ser a fonte e a receptora das mensagens. Nesse caso recepção está diretamente relacionada com o consumo (Hall,1980). Assim, Orozco (2001) clarifica o *ser* audiência em quatro pontos. Primeiro há uma transformação substancial da estrutura do sujeito, as antigas formas de classificação já não se aplicam. Abre-se espaço para o que Orozco (2001) chama de espiral de “*massmediación globalizante*”. A forma com que esses sujeitos interagem e, portanto, consomem faz com os que seus vínculos fundamentais como sujeitos sociais sejam alterados tanto com o entorno quanto com a produção de conhecimento (Orozco, 2001). Por fim, Orozco (2001) apresenta o sujeito social da audiência num constante estado de movimento e transformação espaço-temporal apresentado pelo “estar-sendo”. A junção de *ser* e *estar* faz com que esse sujeito presente na construção de sua identidade um ímpeto por consumo concomitante com as necessidades e os desejos, muitas vezes sem distinguí-los.

4.1 Os *Media* e o cenário de Portugal

O relatório do Observatório de Imigração, “*Media, Imigração e Minorias Étnicas I*” (2004) já apontava a importância de um tratamento diferenciado para a imigração, visto que as diversas comunidades, origens e culturas compunham uma imagem cada vez mais definida e diversificada entre os imigrantes. Sobretudo a partir da década de 1990, na qual os imigrantes residentes em Portugal e as minorias étnicas passam a adquirir uma maior visibilidade nos meios de comunicação (Ferin, 2004a apud Filho, 2008).

O imigrante passa a ser analisado em relação à população de acolhimento e a percepção que lhe é dada nos meios de comunicação social. A área passa a ter tamanha importância que “começa a ter jornalistas especializados no acompanhamento dos temas da imigração, sobretudo na imprensa, o que favorece um tratamento mais aprofundado de alguns aspectos e mesmo a elaboração de dossiers de fundo” (*Media, Imigração e Minorias Étnicas I*, 2004).

¹ *Story*.

Ferin & Santos (2004) retratam o ano de 2003 como um período económico e politicamente difícil para os portugueses, pois correspondeu a uma retracção económica, acompanhada de uma diminuição do Produto Interno Bruto, contração do consumo privado e público por contenção salarial e aumento do desemprego. Em associação a esse cenário, o governo de coligação PSD/PP/CDS possuía como principal objectivo de governação o controle do défice público por meio de intervenções com base em políticas de compressão do Estado e abertura para que houvesse mais espaço para actuação da economia privada. Esse também foi o ano da Guerra do Iraque (20 de Março). O Governo português acabou por tomar uma posição a favor da intervenção proposta pela administração Bush, com o apoio da Grã-Bretanha, (Ferin & Santos, 2004). Feri & Santos (2004) ressaltam que em 16 de Março, ocorreu a Cimeira das Lajes nos Açores com a presença dos primeiros ministros de Portugal e Espanha, o chefe de governo inglês e o presidente norte-americano, ainda no mesmo ano em 12 de Novembro o país envia ao Iraque um contingente da Guarda Nacional Republicana. Em Julho de 2003, o então presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, em visita a Portugal acorda com o governo um período extraordinário de regularização dos imigrantes brasileiros em situação ilegal (Ferin & Santos, 2004).

O cenário de 2004 difere um pouco do ano anterior. O técnico brasileiro de futebol, Luiz Felipe Scolari, mais conhecido como “Felipão”, entra como treinador da selecção futebolística de Portugal em plena crise económica em 2003 e permanece até 2008. Enquanto a Europa presenciará o Euro 2004 e Portugal viverá momentos de patriotismo e esperança em torno de sua selecção nacional (Ferin & Santos, 2006), o restante do mundo apresentará cenários de dispersão e, até mesmo caos. No dia 11 de Março, Madrid sofreu o ataque terrorista² com 10 bombas e 191 mortos. No mesmo mês de Março, o líder socialista Rodriguez Zapatero³ é eleito pelas legislativas na Espanha. Em Abril, é anunciado o fechamento da prisão iraquiana de Abu Ghraib⁴, sítio em que militares norte-americanos perpetuavam torturas em detentos (Ferin & Santos, 2006).

² Fonte: http://www.dn.pt/especiais/interior.aspx?content_id=1034585&especial=11%20de%20Mar%20%E7o&seccao=MUNDO

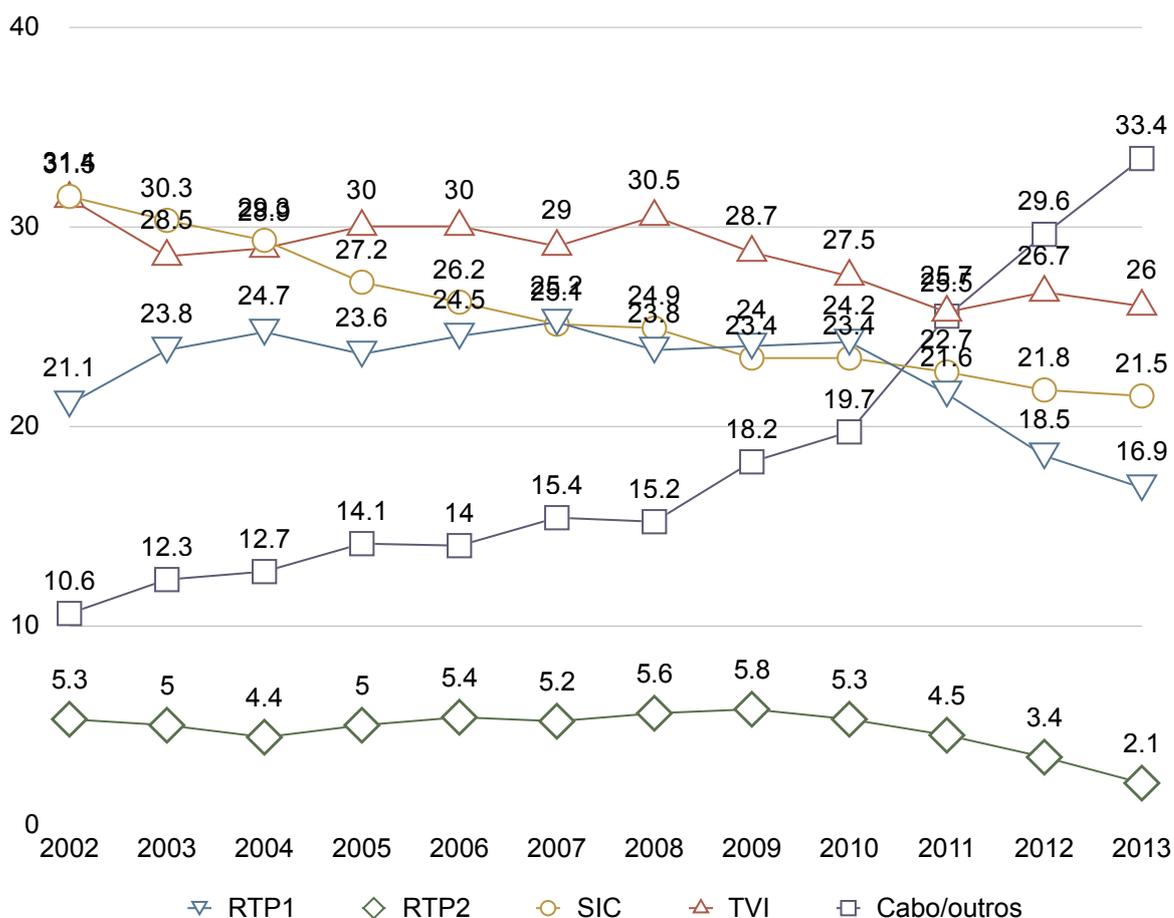
³Fonte: http://elpais.com/diario/2004/03/15/portada/1079305201_850215.html

⁴ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/04/1441392-iraque-fecha-abu-ghraib-prisao-que-virou-simbolo-de-torturas.shtml>

Após o término do campeonato de futebol, Euro 2004, a agenda dos *media* volta-se para as questões internas de Portugal. Durão Barroso aceita presidir a Comissão Europeia e Pedro Santana Lopes toma posse como Primeiro Ministro em 17 de Julho (Ferin & Santos, 2006). No entanto, Ferin & Santos (2006) apontam que as “descoordenações existentes no interior do Governo de Santana Lopes em matéria de comunicação política e a incapacidade do Primeiro Ministro em construir uma imagem credível e coerente com as suas funções de Estado vão agudizar as tendências de tabloidização e espetacularização presentes nos Media portugueses” (Ferin & Santos, 2006: 16).

Portanto, os meios de comunicação portugueses apresentarão uma relação conflituosa entre poderes políticos e grupos de interesses dos Media e Telecomunicações. As agenda-settings passarão a ser pautadas a partir das assinaturas de acordos de auto-regulação entre sectores públicos e privados, assim

Gráfico 13 - Evolução Média Anual do Share Global, 2002-2013
 Fonte: OberCom, 2013.

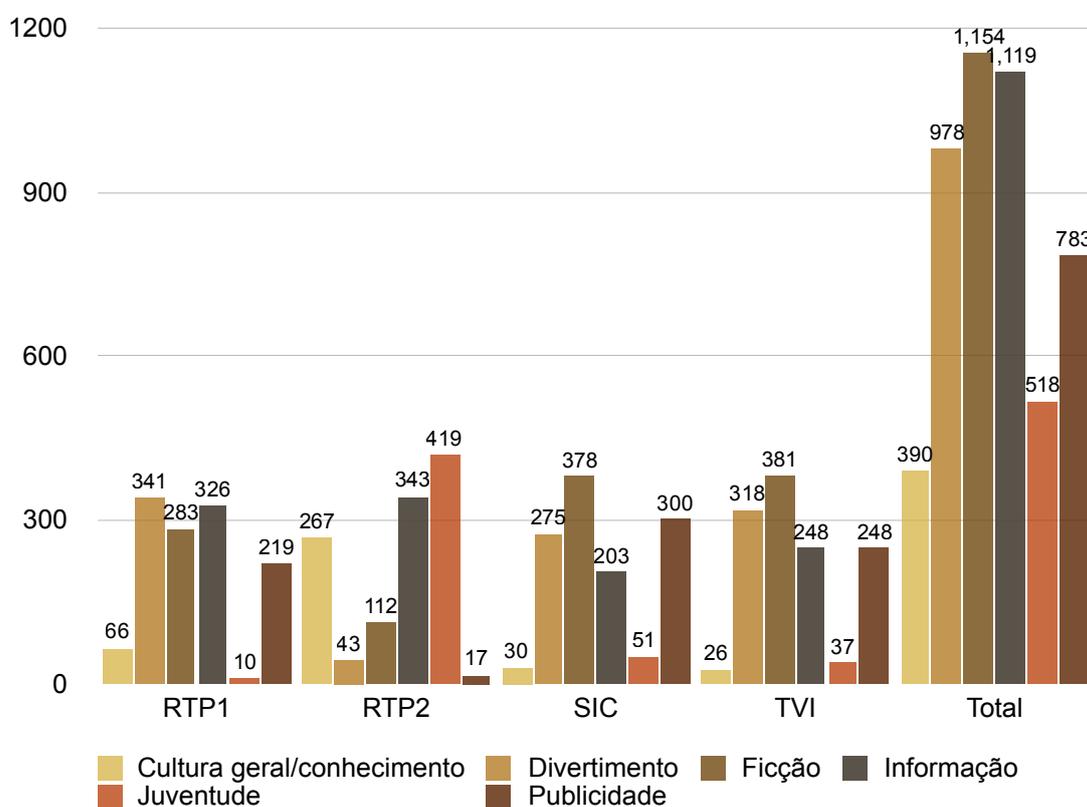


como a tentativa do próprio Governo de condicionar a actuação dos meios de comunicação social (Ferin & Santos, 2006). O segundo semestre de 2004 apresenta

agendas voltadas para a temática do aborto, a eleição de José Sócrates para secretário-geral do Partido Socialista e de Jerónimo de Sousa para dirigente do PCP (Ferin & Santos, 2006).

Segundo o Anuário OberCom 2013, a estrutura do mercado televisivo português mudou bastante nos últimos doze anos. Os canais públicos estatais, RTP1 e RTP2, apresentaram uma queda significativa ao longo do quadro. Para além, os últimos dois anos avaliados mostram que a queda do *share*, da RTP1 e da RTP2, segue em uma correlação exata de 1, enquanto os canais públicos da SIC e TVI apresentam uma queda mais lenta. A partir de 2009, houve uma ascensão contínua do grupo de canais a Cabo e outros, ao ponto do conjunto representar o

Gráfico 14 - Tempo Médio Diário de Emissão por Género de Programa em 2013 em minutos Fonte: OberCom, 2013.

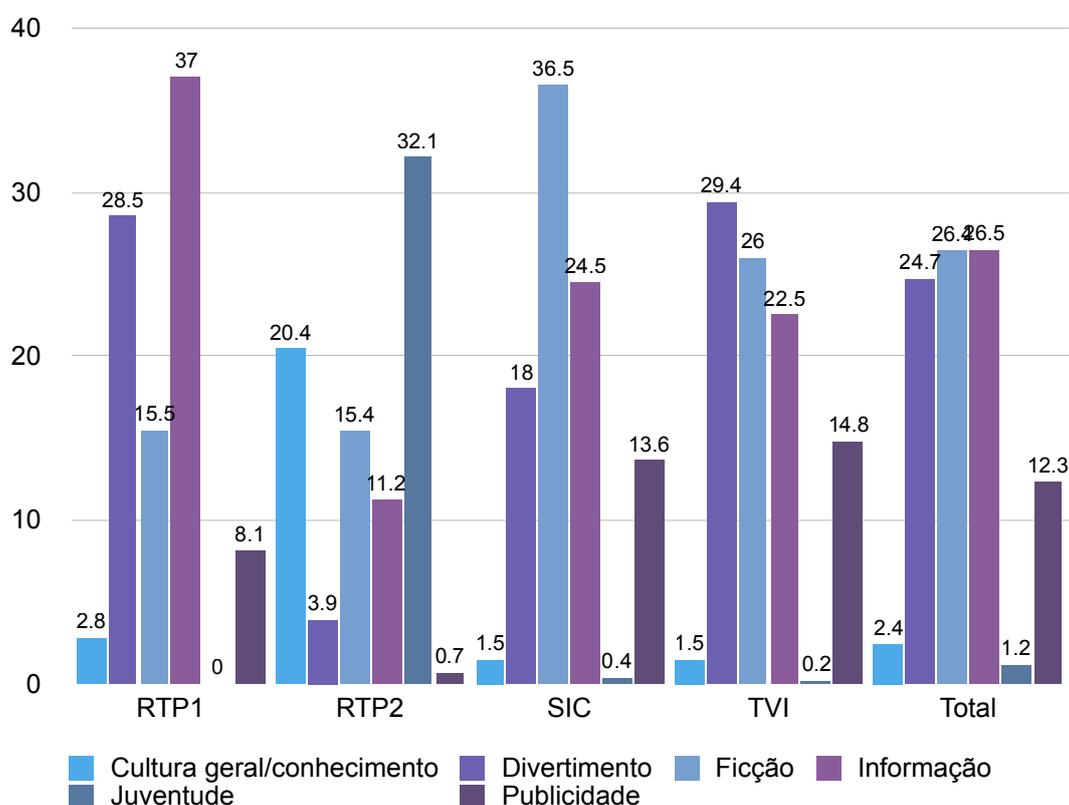


maior *share* de mercado até a última avaliação em 2013, com um *share* de 33,4 (gráfico 14). Portanto, esse cenário geral reflete a crise dos poderes políticos em associação aos grupos de interesse dos Media e Telecomunicações. O gráfico 13 de Evolução Média Anual do *share* global refletirá o conflito de interesses entre os canais públicos estatais ou não, e os canais privados.

É interessante perceber que ao longo do período apresentado a visualização diária de televisão pelo espectador aumentou em 1.217%. De acordo com o relatório

do OberCom 2013, se em 2000 o telespectador apresentava um tempo médio diário de 193 minutos, em 2013 esse tempo passou a ser de 235 minutos (gráfico 14). Apesar do aumento de tempo médio do telespectador, é percebido uma diminuição em total no tempo médio diário de emissão por género de programa entre os últimos dois anos de avaliação, 2012-2013, em 1,08%⁵. No ano de 2013, os géneros de maior emissão diária de conteúdo televisivo foram informação, ficção, divertimento, publicidade, juventude e cultura geral/conhecimento, com o tempo médio de emissão, em minutos, em respectivamente de: 1,119, 1,154, 978, 783,518 e 390 (gráfico 14). Percebe-se, também, que a audiência por género de programa aumentou entre os anos de 2012 e 2013 (gráfico 15). Ao avaliar os seis principais

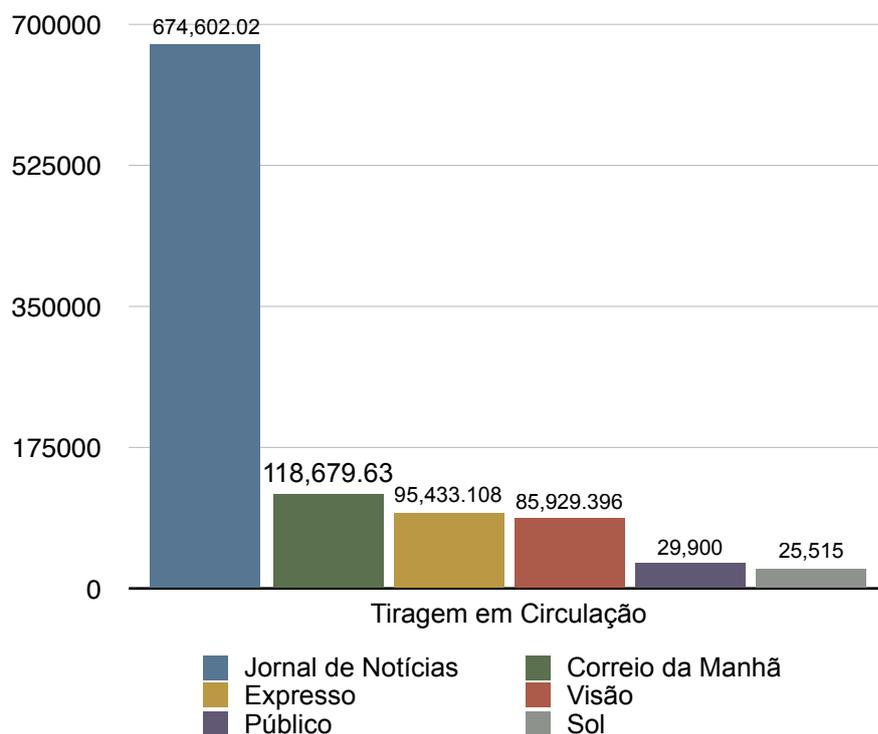
Gráfico 15 - Audiência por Género de Programa (%) no ano de 2013
Fonte: OberCom, 2013.



géneros que obtiveram redução do tempo médio diário de emissão, pôde-se perceber que o género informação aumentou em 0,95% entre 2012 e 2013, e o género divertimento obteve um aumento de 0,94% também no mesmo período (gráfico 14-15). Os demais géneros ou se mantiveram iguais ou apresentaram uma queda (Cardoso, 2013).

⁵ O ano de 2012 apresentou uma média de 5,760 minutos totais de emissão de género televisivo, enquanto que o ano de 2013 apresentou uma média de 5,318 para a mesma avaliação (Cardoso, 2013).

Gráfico 16 - Tiragem total em circulação de jornais nos principais títulos em 2013 (inclui newsmagazines) | Fonte: OberCom, 2013.



Ao longo dos anos de 2004 a 2013, o perfil de audiência voltado para a TV generalista⁶ mantém-se maioritariamente entre a faixa etária de maiores de 64 anos de idade. Em 2013, esse perfil representava 28,6% do total de audiência de TV generalista (gráfico 16). Outro ponto interessante é a constância presente entre os perfis de audiência de TV generalista por região. A região do interior apresenta-se com a maior percentagem de audiência por região em 21,4%, seguida da Grande Lisboa em 21,1% e o Litoral Norte com 17,6%. O Litoral Centro surge em quarto lugar com 15,5%, seguido da região de Grande Porto com 12,4%.

Em relação à mídia impressa de jornais, o anuário OberCom (2013) aponta que o mercado português é dividido, essencialmente, entre três grupos e três editoras independentes. Entre os títulos apresentados, o Jornal de Notícias, do grupo Controlinveste Media (tabela 06), apresenta 674.602,02 tiragens médias (gráfico 16), portanto vista como a maior circulação média. Entretanto, é o Correio da Manhã, com uma tiragem média de 118.679,63 (gráfico 16), e uma repartição das quotas de mercado no segmento dos diários de informação geral de 50,4%, que em 2013 apresenta a maior audiência média de publicação de informação geral com

⁶ RTP1, RTP2, SIC e TVI.

14,1% em comparação com 12% do Jornal de Notícias no mesmo ano e uma repartição das quotas de mercado em 28,2% (Cardoso, 2013).

A transição do suporte de papel para o digital ocorre de maneira lenta entre o período de 2004 a 2007. É em 2008 que o valor referente ao suporte digital duplica em relação ao ano anterior, de 45 números de publicação em suporte eletrónico passa a ter 98 números (Cardoso, 2013). Quanto ao perfil das audiências, percebe-se aqui uma diferença entre os meios televisivos e impressos. Enquanto, a televisão possui um perfil mais feminino, o impresso possui um perfil mais masculino.

Tanto os jornais diários quanto os jornais semanais apresentam 61,2% do seu público do sexo masculino, com a faixa etária entre jovens adultos a estender-se para adultos. Portanto, os jornais diários possuem maior audiência para informação geral de adultos entre os 35 e 44 anos de idade com 21,9% e os jornais semanais possuem maior audiência de adultos entre os 45 e 64 anos de idade com 21,7% (Cardoso, 2013). Em ambos os casos a audiência apresenta-se maioritariamente na região da Grande Lisboa com 23% destinado aos Jornais Diários e 34,9% aos Jornais Semanais (Cardoso, 2013). É interessante perceber que a audiência, para informação geral, dos Jornais Diários volta-se mais para as classes C1 (32,2%) e C2 (28,7%), enquanto que a audiência dos Jornais Semanais encontra-se mais focalizada nas classes B (28,3%) e C1 (31,1%) (Cardoso, 2013).

O anuário OberCom (2013) aponta que os trabalhadores não especializados, os estudantes e os desempregados representam uma baixa audiência média nos Jornais Diários e nos Jornais Semanais, ambos de informação geral. As ocupações/profissões de maior audiência acabam por ser os quadros superiores e os reformados/pensionistas etc. (Cardoso, 2013).

Tabela 06 - Circulação de Jornais nos Principais Grupos de Media (inclui *newsmagazine* e gratuitos) no ano de 2013
 Fonte: OberCom, 2013.

	GRUPOS			EDITORAS		
	Controlinvest e Media	Cofina Media	Impressa	Público – Comunicação Social	Sojormedia Capital SA	O Sol é Essencial
TÍTULOS	Diário de Notícias	Correio da Manhã	Expresso	Público	Jornal I	Sol
	Jornal de Notícias	Sábado	Courrier Internacional	–	–	–
	O Jogo	Record	Visão	–	–	–
	Diário de Notícias da Madeira	Jornal de Negócios	–	–	–	–
	Açoriano Oriental	Destak	–	–	–	–
	Jornal do Fundão	Metro	–	–	–	–
Total de Circulação	138.807	381.975	197.994	29.900	5.350	25.515

4.2 Casos da Imigração Brasileira Feminina nos Meios de Comunicação Portugueses

4.2.1 Um retrato parcial das famílias de imigrantes brasileiros em Portugal

Ferin (2014) no seu artigo sobre as famílias brasileiras em Portugal, discute sobre aspectos referentes à imigração brasileira no país. Ferin (2014) apresenta três vagas de imigração brasileira, a primeira entre as décadas de 1980 e 1990 até os anos de 1994/1995. Esses imigrantes eram constituídos por indivíduos com elevado *status* socioeconómico. Entre o período de 1998 a 2004, houve o segundo fluxo migratório influenciados pelo programa *Fantástico* da TV Globo sobre os “irmãos além-mar” (Ferin, 2014). O nível de escolaridade desse segundo grupo encontra-se reduzido quando em comparação ao primeiro, porém superior se comparada a média de escolaridade da população brasileira (Ferin, 2014). A terceira vaga ocorre a partir do *Acordo Lula* que visa a regularização do imigrante brasileiro em Portugal e, com isso, o estreitamento de laços entre as nações com o incentivo a bolsas de

fomento⁷ do governo brasileiro para licenciatura e pós-graduação voltadas para o estudante que tenciona ir para o exterior ou fará uso da mesma internamente no Brasil.

O retrato parcial que Ferin (2014) obteve das famílias brasileiras imigrantes em Portugal aponta sutilezas referentes às adaptações geracionais e de capitais económicos, sociais, culturais e simbólicos. Os motivos que levam as famílias a imigrarem para Portugal são de cunho económico (Ferin, 2014). Sejam os motivos voltados para repelir a situação económica existente no país de origem, sejam para impulsionar uma busca por melhores condições de trabalho e vida.

Portanto, entre a geração dos mais velhos (progenitores) e a geração dos mais novos (filhos e filhas), pode-se perceber uma maior mobilidade física do primeiro grupo (o segundo grupo acompanha-lo-á). O valor de família é permanente e recorre-se à ele: “[a] partilha de afetos é salientada por progenitores e filhos, independente das separações (...), recomposições conjugais (...) e diferenças geracionais” (Ferin, 2014: 81). Diferentes dos mais jovens que enfatizam as dificuldades económicas e de trabalho, os imigrantes brasileiros mais velhos tendem a minimizar as dificuldades enfrentadas. Quando no mais põem alguma ênfase em algumas questões referentes a cultura, ao clima e à discriminação (Ferin, 2014). Quando a geração dos imigrantes mais velhos faz alguma referência a dificuldade económica, apenas o faz em relação a terceiros, ou seja, “pelo que se ouve falar” (Ferin, 2014: 82).

Ferin (2014) percebeu que quanto mais investimento e acumulo de competências escolares, maior seriam os recursos económicos e sociais. Em contra partida, a geração mais velha e com menos estudos tenderia a valorizar mais aqueles com competências escolares, assim como também valorizaria familiares ascendentes autodidatas (Ferin, 2014). Outra distinção percebida foi referente às famílias com maior capital económico e social. Entre elas, os mais velhos tendem a evocar a importância dos antepassados não brasileiros e não portugueses como se houvesse uma hierarquia mental simbólica (Ferin, 2014). É essa hierarquia mental simbólica que permitirá a posse de diversas nacionalidades e passaportes (Ferin, 2014). Para além, essas famílias fazem uso de uma estratégia de distinção relativa ao valor atribuído à vivência em diferentes culturas (Ferin, 2014). Portanto, aquele

⁷ Bolsa PIBIC para a graduação, bolsas CNPQ, CAPES, FAPERJ e FAPESP para pós-graduação, especificamente para os programas de mobilidade do tipo “sanduíche” e doutoramento completo.

que possui diversas experiências em outros países dará o relato da sua vivência a partir de uma relação comparativa e seletiva da apropriação de elementos culturais presentes nas diversas experiências obtidas (Ferin, 2014).

Por fim, enquanto as famílias de maior poder aquisitivo sentem “desprezo” pelas mídias de massa como televisão e rádio, as famílias de menor capital económico e social tendem a declarar seus objetos de posse como motivo de orgulho e sucesso de trajetória de vida e bem-estar social (Ferin, 2014). Os usos e consumos acabam por categorizar os indivíduos em estatutos e posses de capital económico, social, cultural e simbólico. Por exemplo, os filhos de famílias com maior acúmulo geral de capitais, apresenta maior intimidade com a leitura. Já os jovens adultos acabam por ter uma referência televisiva ainda muito forte, por vezes fazem uso do computador para aceder a filmes como se fosse uma televisão. Isso ocorre porque a memória quotidiana desses jovens adultos brasileiros ainda é bastante “televisiva” (Ferin, 2014).

4.2.2 A representação da imigração brasileira feminina dos *Media* em Portugal

É possível perceber em diversos supermercados e cidades pelo país a oferta de especificidades da culinária brasileira como brigadeiro, pão de queijo, carne tipo picanha. Há restaurantes que oferecem nas ementas carne tipo picanha e funcionam em formato de rodízio. Em termos de cultura, as telenovelas da Rede Globo já são apresentadas há décadas, a música brasileira Sertaneja é consumida pelos jovens e a Bossa Nova e Música Popular Brasileira (MPB) permanecem até hoje conhecidas por todos. Por vezes as celebridades brasileiras têm destaque e importância nos *media* português. Canais da televisão brasileira entram na televisão portuguesa em rede aberta, como por exemplo a Record, sendo que outros são apenas acessados com a compra de planos televisivos como Rede Globo e SBT.

A telenovela *Gabriela, Cravo e Canela*, uma adaptação de carácter literário de Jorge Amado para o meio televisivo, foi exibida em Portugal no ano de 1977, pouco tempo após a Revolução do 25 de Abril⁸. Entre 1957 e 1992 a televisão era um monopólio do Estado. Em meio a este contexto surge essa telenovela que fará parte da alteração do percurso televisivo português, assim como terá grande impacto e

⁸ Os anos de revolução vão de 1974 a 1976.

influência na emergência de uma nova sociedade com estilo de vida centrado no consumo e nos *media* (Ferin, 2003).

No ano de exibição da telenovela, a imprensa portuguesa ainda mantinha um sentido de “serviço público” apresentado na partidarização do jornal e polarização da notícia (Ferin, 2003). Os críticos dos diários e semanários apresentavam o chamado “seu discurso”, entretanto o mesmo correspondia a um discurso do grupo de pertença do jornalista crítico (Ferin, 2003). Ao fazer uma análise dos diários Diário de Notícias e Diário de Lisboa, e semanários Expresso e O Jornal, Ferin (2003) enfatiza a “omnipresença e centralidade dos *media* na construção da realidade” (Ferin, 2003: 47):

No caso das notícias sobre esta telenovela é a aproximação, feita pelos jornalistas, aos factos sócio-políticos do quotidiano, que tenderá a tornar as “estórias” da telenovela uma história dos anos revolucionários e principalmente a História do ano de 1977. (Ferin, 2003: 48)

É interessante perceber as diferenças culturais no consumo da telenovela. Enquanto internacionalmente a telenovela é identificada como um produto literário da cultura de massa voltado para uma audiência do género feminino, em Portugal esse mesmo produto encontra-se voltado para o género masculino. No ano de 1977, a atividade de ir ao café à noite assistir televisão e conversar com os vizinhos era feita predominantemente pelos homens, enquanto as mulheres ficavam em casa a arrumar a cozinha e a cuidar dos filhos (Ferin, 2003). Ferin (2003) aponta que, na altura, a participação da mulher variava em torno de 5%.

Entretanto, as personagens femininas de *Gabriela, Cravo e Canela* travam uma “luta pela sua emancipação, para serem aceitas do jeito que são e não como a sociedade quer que sejam” (Ferin, 2003: 55). A linguagem brasileira interpenetra as casas portuguesas “escapando-se à régua e compasso dos gramáticos, filólogos e demais técnicos, e se está nas tintas para os dicionários” (Carvalho, 1977 apud Ferin, 2003). A sensualidade exacerbada das personagens femininas em *Gabriela* abre espaço para um questionamento sobre os modelos e estereótipos relativos à sexualidade e sensualidade das mulheres portuguesas (Ferin, 2003). Sobretudo as jovens portuguesas terão nas personagens de *Gabriela* um novo modelo de género:

Gabriela, Glorinha, Malvina, Jerusa, Maria, Machado e as meninas do Bataclã apresentam, não só novos modelos estéticos de mulher (formas de valorizar e utilizar o corpo), como éticas de comportamento feminino, fundados na valorização das características físicas e intelectuais. (Ferin, 2003: 68)

Neste primeiro momento, a questão de género e a abertura dos meios de comunicação, em Portugal, se re-fazem por meio da referência do Outro, Brasil. Essa reconstrução da imagem de si é apenas possível por haver um Espaço Lusófono que interconecta as diásporas por meio de suas semelhanças.

Se em 1977, a telenovela brasileira *Gabriela, Cravo e Canela* iniciou um movimento de aberturas tanto na área de género quanto nos meios de comunicação, em 2003, a agenda dos *media* em Portugal gira em torno da temática da prostituição. A forma como a notícia passa a ser produzida altera-se nas rotinas das redacções em função do controlo social e empresarial dos *media* com tendências elitistas dos jornalistas (Ferin, 2006b). As fontes institucionais ganham a importância e o *status* de definidores primários, portanto atribui-se aos cidadãos comuns (fonte não-estruturada) a posição de definidores secundários (Ferin, 2006b). A consequência dessa prática passa a ser a propagação da visão dominante sobre os grupos étnicos por parte dos *media*, ocorrência que acabará por enfatizar ainda mais os estereótipos já existentes (Ferin, 2006b). A atuação mercadológica sobre a notícia é percebida a partir das práticas e dos tratamentos em grupos sociais fragilizados ao longo do quotidiano. Também se percebe nas práticas e no tratamento atribuído às grandes audiências em busca da venda de anunciantes (Ferin, 2006b).

A imprensa aborda 136 notícias na área (8,8% do total), com maior representatividade no meio televisivo (Filho, 2008). Ao analisar o noticiário televisivo no *prime-time* dos quatro canais abertos (RTP1, RTP2, SIC e TVI) em Portugal, Ferin (2006a) estabeleceu uma relação com entrevistas individuais. Em busca de associar a trajectória de vida e de imigração com as agendas noticiosas dos canais abertos, Ferin (2006a) pode verificar que o tema *prostituição* foi o segundo mais focalizado nas peças direccionadas à questão da imigração e minoria étnica com 21% de 224 coletadas em 2004 (Filho, 2008). Apresentava-se crime como a temática principal dos noticiários em 28,6% (Filho, 2008). Em 2003 o movimento auto-intitulado *Mães de Bragança*, um combate às casas de alterne do Norte e interior do país (Filho, 2008) ganha grande repercussão na imprensa e vira capa da revista norte-americana *Time*⁹. Ferin (2006b) aponta que as notícias exibidas não identificam os proprietários das três casas de alterne, tampouco os clientes. Entretanto, enfatiza com diversos cenários filmados à noite e um texto lido em *off* e a

⁹ Fonte: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/prostituicao-brasileira-em-braganca-faz-capa-da-time-1170625>

retirada de 43 mulheres em situação ilegal por 73 agentes. Para além, Ferin (2006b) explicita que a identificação e detenção das mulheres brasileiras obteve uma duração de 25 segundos da peça em quatro planos.

Das peças referentes aos imigrantes e minorias étnicas, 71 notícias correspondiam aos imigrantes brasileiros, divididos segundo o tempo de apresentação de acordo com Filho (2006a) em: Homem (20' 25''); Mulher (1° 30' 07''); Cidadãos Brasileiros (37' 52''); e Família (9' 25''). Filho (2006) aponta que os elementos de construção das notícias geram peças “enriquecidas por contrastes, sombras e texturas” (Filho, 2008). Acrescenta-se a essa representação generalista a construção estética e valorativa da imagem da mulher como sexualizada e subestimada (Filho, 2006) num ser irracional e emocional, “incapaz de ser valorizada senão pelos contornos corporais, que são explorados em níveis *voyerísticos*” (Silverinha, 2004 apud Filho, 2006).

Portanto, a relação entre as imigrantes brasileiras em Portugal e as representações dos *Media*, acrescida das interpretações da população resulta em estereótipos e imaginários que interagem com o quotidiano (Ferin, 2006a). Se, por um lado, há o mito da mulher dos trópicos que floreira o imaginário do Outro em sensualidade e nostalgia, por outro lado, há a mesma sensualidade que repele o Outro pela moral (Ferin, 2006a).

Ao tratar sobre as imagens da diferença, questões relativas a prostituição e ao realojamento na televisão, Ferin (2006b) ressalta que a trajetória de vida das mulheres brasileiras, acrescida da perspectiva cognitiva e afetiva adquire mais importância quando se analisa os resultados sobre o consumo televisivo. As mulheres brasileiras entrevistadas apresentam idades compreendidas entre 25 e 47 anos, escolaridade média ou frequência do ensino superior e residência na Região Centro de Portugal (Ferin, 2006b). A chegada ao país ocorreu em momentos diferentes¹⁰ e elas acabam por possuir uma situação jurídica distinta entre dupla nacionalidade, visto de trabalho e visto de residência; todas as entrevistadas encontravam ocupadas entre serviços de comércio e restauração, atividades aquém se às suas qualificações (Ferin, 2006b). Mesmo com a existência de agências e redes de imigração clandestina (Ferin, 2006b), esse quadro já se diferencia do

¹⁰ O ano de chegada das entrevistadas: 1987, 1993, 2000 e 2004 (Ferin, 2006b)

cenário apresentado pela revista *Time* com o caso *Mães de Bragança* ocorrido em 2003.

Ferin (2006b) percebe que as imigrantes brasileiras entrevistadas, em geral, fazem uso dos jornais televisivos para obter informações políticas e económicas, como desemprego e cotação de moeda. A escolha pelo canal de televisão da SIC está associado ao consumo das telenovelas brasileiras logo antes e após o jornal (Ferin, 2006b). Outra questão percebida foi a confirmação que a condição do imigrante o leva a descer na posição social que possuía em seu país no origem. As mulheres brasileiras entrevistadas frequentemente possuíam uma jornada de trabalho superior a 10 horas fora de casa (Ferin, 2006b). Com isso, Ferin (2006b) aponta a função da televisão como distração e pano de fundo dos afazeres domésticos. Por consequência, as próprias entrevistadas acabam por relatar a repetição temática de peças noticiosas:

[a] repetição constante de peças sobre esta temática, a extensão das peças e a insistência em determinados focos – principalmente nas imagens de mulheres e de polícia – são as razões que levam a apontar exagero no tratamento da realidade reportada. (Ferin, 2006b:85)

Ferin (2006b) clarifica que a apresentação de imagens positivas sobre os brasileiros acaba por focalizar-se em artistas. Quando há especificidade da notícia voltada à mulher brasileira, a temática adquire matizes de exagero, discriminação e sentimentos contraditórios entre portuguesas e brasileiras.

5.1 A Comunicação no espaço *On-line*

A emergência de um novo paradigma tecnológico inverte a antiga concepção baseada nas tecnologias de comunicação e informação. Se antes a tecnologia determinava a sociedade, agora é a sociedade que passa a determinar a tecnologia, moldando-a de acordo com as suas necessidades (Castells, 2005). A organização em rede permite o surgimento de mensagens diversificadas que se re-combinam entre si na forma de hipertexto eletrônico. Isso permite um desenvolvimento rizomático e de certa maneira espontâneo (Deleuze, & Guattari, 2000), tanto do conteúdo quanto das fontes de informação no espaço *online* e nas mentes de todos que adentram a rede em si. A forma como a sociedade faz uso das tecnologias de acordo com as suas necessidades, valores e desejos aponta o domínio que há sobre elas. Foi-se o momento em que era necessário educar o consumidor para o uso da tecnologia, pois a geração dos *millenials* percebe-se cada vez mais imersa nesse mundo e propaga essa cultura e conhecimento para os seus demais grupos de contacto.

De acordo com Castells (2005), a socialização em rede que antes era percebida como algo no âmbito da vida privada, passou a ser também ocupada pelas organizações grandes e verticais. Castells (2005) aponta as redes de comunicação digital como a coluna vertebral da sociedade em rede. A percepção de globalizado advém de uma comunicação em rede que transcende as suas fronteiras. O facto das redes serem selectivas, poderem simultaneamente comunicarem e não comunicarem de acordo com seus interesses, faz com que nem todas as pessoas sejam incluídas nessa comunicação global. Novamente pode-se aplicar o conceito de rizoma à situação apresentada, pois ao aplicar o conceito de Deleuze e Guattari (2000), a propagação rizomática da informação e da comunicação iniciar-se-ia e romper-se-ia em pontos próprios do seu “organismo”. Será esse movimento de

“morte” e “vida” que dará a fluidez necessária à comunicação em redes globais apontada por Manuel Castells (2005). Portanto,

[a] sociedade em rede (...) é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas rede. (Castells, 2005: 20)

Com isso, a interação dos indivíduos alterou-se, percebe-se que “a maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais activos do que os não utilizadores” (Castells, 2005, 23). Castells (2005) apresenta uma conexão entre o uso da Internet e a socialização face a face, portanto, quanto mais o uso *Online*, maior serão as interações face a face. Para Castells,

[a] sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento. As pessoas em sua maioria, não disfarçam a sua identidade na Internet (...). As pessoas integram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades. (Castells, 2005: 23)

Castells (2005) apresenta essa forma de *estar* dentro e fora da rede como passível de ser usada em outros aspectos pela e na sociedade, como o uso político pontual. A junção da Internet e dos meios de comunicação de massa fazem com que cada indivíduo se torne uma “poderosa ferramenta de reconstrução social e não um pretexto para a desintegração” (Castells, 2005: 31). De acordo com Castells (2005), a transição da sociedade industrial para a sociedade informacional apresenta a individualização em quatro dimensões (tecnologia, economia, bem-estar social e valores). Portanto, “[p]ode considerar-se que uma sociedade é informal se possui uma solida tecnologia de informação – infra-estrutura, produção e conhecimento” (Castells e Himanen, 2002 apud Castells, 2005).

Assim, as sociedades em transição apresentam maior ênfase nas distinções entre os diversos usuários de Internet e os não usuários. Para Cardoso (2005), Portugal posicionou-se como um país em proto-industrialismo na segunda metade do século XX. Desta maneira, o percurso seguinte é o proto-informacionalismo (Cardoso, 2005). Mesmo com uma actuação maior do meio televisivo e uma troca lenta entre a mídia impressa e o *on-line*, Portugal apresenta-se em 27º lugar no TAI¹

¹ Technology Achievement of Nations

na posição de potencial líder. Diferente da televisão com o seu impacto coletivo, a Internet possui um impacto inicial sobre o indivíduo (Tubella, 2005), com a potência de abranger um campo diferenciado e fluido por meio das redes. Portanto, na perspectiva de Tubella (2005) o processo de formação do *Self* dependerá do acesso a formas mediadas de comunicação. Entretanto, a característica de individualidade torna o impulso inicial pela utilização da Internet dependente da vontade de cada sujeito (Tubella, 2005).

5.2 Reflexões metodológicas e suas implicações

Ao fazer uma reflexão sobre as diversas metodologias passíveis de serem usadas numa investigação no âmbito da Comunicação e Jornalismo, percebe-se que é por meio do contexto fenomenológico que se atribui sentido. Enquanto isso, a informação transporta o significante referente aos *media* de massa (Jensen, 2002). Com isso, a análise qualitativa focaliza na ocorrência dos objetos analisados dentro de um contexto específico e em oposição aos elementos similares e recorrentes que acabam por compor um contexto diferenciado (Jensen, 2002). A análise qualitativa em si acaba por não bastar-se e pede como complemento uma análise quantitativa. Esta poderá possuir uma abordagem interna ou externa. Por meio da abordagem interna é preciso haver uma imersão do investigador no campo de análise, o *corpus*, o que implicará uma compreensão e interpretação diferenciada tanto da cultura quanto do *Self* (Jensen, 2002). Ao optar por uma abordagem externa, o investigador busca estabelecer um distanciamento entre o *corpus* e sua condição de investigador.

Mesmo que se possa quantificar o processo, o impacto e as demais questões relacionadas ao jornalismo e aos *media* de massa, as relações sociais e as micro-interações com os meios de comunicação exigem uma percepção qualitativa (Tuchman, 2002). Portanto, de uma forma geral, o método qualitativo implica em complementar as “entrelinhas” daquilo que fora apresentado por meio dos dados com o método quantitativo. Tuchman (2002) apresenta o caso de Chicago em que a pergunta “o que é notícia?” apresentava inúmeras variáveis. Portanto, para que a resposta fosse completa seria preciso que houvesse perguntas complementares à principal, “o que é notícia?”. Ao mesmo tempo, tais perguntas exigiam uma abertura para desenvolvimento de discurso. Em seguida ver-se-á o caso Chicago:

Park (1992) queria saber não só o que era notícia, mas como funcionava nas cidades compostas em diferentes grupos a viver em uma larga porção de terra segregada. Sua resposta foi simples: notícia é o equivalente

funcional do criador da cidade que uma vez fez a sua ronda anunciando “10h e tudo vai bem”, ou, talvez, “11h e Sr^a Smith acabou de dar à luz a um saudável menino”. Mas, Park sabia bem que a vida na cidade é inexplicavelmente diferente da vida na vila. Na cidade há tantos nascimentos e mortes por dia que cada um acaba por ser irrelevante para quem não possui uma ligação pessoal, o tocar dos sinos das igrejas competem por atenção e grupos aderem a normas conflitantes.² (Tuchman, 2002:80-81, tradução livre)

Tuchman (2002) esclarece que, no caso de Park (1992), era preciso construir uma coesão social em que a notícia fosse a razão pela qual a população esclareceria o seu saber para obter a manutenção da identidade própria e local. O interesse neste caso encontra-se no acto de ilustrar a necessidade de cruzar os métodos quantitativos e qualitativos para obter mais do que a percepção de notícia como uma simples história ou até mesmo estória.

A análise do discurso procura esclarecer aquilo que se encontra “subentendido”, assim como dimensões do discurso a partir da descrição do texto. A compressão de semântica (signo, significante e significado) estabelece uma base de análise crítica para todo conteúdo implícito no texto (Dijk, 2002). Por sua vez, o estilo e a retórica acabam por desvelar quem é o autor do texto, em termos de política e até mesmo capitais – económico, social, cultural Dijk, 2002). Dijk aponta que,

o uso de “populacho” (...), ao invés de “multidão” e “manifestantes”, pode ser interpretado como um sinal de posição ideológico do repórter sobre manifestantes de esquerda, enquanto descredita o acto para os leitores. O mesmo pode ser dito para “buraco”, “gritar” e “fúria”, ao invés de “vigorosamente em protesto”. (...) Outro aspecto de estilo é a sintaxe das sentenças: por exemplo, quando um agente de acção negativa, tipicamente aquele de autoridade, são deixados de fora. No título vem “Mendis voou para fora”, não disse quem voou ele para fora, nem quem o colocou no avião.³ (Dijk, 2002:115-116, tradução livre)

Dijk (2002) clarifica a existência da compreensão do texto em si e, para além, a existência da representação pessoal do jornalista, daquele que escreve o texto, do

² “Park (1992) wanted to know not simply what news was, but rather how it functioned in cities composed of very different groups living largely in segregated enclaves. His answer seems simple: news is the functional equivalent of the town crier who once made his rounds announcing “Ten o’clock and all is well,” or, perhaps, “Eleven o’clock and Mrs Smith just birthed a heathy boy.” But, Park knew well, city life is inextricably different from life in a village. In a city there are so many births and deaths each day that each one is irrelevant to those not personally touched, church bells compete for attention, and groups adhere to conflicting norms.” (Tuchman, 2002:80-81)

³ “the use of “mob” (...), instead of “crowd” and “demonstrators”, may be interpreted as signalling the ideological position of the reporter about left-wing demonstrators, while at the same time discrediting them for the readers. The same is true of the use of “holing”, “screaming”, and “fury”, instead of “vigorously protesting”. (...) Another aspect of style is the syntax of sentences: for instance, when agents of negative actions, typically those of the authorities, are left out. In the headline clause, “Mendis flown out”, it is not said who flew him out, or who put him on the plane.” (Dijk, 2002:115-116)

leitor que será imputado ao conteúdo. Esta representação pessoal traz consigo uma expectativa daquilo que deveria ser o modelo contextual de comunicação⁴, que acaba por concretizar-se num modelo contextual de alta relevância e controlo (Dijk, 2002). Dijk (2002) clarifica a distinção entre o uso de uma linguagem preconceituosa ao apontar que o discurso do usuário revelará opiniões negativas sobre aquele a quem possui, acrescido de designações de oposição ou restrição. Por exemplo: “eu não tenho nada contra Negros (turcos, refugiados), mas...”⁵ (Dijk, 2002: 117, tradução livre). As designações de oposição ou restrição têm a função de evitar o confronto direto e uma má impressão com o sujeito em interação.

O uso da etnografia justifica a necessidade da imersão apresentada por Jensen (2002). No caso do investigador, a sua actuação de observador participante coloca-o como um instrumento por excelência que permitirá a compreensão do *corpus*, o entorno e o universo em que se encontra inserido (Morley & Silverstone, 2002). Portanto, como etnógrafo Morley & Silverstone apontam uma série de responsabilidades como a observação e a anotação da rotina daqueles que estão a ser estudados, tal anotação deverá ser feita *in loco*, qualquer inferência deverá ser feita após considerar atentamente os detalhes implícitos e explícitos de comunicação (Morley & Silverstone, 2002). O uso da etnografia implica que o investigador possua uma certa capacidade de abstração, ao mesmo tempo que se mantém conectado à lógica da estratégia de investigação para não se perder em elocubrações (Morley & Silverstone, 2002). A penetração das relações do etnógrafo com o corpus de investigação pode variar ao “ser intensamente participativa até ser completamente não-obstrutiva e observacional” (Kozinets, 2007:15 apud Amaral et al. 2008:37). Logo, as informações coletadas numa etnografia devem ser cruzadas com os dados quantitativos e demais informações coletadas, afim de se obter uma triangulação.

Diferente do etnógrafo, o observador da cena urbana irá movimentar-se entre estranhos de acordo com a situação do momento. O caso do “acaso” faz com as identidades permaneçam desconhecidas entre si, observador e observado(s) (Lang & Lang, 2002). Assim, “quanto mais indivíduos preocuparem-se com a realidade não

⁴ *Context model.*

⁵ “*I have nothing against Blacks (Turks, refugees), but...*”. (Dijk, 2002:117)

disponível pela percepção, mais ele deverá concentrar sua atenção nas aparências⁶ (Erving Goffman, 1959:03 apud Lang & Lang, 2002: 1998, tradução livre). Portanto, o comportamento de um indivíduo revela as conformidades sociais, familiares entre muitas outras categorias. Assim como também revela de forma inconsciente aquilo que o indivíduo deseja não expor em aberto à sociedade ou a um grupo em questão. Portanto, dentro da lógica do procedimento analítico, as questões que exigem inferência acabam por imputar sentido àquilo que foi observado, analisam a situação para imputar o sentido dado por Outros ao acaso, faz-se uma associação do Ser com a expectativa social e a sua representação, por fim, analisa-se a informação e a sua consistência com os dados e o modelo (Morley & Silverstone, 2002).

Enquanto observador participante, é interessante perceber que a interação entre investigador e investigado traz consigo uma certa tensão. O investigador não deve transformar-se num “nativo”, ao mesmo tempo que deve ser capaz de perceber o *mundo* do Outro a partir da sua perspectiva. É natural que o investigador gere uma estranheza no sentido da curiosidade (Valladares, 2007). Pois, o investigador é observado ao passo que também observa. A utopia da “imersão total” deve ser abolida para que se possa explorar o factor curiosidade a favor do próprio investigador. À medida que os papéis são estabelecidos e consolidados, entre investigador e investigado, os dados necessários podem ser adquiridos sem que se faça qualquer esforço para obtê-los. É interessante perceber que há uma “cobrança” daqueles que são investigados para com o investigador – “para que serve esta pesquisa?” (Valladares, 2007). O facto da relação entre investigador e investigado ser desenvolvida de uma forma particular; num tempo curto quando comparado aos relacionamentos pessoais de longa data e de maior profundidade; e com uma imersão na vida íntima muito rápida, pode fazer com que haja reações como essa. Entretanto, ao término da observação são as relações de amizade que permanecem (Valladares, 2007).

Quando o cenário observado é transposto para o espaço *On-line*, algumas adaptações são feitas à etnografia para que esta se torne, então, netnografia⁷. De

⁶ “[t]he more the individual is concerne with reality that is not available to perception, the more he must concentrate his attention on appearances” (Erving Goffman, 1959:03 apud Lang & Lang, 2002: 1998)

⁷ “O neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995 para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para ‘seguir os atores’.” (Braga, 2001:05 apud Amaral *et al.*, 2008: 34)

acordo com Amaral *et al.* (2008), a netnografia também coletará e avaliará as práticas de consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações dos indivíduos dentro das comunidades virtuais. Portanto, “[o] pesquisador quando vestido de netnógrafo, transforma-se num experimentador de campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisa” (Kozinets, 2007 apud Amaral *et al.* 2008: 32). Entre as diferenças entre a etnografia e a netnografia, apresentam-se aquelas voltadas para o critério da confiabilidade, visto que o espaço da Internet confere a qualquer sujeito o anonimato e a possibilidade de falibilidade dos dados coletados. Portanto, de acordo com Amaral *et al.* (2008) tais critérios são:

- a) a familiarização dos indivíduos entre si;
- b) a comunicação especificada e não-anônima;
- c) a apresentação de grupos com linguagem, símbolos e normas específicas;
- d) a apresentação de comportamentos de manutenção das fronteiras e enquadramento dentro e fora do grupo.

Com a validação da comunidade e dos seus informantes, a etapa seguinte desenvolve-se no que Amaral *et al.* (2008) chama de “*Entrée* cultural”, seguido da coleta e análise dos dados, avaliação ética da pesquisa e o feedback e confirmação de informações com os membros participantes. É interessante perceber que a fluidez presente entre as relações indivíduo-espaço virtual-relação virtual/real acaba por transpor-se à investigação nestas etapas apresentadas por Amaral *et al.* (2008). Em ambos os casos evita-se o estado estático de *estar*. Enquanto o “*Entrée* cultural” se refere ao momento anterior à coleta de dados, em que o investigador prepara-se para o trabalho de campo. A etapa da coleta e análise de dados acaba por apresentar três possibilidades eficazes de captura: a cópia direta dos membros das comunidades *on-line* de interesse (aqui é importante o uso de filtros para obter um resultado mais próximo da realidade em questão); a observação das práticas comunicacionais dos membros (feita por meio de simbologias, a participação na comunidade etc.); as entrevistas com os indivíduos e trocas de e-mails ou conversas em *chat*, mensagens instantâneas ou outras ferramentas (Amaral *et al.*, 2008).

5.2.1 Os critérios de seleção e o *corpus* de análise

Esta investigação tem como objectivo perceber a repercussão das estudantes brasileiras em Portugal por meio da mídia *on-line*. Para isso, apresenta-se como objectivos secundários a percepção que as estudantes brasileiras possuem de si mesmas e a repercussão geral do tema no espaço *on-line*. Com o propósito de restringir o período e cenário de investigação, foi escolhido a situação em que a "Lista Reset à AAC" disputou as eleições para a Associação Académica dos estudantes da Universidade de Coimbra em 25 e 26 de Novembro no ano lectivo de 2013/2014.

Durante o lançamento da "Lista Reset à AAC" e a sua primeira campanha às eleições da AAC foi apresentado como uma das principais propostas, a *luta* contra a discriminação dentro da Universidade de Coimbra⁸, com o pedido de um órgão focalizado nos casos contra xenofobia, sexismo, racismo e homofobia⁹, para além da questão do trabalhador-estudante e da crise em Portugal, temas que costumam ser abordados nas demais campanhas eleitorais académicas. Constam como ações feitas, para divulgação da lista durante o período de campanha, encenações de actos machistas em formato de videos no canal do YouTube da "Lista Reset à AAC"¹⁰ voltados para a conscientização social, acto performático "Beijaço – continuarei amando quem amo"¹¹, manifestações estudantis pela cidade de Coimbra e pela Universidade de Coimbra. Entre as manifestações estudantis, destaca-se uma em que estudantes empenham cartazes com dizeres sexistas, xenófobos e preconceituosos que foram lhes ditos em algum momento das suas estadias na cidade de Coimbra e na Universidade de Coimbra. Este acto tinha por intuito incentivar outros estudantes, imigrantes ou não, na mesma situação a expor e reportar tais comportamentos, para que as providências legais pudessem ser tomadas. Em entrevista com um dos integrantes da "Lista Reset à AAC", foi clarificado que a escolha pelos temas abordados nos cartazes se deu pelo facto dos integrantes terem tido maior acesso ao tema da xenofobia, seguido de sexismo:

⁸ Fonte: Canal do YouTube "Lista Reset à AAC"; video disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FuROHbpa5q0>

⁹ Fonte: <http://resetaaac.wix.com/lista-r#!campanha-2014-2013/c3kh>

¹⁰ Fonte: Canal do YouTube "Lista Reset à AAC"; video disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCR0AzkG_DGtqqWTqyTbLTA

¹¹ Fonte: Canal do YouTube "Lista Reset à AAC"; video disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rPO_Nxu7JV4

“... e por um acaso, não tão acaso, o maior número de histórias que surgiram, para a gente botar no papel e fotografar, foram casos de xenofobia” [Agnes Aguiar, integrante da Lista Reset à AAC]

A “Lista Reset à AAC” obteve o 3º lugar nas eleições da Associação Académica da Universidade de Coimbra e essa campanha adquiriu uma proporção que os seus integrantes, e tampouco os outros actores sociais envolvidos, não esperavam por meio da propagação no espaço *on-line*:

“... o nosso álbum estava esquecido lá no Facebook, na página da nossa campanha, as eleições acabaram, a gente perdeu. E aí, uma brasileira que foi nossa colega de curso, ela nem era próxima da gente, mas eu acho que por um acaso ela decidiu olhar o Facebook, decidiu olhar a página da campanha e ela fez uma seleção de fotos. Então, ela removeu as denúncias de homofobia, a denúncia de sexismo da outra aluna portuguesa e ela seleccionou só as fotos sobre xenofobia e racismo, e acho que uma sobre homofobia. E fez um álbum público no Facebook dela e, por um acaso ela tem contacto com algumas pessoas do mundo da mídia e ela tinha no Facebook dela um rapaz que era da Globo. E aí, esse álbum acabou sendo compartilhado, compartilhado e compartilhado...” [Agnes Aguiar, integrante da Lista Reset à AAC]

Exemplo das imagens da campanha da “Lista Reset à AAC” eleição 2013/2014¹²:

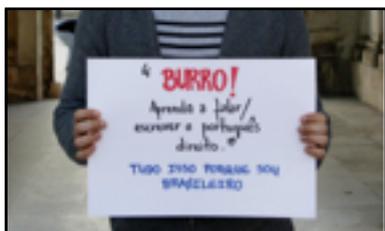


Figura 01: Campanha “Lista Reset à AAC” 2013/2014. “Burro! Aprenda a falar/ escrever o português direito.”



Figura 02: Campanha “Lista Reset à AAC” 2013/2014. “As alunas brasileiras precisam cuidar o comportamento, caso contrário, reforçarão o estereótipo de prostitutas, putas ou fáceis.”

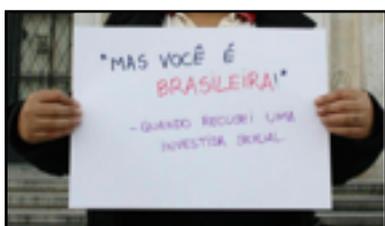


Figura 03: Campanha “Lista Reset à AAC” 2013/2014. “Mas você é brasileira!”

A propagação das imagens de campanha (figura 01, 02, 03) foram divulgadas pelos *media* brasileiros e portugueses após o seu término. A “Lista Reset à AAC” elaborou uma colectiva de imprensa em que respondeu às questões que surgiam sobre o tema xenofobia e sexismo. Ao longo da colectiva, os integrantes Alexandra Correia, Vinícius Cabrera, Jéssica Araldi e Agnes Aguiar expõem como principal proposta o incentivo ao debate contra a xenofobia e convidam os estudantes a colocarem as suas questões para que sejam tomadas providências legais, clarificam a situação como não-específica a universidade e sim a um estereótipo propagado no país. Entre os meios de comunicação presentes na colectiva de imprensa, foram identificados no vídeo microfones pertencentes à RTP, SIC Notícias e Correio da Manhã. Para além, a mesa apresentava gravadores de áudio sem possibilidade de identificação.

¹² Fonte: Facebook da “Lista Reset à AAC”; disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.170693866462240.1073741830.167850593413234&type=3>

Storyboard referente à colectiva de imprensa prestada pela “Lista Reset à AAC”:



Figura 04
AC – “Nós queríamos que vocês pudessem ouvir o nosso lado, ouvir o lado das pessoas que fizeram, organizaram e participaram desta campanha...”



Figura 05
VC – “...a ideia é mostrar que esses problemas existem e, por vezes, acabam sendo velados...”



Figura 06
Jornalista 01 – “*Jéssica participou ativamente na campanha, então foi algo que sentiu na pele, a discriminação?*”
JA – “Acho que todo mundo sente a discriminação na pele...”



Figura 07
Jornalista 02 – “... eu como jornalista preocupo-me com provas, quantas queixas foram formalizadas e foram formalizadas a quem?”

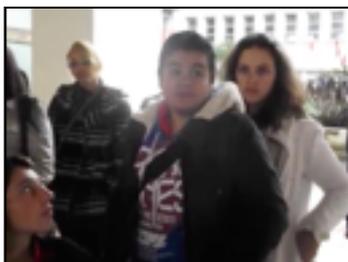


Figura 08
AA – “Aos órgãos responsáveis pelos estudantes estrangeiros”.



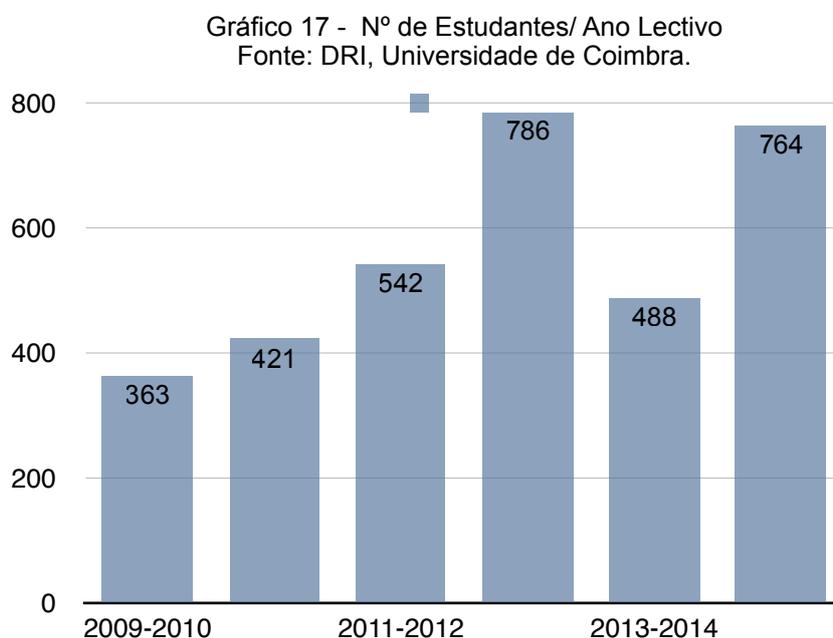
Figura 09
Jornalista 02 – “...eu peço desculpas, mas aqui eu faço o papel de advogado do Diabo...”

Ao avaliar o percurso dos estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra, percebe-se a sua existência desde antes do século XVII. Fonseca (2007) analisa os estudantes de origem brasileira entre o período de 1537 à 1820, matriculados na Universidade de Coimbra, e aponta a universidade como um pólo de atração e disseminação dentro do território português (inclui-se aqui o território para além mar). Ao passo que também é um instrumento de concentração dos poderes políticos e eclesiásticos para a conformação cultural e governamental das elites em território brasileiro. Fonseca (2007) destaca que entre os anos de 1700 e 1771 a Universidade de Coimbra recebeu 808 estudantes brasileiros para os cursos de Direito e Medicina, em um total de 15.461 estudantes referentes a Portugal Continental, 176 da Madeira, 12 dos Açores, e 3 estudantes de outras nacionalidades, todos para actuar nas mesmas áreas de interesse. Portanto, a

representação dos estudantes brasileiros nesse período foi de 4,87% (Fonseca, 2007).

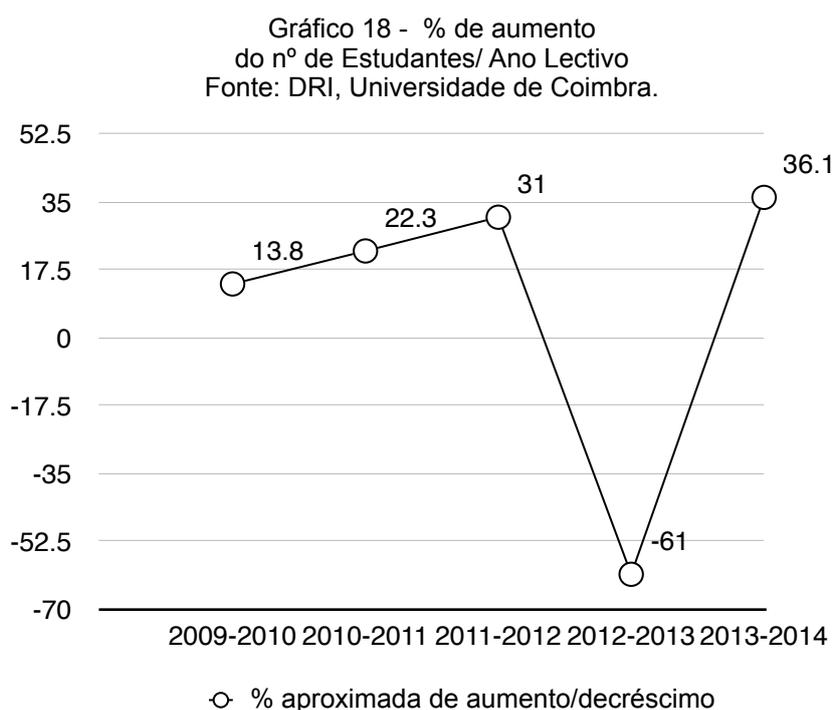
Com isso, muitos brasileiros pertencentes a famílias brasileiras de elites eram enviados a Coimbra para completar os seus estudos. O período desde a viagem até os anos de vida na cidade, como estudante para tornar-se doutor, para muitos revelou-se uma experiência intensa e, em determinados momentos, difícil. Barbalho da Cruz & Pereira (2009) apontam que no final do século XVIII, a cidade de Coimbra era ainda pequena e basicamente uma comunidade académica. A vivência longe da casa dos pais apresentar-se-ia, para os estudantes brasileiros, como uma oportunidade de estabelecer contactos com jovens de outras regiões do Brasil e, com isso, criar laços de solidariedade (Barbalho da Cruz & Pereira, 2009), para além do impacto e do processo de adaptação às diferenças climáticas entre os países com climas distintos. Em trocas de cartas com suas famílias no Brasil, os estudantes pedem que lhes enviem mais roupas para suportar o inverno, comidas típicas para matar as saudades, notícias das famílias e “curiosidades da terra” (Barbalho da Cruz & Pereira, 2009).

Ao atualizar o cenário dos estudantes brasileiros para o século XXI, percebe-



se que houve um incremento no número de estudante 13% a 31% dos anos lectivos de 2009/2010 a 2012/2013 (gráfico 17-18), respectivamente, com o ano lectivo de 2012/2013 a apresentar 786 estudantes brasileiros no período (Gráfico 17), o maior número de estudantes brasileiros, nos últimos anos considerando-se os alunos em

mobilidade, os bolsistas PLI¹³ e todos os alunos ao abrigo do estatuto de Estudante Internacional. No entanto, o ano lectivo de 2013/2014 aponta para uma queda de 61% desses alunos (Gráfico 18), reduzindo-os a 488 (Gráfico 18) sob as mesmas condições anteriormente apresentadas. A frequência de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra volta, somente, a aumentar no ano lectivo de 2014/2015, quando apresenta um aumento de 36.1% em relação ao ano lectivo anterior (Gráfico 19). Ao mesmo tempo em que apresenta quase o mesmo número de estudantes quando comparado ao ano lectivo de 2012/2013 (Gráfico 18). Hoje, a Universidade de Coimbra apresenta um total de 25.434¹⁴ estudantes, dos quais que 3.755 (15%) são estudantes internacionais. No ano lectivo de 2014/2013 a Universidade de Coimbra recebeu 2.313 estudantes de países de Língua Portuguesa¹⁵.



¹³ Programa de licenciatura internacional do Governo Brasileiro conveniado com Portugal.

¹⁴ Fonte: DRI, Universidade de Coimbra.

¹⁵ Fonte: DRI, Universidade de Coimbra.

5.3 Tratamento e categorização

Os objectivos secundários apresentam-se pela percepção das estudantes brasileiras tanto na universidade quanto na cidade/país, e na manifestação elaborada durante a campanha da “Lista Reset à AAC”, com o intuito de perceber a sua repercussão¹⁶ *on-line*.

A etapa de identificação do período de recorte do *corpus* já pôde ser apresentada no item acima. Portanto, estabelecer-se-á aqui o enfoque na estudante brasileira matriculada e frequentadora da Universidade de Coimbra. Com isso, no primeiro momento, fez-se um formulário *on-line* para caracterização do perfil dessa estudante. A selecção da amostragem, em “bola de neve”, pode ser dividida entre quatro segmentos, são eles: as perguntas abertas destinadas a experiência pessoal, as perguntas semi-estruturadas destinadas a trajectória de vida/caracterização migracional e dois segmentos focalizados nas perguntas fechadas de trajectória de vida/caracterização pessoal.

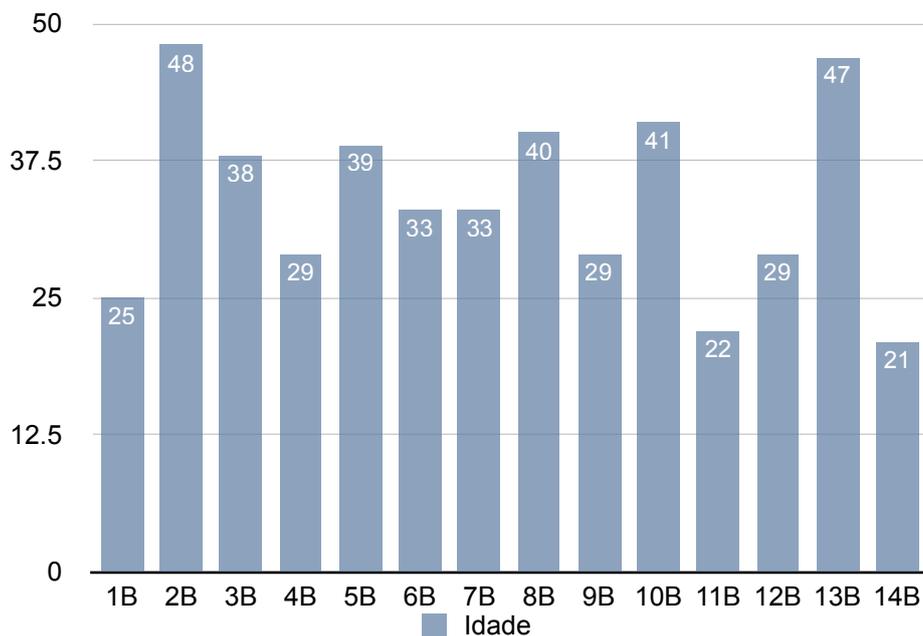
A segunda etapa refere-se a uma análise temática no buscador *Google*, com o uso de palavras-chaves associadas ao *corpus* e às estudantes brasileiras da Universidade de Coimbra. Primeiro, fez-se uma análise combinatória dessas palavras-chave para, em seguida categorizá-las por tema, por páginas de colocação no buscador, tipo de conteúdo, tema do conteúdo e proeminência do conteúdo na primeira página do buscador. Portanto, o grupo de palavras-chave foi selecionado para a busca:

- estudante brasileira Coimbra;
- estudante brasileira Portugal;
- estudante brasileira xenofobia;
- estudante brasileira Coimbra xenofobia;
- estudante brasileira Portugal xenofobia
- estudante brasileira Coimbra preconceito
- estudante brasileira Portugal preconceito
- estudante Coimbra preconceito
- estudante Portugal xenofobia

¹⁶ Aqui não será avaliado o impacto dessa manifestação no *on-line*, pois compreende-se que impacto é, ao mesmo tempo, uma avaliação de repercussão e penetração.

TABELA 07 – Trajectória de vida / Caracterização Pessoal I									
Nº	Idade	Género	Escolaridade	Estado Civil	Filh@s	Naturalidade	Situação Jurídica	Local de residência PT.	Local de residência BR.
1B	25	F	Mestrado em curso	Solteira	Não	Campo Grande	Brasileira	Coimbra	Campo Grande
2B	48	F	Doutoramento em curso	Casada	Sim	Santa Maria	Brasileira	Coimbra	Santa Maria
3B	38	M	Mestrado em curso	Solteiro	Não	Santos	Brasileira/Portuguesa	Coimbra	Santos
4B	29	F	Mestrado em curso	Solteira	Não	Alagoas	Brasileira	Coimbra	Maceió
5B	39	F	Mestrado em curso	Casada	Sim	São Paulo	Brasileira	Coimbra	Barcelona
6B	33	F	Mestrado em curso	Solteira	Não	Rio de Janeiro	Brasileira	Coimbra	Niterói
7B	33	F	Doutoramento	Solteira	Não	Maringá	Brasileira	Coimbra	Campinas
8B	40	M	Mestrado em curso	Casado	Não	Porto Alegre	Brasileira/Italiana	Coimbra	Brasília
9B	29	M	Doutoramento em curso	Solteiro	Não	Maceió	Brasileira	Coimbra	Maceió
10B	41	F	Doutoramento em curso	Solteira	Sim	Riachão de Jacuípe	Brasileira	Coimbra/Lisboa	Salvador
11B	22	F	Licenciatura em curso	Solteira	Não	Belém	Brasileira	Coimbra	Belém
12B	29	F	Mestrado em curso	Solteira	Não	Brasília	Brasileira	Coimbra	Brasília
13B	47	F	Mestrado	Solteira	Não	Governador Valadares	Brasileira	Coimbra	Rio de Janeiro
14B	21	F	Licenciatura em curso	Solteira	Não	Porto Alegre	Brasileira	Coimbra	Porto Alegre

Gráfico 19 – Trajectória de vida / Caracterização Pessoal



Adolpho (2011) clarifica que um consumidor ativo espera que a sua marca esteja acessível no buscador por meio das palavras-chave. Ao fazer uso do buscador *Google*, compreende-se que as três primeiras páginas¹⁷ do buscador

TABLEA 08 – Trajetória de vida / Caracterização Pessoal II								
Nº	Duração do curso (meses)	Razões de escolha	Ocupação em PT.	Vínculo com a Universidade de Coimbra	Auxílio (e/ ou bolsa) financeiro em PT.	Ocupação no BR.	Auxílio (e/ ou bolsa) financeiro no BR.	Idiomas (min. interm.)
1B	60	Amigos em Coimbra	Mestrado em curso	Aluno integral	Familiar auxilia nas despesas mensalmente	Estudar; Trabalhar	Não	Inglês
2B	48	O curso oferecido; a tradição da Instituição	Doutoramento em curso	Aluno integral	Familiar auxilia nas despesas mensalmente	Trabalhar	Não	–
3B	24	Família em Coimbra	Mestrado em curso	Aluno integral	Não	Estudar; Trabalhar	Não	Inglês; Espanhol
4B	24	Importância da Instituição para a área; custo de vida	Mestrado em curso	Aluno integral	Não	Estudar	Estágio remunerado	Inglês; Espanhol
5B	24	Mestrado 2º ciclo em Direito Laboral	Mestrado em curso	Aluno integral	Não	Trabalhar	Pensão	Espanhol
6B	24	Curso oferecido; a tradição e excelência de ensino (Faculdade de Direito)	Mestrado em curso	Aluno integral	Não	Estudar; Trabalhar	Não	Inglês; Francês
7B	72	Tradição	Doutoramento	Aluno integral	Bolsa CAPES Doutorado pleno no exterior	Trabalhar	Não	Inglês; Espanhol
8B	48	Tradição; curso adequado; Indicação de amigo	Mestrado em curso	Aluno integral	Não	Trabalhar	Não	Espanhol
9B	60	Prestígio internacional; qualidade de ensino	Doutoramento em curso	Aluno integral	Não	Trabalhar	Não	Inglês
10B	48	Experiência em lecionar aula e contacto prévio com orientadora	Doutoramento em curso	Aluno integral	Não	Trabalhar	Não	Inglês; Espanhol
11B	36	Reconhecimento internacional; tradição	Licenciatura em curso	Aluno integral	Não	Estudar	Não	Inglês
12B	24	Primeira a divulgar a aprovação do processo seletivo	Mestrado em curso	Aluno integral	Não	Estudar; Trabalhar	Não	Inglês; Francês
13B	72	Tradição no ensino (Faculdade de Direito); opção pelo idioma	Licenciatura em curso	Aluno mobilidade*1	Não	Estudar; Trabalhar	Não	Inglês; Francês
14B	72	Referência mundial na área de Direito	Licenciatura em curso	Aluno mobilidade*2	Não	Estudar	Não	Inglês

¹⁷ Cada página do buscador *Google* compreende 10 itens.

apresentam um reflexo daquilo que a sociedade considera mais relevante, sendo que a primeira página explicita os principais itens de relevância (Adolpho, 2011). As palavras-chave criam uma tecedura na rede *on-line* e, as suas escolhas associadas a um conteúdo de alto valor agregado, podem levar as marcas a um posicionamento na primeira página do buscador *Google*, seguidas de um posicionamento entre os 10 itens da primeira página do buscador *Google*. Portanto, estas marcas possuiriam os maiores *shares* nos seus respectivos mercados (Adolpho, 2011). Pensar em marca é, conseqüentemente, pensar em consumidor e comportamento. Portanto, para esta análise dos dados *on-line* fazer-se-á uma adaptação e aplicação das percepções apresentadas por Adolpho (2011) ao *corpus*.

5.3.1 Análise das entrevistas *On-line*

A parte de trajetória de vida/caracterização pessoal (tabela 07) revelou-se bastante interessante, pois dos 14 estudantes brasileiros que responderam ao formulário¹⁸, 11 são solteiros e, dos solteiros, apenas 2 são homens (tabela 07).

TABELA 09 – Trajetória de vida / Caracterização Pessoal III				
Nº	Nº de habitantes no agregado familiar	Nº de colaboradores no sustento do agregado familiar	Aquele que destaca-se por maior provedor no agregado familiar	Escolaridade do maior provedor do agregado familiar
1B	2	1	Mãe	Licenciatura
2B	3	2	A própria pessoa	Mestrado
3B	2	1	Mãe	Ensino Fundamental
4B	4	2	Mãe	Licenciatura
5B	2	2	Pai	Doutorado
6B	4	2	Pai	Licenciatura
7B	1	1	A própria pessoa	Doutorado
8B	2	2	A própria pessoa	Licenciatura
9B	1	1	A própria pessoa	Nenhum
10B	1	1	Mãe	Doutorado
11B	2	2	Cônjuge	Licenciatura
12B	1	1	A própria pessoa	Licenciatura
13B	2	1	A própria pessoa	Mestrado
14B	4	2	Pai	Licenciatura

¹⁸ Deixou-se o formulário aberto para respostas de ambos os sexos na expectativa de que pudesse salienta alguma informação a mais.

Entre aqueles com estado civil casado apresentam-se 2 mulheres e 1 homem. A maioria da amostragem não possui filhos. Apenas três estudantes brasileiras vieram cumprir os seus estudos na Universidade de Coimbra e possuem filhos, sendo que apenas duas trouxeram seus respectivos filhos (tabela 07). Estas estudantes encontram-se na faixa etária de 39 a 51 anos de idade, todas vêm de estados litorâneos brasileiros (Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul), duas passaram pelo processo de migração interna, entre as quais apenas uma migrou para fora do país (tabela 07).

É interessante perceber que exatamente metade da amostragem participou de algum tipo de migração antes de vir estudar e morar em Portugal, 1 homem migrou internamente, 5 mulheres migraram internamente e apenas 1 mulher migrou externamente. Da amostra, a idade relativa daqueles que apresentaram algum tipo de migração varia entre 29 a 47 anos de idade (Gráfico 19, tabela 07). Apenas dois estudantes brasileiros possuíam dupla nacionalidade, ambos do sexo masculino e com a segunda nacionalidade portuguesa e italiana, respectivamente de 38 e 40 anos de idade (tabela 07). Estes são sujeitos que passaram por uma reestruturação das próprias identidades em relação a si mesmos e ao Outro. Pois, o acto de migrar quebra concepções culturais adquiridas dos respectivos processos de socialização (Giddens, 2001).

Dos 14 estudantes brasileiros, 5 dividiam-se entre a ocupação de estudante e trabalhador no Brasil em que apenas um é do sexo masculino, uma estudante possuía a ocupação de estágio remunerado e apenas uma estudante recebia pensão de auxílio enquanto residia no país de origem (tabela 08). Com exceção de uma estudante brasileira, todos os demais na amostragem apresentam pelo menos o conhecimento intermediário de um outro idioma para além do português como língua nativa – 11 estudantes são falantes de inglês, 6 de espanhol e 2 de francês (tabela 08). Outro aspecto apresentado foi que, novamente, metade da amostragem apresenta conhecimento intermediário em dois idiomas, um é sempre inglês e o segundo varia entre espanhol e francês (tabela 08). Tradição, importância, excelência, prestígio, reconhecimento e referência são algumas das palavras-chave que surgem ao lhes pedir para expor as razões de escolha pela Universidade de Coimbra (tabela 08). Entre os estudantes brasileiros referidos na amostragem, 3 cursam a licenciatura, 7 o mestrado e 4 o doutoramento; 12 estudantes possuem

TABELA 10 – Trajectória de vida / Caracterização Migracional								
Nº	Possui família residente fora do Brasil	País de residência da família	Local de residência da família	Período de residência da família no local	Naturalidade	Último local de residência	Cidade de residência da família no BR.	Período de residência da família no local (anos)
1B	Não	–	–	–	Campo Grande	Campo Grande	Campo Grande	30
2B	Sim	Irlanda	Dublin	2 anos	Santa Maria	Santa Maria	Santa Maria	+48 ¹
3B	Sim	Noruega; Suíça	Oslo; Zurich	15 anos	Santos	Santos	Santos	27
4B	Não	–	–	–	Alagoas	Maceió	Maceió	+80 ¹
5B	Não	–	–	–	São Paulo	Barcelona	Natal	10
6B	Não	–	–	–	Rio de Janeiro	Niterói	Niterói	30
7B	Não	–	–	–	Maringá	Campinas	Campinas	13
8B	Sim	Alemanha	–	2 anos	Porto Alegre	Brasília	Porto Alegre	100
9B	Não	–	–	–	Maceió	Maceió	Maceió	60
10B	Sim	Espanha (Galícia)	Pontevedra	8 anos	Riachão de Jacuípe	Salvador	Salvador	23
11B	Sim	Suíça	Zurich	6 anos	Belém	Belém	Belém	+22 ¹
12B	Sim	Alemanha; EUA	Berlin; Miami	2 anos; 4 anos	Brasília	Brasília	Brasília	47
13B	Sim	EUA	Washington, Chicago, Orlando	mín. 3 meses máx. 2 anos	Governador Valadares	Rio de Janeiro	Governador Valadares	40
14B	Não	–	–	–	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	+21
¹ A indicação “+” representa que o período de residência das famílias é superior a idade dos inquiridos, chamado por eles como “desde sempre”.								

vínculo integral com a universidade e 2 encontram-se em regime de mobilidade (tabela 08). Apenas uma estudante brasileira reside fora de Coimbra, em Lisboa; duas brasileiras (25 e 48 anos de idade) recebem auxílio financeiro de familiares e apenas uma brasileira (33 anos de idade) recebe bolsa de fomento do governo brasileiro pelo doutoramento (tabela 08).

A terceira parte da Trajectória de vida/caracterização pessoal busca compreender o agregado familiar e os actores envolvidos nele. O cruzamento da tabela 08 com a tabela 09 apresenta considerações interessantes. Primeiro, o conceito de agregado familiar para o estudante brasileiro residente em Coimbra com fins educacionais acaba por ficar nebuloso. A amostra apresenta 14 inquiridos imigrantes¹⁹ em que supostamente apenas três recebem algum tipo de auxílio e/ou

¹⁹ Ressalta-se que apenas dois estudantes brasileiros do sexo masculino possuem dupla nacionalidade, ambos cidadãos europeus.

bolsa fomento, nenhum estudante brasileiro possui ocupação de trabalho ou estágio em Portugal (tabela 08). Ao contrário da situação que apresentavam no Brasil, em que apenas três estudantes não trabalhavam (tabela 08). A tabela 09, por sua vez, apresenta os estudantes brasileiros com agregados familiares condizentes com as situações no país de origem e, também, em Portugal. Portanto, ao responderem sobre o maior colaborador dentro do agregado familiar, acabam por responder, indiretamente, sobre as suas respectivas formas de sustento. Assim, supõe-se que eles se destacam por representarem-se como os maiores provedores no agregado familiar, a mãe ou o pai, e acabam por receberem algum tipo de auxílio nas suas respectivas vivências em Portugal, seja esse auxílio parcial ou integral (tabela 08 e tabela 09). A escolaridade dos maiores provedores dos agregados familiares destaca essas famílias nos seus capitais económicos, sociais e culturais, assim como o conhecimento de um ou mais idiomas pelos estudantes brasileiros da amostragem.

Por fim, a quarta parte da Trajectória de vida focaliza-se na caracterização migracional da amostragem (tabela 10). Percebe-se que 7 dos 14 estudantes brasileiros participantes da amostragem possuem algum integrante da família que já residiu ou que no momento reside fora do Brasil na condição de imigrante. Os países de destino são em maioria pertencentes à Europa do Norte (Alemanha, Irlanda, Noruega, Suíça), Europa do Sul (Espanha) e aos Estados Unidos (tabela 10). Percebe-se que parte (3 em 7) daqueles inquiridos cujos familiares imigraram para o exterior, há no mínimo 2 anos, acabam por migrar internamente no Brasil antes de imigrar para Portugal (tabela 10). Portanto, há uma influência direta ou indireta dos familiares que os impulsiona a buscar o recurso da migração.

Pelo cruzamento dos dados apresentados nas tabelas 08 e 09, percebe-se que o processo de mobilidade de um imigrante com ocupação educacional faz com que, no início, os seus vínculos com o país de origem se mantenham ao ponto de estabelecer como agregado familiar a residência em Portugal e a residência no Brasil. Entretanto, a questão da temporalidade também interfere com a mobilidade. Para os estudantes em mobilidade, o período de estudos no exterior faz com que adquiram uma sensação espaço-temporal suspensa em relação ao quotidiano no país de origem.

“Encaro meu semestre em Coimbra praticamente como um “sabático”, uma vez que além de estudante também sou servidora pública federal. Tem sido uma “pausa” na minha vida real, pois aqui posso me dedicar integralmente aos estudos”. (13B, 47 anos de idade, F)

Ao pedir que as pessoas inquiridas compartilhassem parte das suas experiências como estudante e residente em Portugal, percebeu-se que surgiram respostas interessantes, visto que foram resultado de um formulário preenchido *on-line*. Este formulário permitia uma flexibilidade para respostas mais longas ou até mesmo a ausência delas, caso o inquirido assim desejasse. Numa análise dessas respostas discursivas apresentou-se palavras-chave que foram transformadas em categorias. Dos 14 inquiridos apenas 2 não responderam.

Apesar dos inquiridos relatarem a percepção de muitos estudantes em mobilidade, especialmente de nacionalidade brasileira, foi apontado um estranhamento entre a cultura brasileira e portuguesa pelo formalismo acadêmico. Essa situação de estranhamento acaba por ser estendida para além dos muros acadêmicos quando se percebe que há uma dificuldade em assimilar os códigos e ritos do país acolhedor. A percepção de diferenças culturais aparece nos discursos dos inquiridos com um sentido positivo e também negativo. Às vezes essa duplicidade de sentidos pode surgir no discurso de uma mesma pessoa, no caso dos inquiridos surge como um indicador de adaptação à condição de imigrante.

“Tive um pouco de dificuldade no início para entender os “códigos e ritos” da universidade, mas nada que tenha me causado grandes transtornos. (...) Notei que há bastante estudante de mobilidade, especialmente os brasileiros. Os alunos portugueses costumam dizer que os professores são mais “condescendentes” conosco no que se refere a notas. Não senti essa condescendência na correção em si das provas e muito menos na atribuição de notas. Na verdade, a flexibilidade existe na possibilidade de anteciparmos as datas para os exames”. (13B, 47 anos de idade, F)

Percebe-se que na fala acima as diferenças culturais trazem um estranhamento e até mesmo uma dificuldade de adaptação para a estudante brasileira de 47 anos de idade, mas que não lhe é tão agressivo. O seu discurso aponta, também, para um tratamento diferenciado entre acadêmicos e estudantes brasileiros, relatado entre estudantes portugueses. Entretanto, a estudante brasileira (13B, 47 anos de idade) tem clareza quanto ao tratamento acadêmico e o que possa ser referido como tratamento diferenciado quando aponta para a possibilidade de antecipação dos exames, visto que entre os estudantes brasileiros alguns retornam ao país de origem e, por isso, têm viagens que precisam ser organizadas de acordo

com a viabilidade das passagens e do cronograma acadêmico. Novamente as diferenças culturais entre os países lusófonos surgem na fala da estudante brasileira, 48 anos de idade, associado ao sistema hierárquico e à formalidade.

“Sou estudante de doutoramento em Estudos Contemporâneos. Como tal, sinto algumas dificuldades, as quais atribuo às diferenças culturais entre Portugal e Brasil. Por exemplo, acho o sistema hierárquico muito forte e marcante.” (2B, 48 anos de idade, F)

Entretanto, volta-se a fazer referência às diferenças culturais, mas agora com uma conotação positiva e associada às experiências com estudantes portugueses e com estudantes de outras nacionalidades.

“A experiência de viver como imigrante estudante em Portugal tem me enriquecido como profissional e também como ser humano uma vez que tenho de conviver com pessoas de culturas diversas, além evidentemente dos próprios portugueses.” (10B, 41 anos de idade, F)

Numa frase muito direta, o estudante brasileiro, 38 anos de idade, resume a sua experiência como estudante no país de acolhimento: “Traumática no começo, suportável no meio e adaptado no fim.” (3B, 38 anos de idade, M). Sua fala aponta a existência de um choque cultural entre os dois países, mas que se torna suportável ao longo do processo de adaptação.

As respostas dos inquiridos que residem em Coimbra, ou já residiram, aponta o estranhamento referente à adaptabilidade. Assim como a construção de uma identidade é feita em relação a um parâmetro de comparação, as experiências como imigrante também passaram por um processo de comparação. Ao longo da sua adaptação o imigrante passará por um conjunto de transmutações em que o seu sujeito está em relação aos actores, às culturas e a qualquer outro parâmetro de comparação. A identidade do sujeito residente no Brasil, agora ficará em concomitância com a identidade em formação do sujeito residente em Portugal, e depois do sujeito residente especificamente em Coimbra. Poder partilhar as mudanças que ocorrem é uma maneira de integrar-se e explorar as questões mais próximas das realidades culturais do país de origem.

“A minha experiência como estudante em Portugal começou no segundo mês da chegada ao país e foi, no cômputo geral, muitíssimo frutífera. Costumo dividir essa experiência em duas fases distintas: o mestrado e o doutorado. No início do mestrado, como todo período de adaptação, sentia-me confusa com o funcionamento da Universidade. No entanto, como a minha sala era composta por colegas também brasileiros, essa experiência foi coletiva, os receios e as angústias iniciais foram todos sentimentos partilhados. Considero que foi uma das razões para que não desistisse do curso.” (7B, 33 anos de idade, F)

Coimbra é uma cidade pequena, percebida como acessível em termos de deslocamento e segura pelos estudantes brasileiros. Enquanto alguns inquiridos exprimem uma semelhança entre Brasil e Portugal que os permite sentir-se em casa. Outros relatam os benefícios de se viver na cidade, porém não refletem o mesmo sentimento de pertença ao país de acolhimento.

“Vivemos em Coimbra, para onde viemos em família (eu, marido e filho, hoje com 16 anos). Estamos há dois anos no mesmo apartamento. É um lugar acolhedor, onde nos sentimos bem. O sentimento de pertença, entretanto, pára por aí. Não me sinto uma cidadã de Coimbra ou de Portugal. Como existem muitos brasileiros por aqui, às vezes sinto-me como uma verdadeira invasora.” (2B, 48 anos de idade, F)

A distinção entre a cidade de Coimbra e o restante do país torna-se mais enfática na fala da estudante brasileira que optou por residir em Lisboa após um período de vivência em Coimbra.

“Inicialmente vivi por 5 meses em Coimbra e depois mudei-me para Lisboa porque não estava bem adaptada a rotina da primeira cidade. De um modo geral, a vida em Portugal é tranquila, pacífica, mas confrontamos ainda com o preconceito em relação aos brasileiros.” (10B, 41 anos de idade, F)

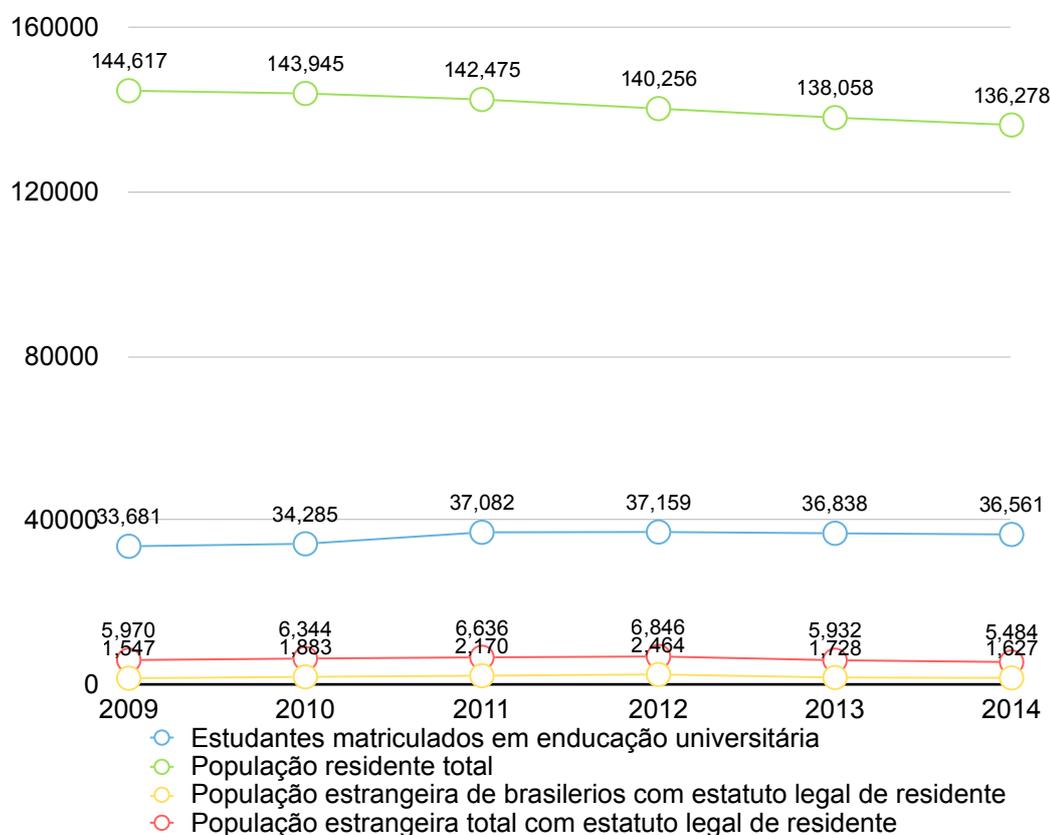
Nesse caso, a questão da adaptação esbarra no preconceito em relação aos brasileiros. Novamente esse encontro entre adaptação em Coimbra e preconceito surge na fala de uma outra inquirida, porém acrescida de um relato sobre a sua dificuldade em ter contacto com os portugueses em si.

“Sempre achei essa cidade muito tranquila e calma. Aos finais de semana fica tão monótona que dá vontade de conhecer outras cidades. Na quase totalidade da minha residência aqui, não tive muito contato com o povo nativo. Os portugueses são pessoas formais e fechadas, sérias, que não têm, ou não demonstram ter, interesse em conhecer novas pessoas e novas culturas.” (14B, 21 anos de idade, F)

No caso, essa inquirida apresenta-se sob a condição de estudante em mobilidade, seu processo de adaptação como imigrante poderá ter aspectos diferentes quando comparado ao processo de adaptação de um estudante brasileiro imigrante pelo período de 1 ou mais anos. As situações apresentadas no seu relato apontam para questões de género e preconceitos.

“Recentemente passei pelo caso de uma agressão verbal por um estudante da universidade no fim de semana. Fui intitulada com grande ódio “Erasmus” após uma discussão por um simples empurrão.” (14B, 21 anos de idade, F)

Gráfico 20 – Relação de habitantes na cidade de Coimbra
 Fonte: PORDATA



O tempo de permanência de um estudante de “Erasmus²⁰” na universidade de acolhimento não ultrapassa o período de um ano²¹. Assim como o estudante de Erasmus, o estudante em regime de mobilidade permanecerá até um ano na universidade de acolhimento. Com isso, os vínculos estabelecidos entre alunos, académicos e a comunidade da cidade de Coimbra poderá ou não estender-se para além da sua estadia. É importante ressaltar que a Universidade de Coimbra distingue-se por ser a maior cidade universitária do país. Portanto, para além da sua população residente ela apresenta uma população flutuante de habitantes (Gráfico 20) constituída por estudantes de todo o país, Europa e outras nacionalidades. De acordo com a base de dados Portugal Contemporâneo, em Coimbra a população estrangeira com o estatuto legal de residente ainda é muito inferior à população total

²⁰ Programa de mobilidade europeu.

²¹ Fonte: DRI, Universidade de Coimbra.

e em comparação com os estudantes matriculados (Gráfico 20). A relação entre o discurso da estudante brasileira 14B, 21 anos de idade, com o gráfico 21 apresenta um cenário em que a diversidade cultural é presente dentro dos muros da universidade. No entanto, a condição de população flutuante na cidade, representada por estudante residentes em outras regiões do país ou Europa, e o baixo número de imigrantes com estatuto de residentes na pequena cidade de Coimbra, apresentam-se como indicadores a limitação de contacto com culturas externas a Portugal.

Especificamente o preconceito contra brasileiros, referido pela inquirida 10B, 41 anos de idade, reaparece na fala da

estudante brasileira, 21 anos de idade, que relata investidas sexuais ao ser percebida pelo sotaque brasileiro. Em seguida, desenvolve sobre questões relativas ao vestuário que causam estranhamento e espanto nas mulheres, enquanto nos homens lhes intitula uma suposta permissão de investidas sexuais.

“Quanto aos portugueses mais velhos (entre os 40 até 70) já sofri diversos maus-tratos verbais: taxistas mal educados e que (por ser jovem e brasileira) mudaram o tratamento depois de perceber a nacionalidade. E taxistas que se aproveitavam do fato de eu ser mulher e estar sozinha para largar cantadas. O último caso foi devido a minha vestimenta: minha bermuda (pois fica na metade da minha coxa) e minha regata justa foram motivos de espanto entre as senhoras

e os homens (de quem ouvi “elogios”).” (14B, 21 anos de idade, F)

Tabela 11	
Total: 1ª Página/ temas de bucas	
*3Tipo de Conteúdo	Nº de variedade
Institucional	5
Notícia	13
Reportagem	1
Opinião	1
Editorial	1
Entrevista	–
*Artefactos pessoais	4
Imagem	1
Academico	4
Outros	2
Total	30

O preconceito tematizado pela nacionalidade volta a surgir na fala da inquirida 6B, 33 anos de idade. Entretanto, a mesma especifica que conseguiu adaptar-se e a sua experiência tanto em Portugal quanto em Coimbra é descrita em uma totalidade positiva – “Sensacional! Portugal abriga muito bem as pessoas que vieram para cá estudar” (6B, 33 anos de idade, F). É ao longo do processo de adaptação do imigrante que percebemos na fala da estudante brasileira 7B, 33 anos de idade,

bolsista do governo brasileiro, as dificuldades até que os estereótipos sejam quebrados e as relações estreitadas:

“A minha experiência como residente em Portugal não foi tão desprovida de problemas. (...) Em primeiro lugar, quando decidi viver sozinha num apartamento, percebi alguns olhares de desconfiança dos proprietários quando me apresentava e dizia que iria viver sozinha. Tive que insistir para que me mostrassem os apartamentos que estavam para alugar. Em termos laborais, trabalhei em três diferentes empresas e tive problemas com o pagamento em duas delas. No entanto, ao longo dos anos consegui adaptar-me muito bem e perceber que ser estrangeiro é uma condição que se modifica quando se faz parte de um grupo privilegiado como o dos estudantes bolsistas de pós-graduação, por exemplo.”

TABELA 12		Tema de busca: estudante brasileira Coimbra			
Coleta: 12/11/2014	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,60	0,23	0,30		
Nº de total de resultados	299,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira Coimbra				
	*3 Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	10	1	Educação	17
	Notícia	13	7	Preconceito/xenofobia	11
	Reportagem	1	–	Estilo de vida	2
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	–	Política	1
	Entrevista	–	–	Total	31
	*Artefactos pessoais	3	–		
	Imagem	1	–		
	Academico	–	–		
	Outros	1	1		
	Total	30	10		

Os “olhares de desconfiança” retratados na fala da estudante, ao buscar morar sozinha, são remetidos à situação de uma parte das imigrantes ilegais que fazem de seu trabalho o uso do próprio corpo. O impacto dos *média* portugueses, ao retratar especificamente a imigrante brasileira no país, acrescido do caso referido às “Mães de Bragança” e sua repercussão dentro e fora do país, deu ênfase ao estereótipo da

imagem da brasileira. É perceptível as diferenças feitas entre a imagem do brasileiro e a imagem da *mulher* brasileira.

5.3.2 Repercussão nos *Media On-line*

A respostas dos inquiridos apresentam um cenário favorável às ações de campanha das eleições académicas da “Lista Reset à AAC”. A escolha pelo tema discriminação com abrangência para sexismo, homofobia e xenofobia, foi o que os levou a conseguir o 3º lugar nas eleições. Ou seja, a identificação de uma questão com seu público e uma potência de impacto (penetração e repercussão). Com isso, ao fazer uma relação da busca pelas palavras-chaves na primeira página no buscador *Google*, pode-se perceber que quatro tipos de conteúdo são os de mais proeminência (tabela 11).

Em primeiro lugar surge o conteúdo notícia com 13 itens diferenciados²²; o tipo de conteúdo institucional poderia variar entre o tema da educação e o tema do

TABELA 13		Tema de busca: estudante brasileira Portugal			
Coleta: 12/11/2014	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,35	0,26	0,43		
Nº de total de resultados	60,300				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira Portugal				
	*3 Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	12	4	Educação	19
	Notícia	10	3	Preconceito/ xenofobia	5
	Reportagem	–	–	Estilo de vida	2
	Opinião	–	–	Condições de estar do imigrante	2
	Editorial	–	–	Política	2
	Entrevista	–	–	Total	30
	*Artefactos pessoais	2	–	as propagavam o conteúdo da campanha elaborada pela “Lista Reset à AAC”.	
	Imagem	1	1		
	Academico	2	2		
	Outros	3			
	Total	30	10		

TABELA 14		Tema de busca: estudante brasileira xenofobia			
Coleta: 12/11/2014,	1ª Página	2ª Página	3ª Página	* ¹ Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . * ³ Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,54	0,30	0,29		
Nº de total de resultados	60,300				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira xenofobia				
	³ Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	–	–	Educação	1
	Notícia	14	7	Preconceito/xenofobia	27
	Reportagem	1	–	Estilo de vida	1
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista	–		Total	29
	*Artefactos pessoais	6	1		
	Imagem	1	–		
	Academico	2	–		
	Outros	4	–		
	Total	30	10		

preconceito; o tipo académico possui abordagem teórica (por exemplo, artigos académicos); por fim os artefactos pessoais possuem uma temática do conteúdo variada entre estilo de vida, questões relativas a preconceito/xenofobia, educação e condições de estar do imigrantes (tabela 12 à 22).

Ao fazer uma busca com os temas “estudante brasileira Coimbra” e “estudante brasileira Portugal” pode-se perceber que os tipos de conteúdo que mais se destacam são relativos à notícia e instituição (tabela 12 e 13). Em ambas as buscas o tema de conteúdo “educação” surge como o mais propagado com 17 itens para a busca “estudante brasileira Coimbra” (tabela 12) e 19 itens para a busca “estudante brasileira Portugal” (tabela 13).

A partir do momento em que a palavra *xenofobia* ou *preconceito* é acrescentada aos temas/palavras-chave, o resultado da busca inverte para um maior número de itens voltados ao tipo de conteúdo “notícia”.

TABELA 15		Tema de busca: estudante brasileira Coimbra xenofobia			
Coleta: 26/10/2014	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,66	0,61	0,31		
Nº de total de resultados	295,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira Coimbra xenofobia				
	*3 Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	1	–	Educação	2
	Notícia	17	8	Preconceito/xenofobia	28
	Reportagem	1	–	Estilo de vida	–
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista	–	–	Total	30
	*Artefactos pessoais	6	–		
	Imagem	1	–		
	Academico	–	–		
	Outros	2	–		
	Total	30	10		

Com isso o tema do conteúdo “preconceito/xenofobia” surge em 27 itens ao se fazer a busca do tema “estudante brasileira Portugal xenofobia”; a primeira página do buscador apresenta 7 itens; enquanto que o tipo de conteúdo total desta busca apresenta 7 itens voltados para a notícia e 6 para artefactos pessoais (tabela 14). Já o tema/ palavras-chave “estudante brasileiro xenofobia” acaba por apresentar 28 itens voltados para o tema do conteúdo “preconceito/xenofobia”; na primeira página de resultado pode-se perceber 8 itens voltados para o tipo de conteúdo notícia; enquanto que no resultado total das três primeiras páginas de resultado do buscador *Google* pode ser percebido 17 itens que abordam o tipo de conteúdo notícia (tabela 15).

O resultado do tema de busca “estudante brasileira Portugal xenofobia” diferencia-se um pouco dos anteriores (tabela 12, 13, 14 e 15), pois neste os itens voltados para o tipo de conteúdo artefactos pessoais eleva-se, 11 itens, e aproxima

TABELA 16		Tema de busca: estudante brasileira Portugal xenofobia			
Coleta: 04/01/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,30	0,43	0,22		
Nº de total de resultados	69,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira Portugal xenofobia				
	*3Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	1	–	Educação	2
	Notícia	14	6	Preconceito/xenofobia	27
	Reportagem	–	–	Estilo de vida	1
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista		–	Total	30
	*Artefactos pessoais	11	2		
	Imagem	–	–		
	Academico	–	–		
	Outros	2	–		
	Total	30	10		

mais do item notícia, 14 itens (tabela 16). Entretanto, nessa busca o tema do conteúdo “preconceito/xenofobia” continua a ser referido em 27 itens (tabela 16).

Ao cruzar o tipo de conteúdo e o tema de conteúdo referentes na tabela 17, “estudante Coimbra preconceito”, e em comparação com as tabelas (12-16) anteriores, percebe-se uma predominância no tema de conteúdo “preconceito/xenofobia”. O tipo de conteúdo notícia apresenta 13 itens, enquanto que artefactos pessoais se encontra com 7 e o institucional com apenas 1. Entretanto, entre esses tipos de conteúdo 29 itens destacam-se pelo tema preconceito/xenofobia e apenas 1 pelo estilo de vida. Há uma diferença no tema do conteúdo institucional que surge nesse tema de busca, pois ao contrário das situações anteriores apresentadas nas tabelas prévias, esse item institucional não se encontra voltado para um tema de conteúdo educacional, mas sim de preconceito/xenofobia (tabela 17).

TABELA 17		Tema de busca: estudante Portugal preconceito			
Coleta: 15/01/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,25	0,32	0,30		
Nº de total de resultados	185,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante Portugal preconceito				
	*3 Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	1	–	Educação	–
	Notícia	13	6	Preconceito/ xenofobia	29
	Reportagem	1	1	Estilo de vida	1
	Opinião	1		Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista	–	–	Total	30
	*1 Artefactos pessoais	7	1		
	Imagem	1	–		
	Academico	1	1		
	Outros	4	–		
	Total	30	10		

A tabela 18 insere no tema de busca a palavra estudante – estudante brasileira Coimbra preconceito – quando comparada ao tema de busca da tabela 17. Com isso, o resultado da pesquisa apresenta aproximadamente o mesmo número de itens quanto tipo de conteúdo notícia, 14 itens. Entretanto, eleva para 9 itens com relação o tipo de conteúdo voltado a artefactos pessoais. Quanto ao tema do conteúdo, 2 itens destinam-se a educação, 25 a preconceito/xenofobia e 3 itens ao tema de conteúdo estilo de vida. Porém, a proeminência do tipo de conteúdo na primeira página do buscador Google destina-se a notícia com 6 itens (tabela 18).

Quando o tema de busca se volta para “brasileira Coimbra xenofobia” percebe-se outra alteração nos resultados (tabela 19). Primeiro há apenas dois itens voltados para o tipo de conteúdo institucional, ambos se encontram na 2ª página do buscador *Google*, respectivamente em 4ª e 5ª posição e ambos são conteúdos institucionais da própria Universidade de Coimbra com tema específico à questão do

TABELA 18		Tema de busca: estudante brasileira Coimbra preconceito			
Coleta: 06/01/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,35	0,29	0,31		
Nº de total de resultados	129,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira Coimbra preconceito				
	*3Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	1	–	Educação	2
	Notícia	14	6	Preconceito/ xenofobia	25
	Reportagem	1	1	Estilo de vida	3
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista	–	–	Total	30
	*Artefactos pessoais	9	1		
	Imagem	1	–		
	Academico	1	–		
	Outros	1	–		
	Total	30	10		

preconceito e xenofobia. O primeiro *link* refere-se às “perguntas e respostas sobre discriminação na UC²³”; o segundo *link* refere-se à “posição oficial sobre alegados casos de xenofobia na UC²⁴”.

A tabela 20 apresenta o primeiro momento em que o tipo de conteúdo artefactos pessoais se sobrepõe à notícia com, respectivamente, 13 e 11 itens. Entretanto, a proeminência do tipo de conteúdo na primeira página do buscador permanece destinado ao tipo notícia em 6 itens e apenas 1 destinado aos artefactos pessoais (tabela 20). Nessa situação, o tema de busca é majoritariamente voltado ao preconceito/xenofobia com 29 itens e apenas 1 item voltado à educação (tabela 20).

²³ Fonte: <http://www.uc.pt/universidade-de-coimbra-e-xenofobia>

²⁴ Fonte: http://www.uc.pt/tomenota/2014/022014/17022014_2

TABELA 19		Tema de busca: brasileira Coimbra xenofobia			
Coleta: 27/08/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,32	0,38	0,40		
Nº de total de resultados	36,800				
Meio: Internet	Tema de busca: brasileira Coimbra xenofobia				
	*3Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	2	–	Educação	1
	Notícia	11	6	Preconceito/xenofobia	28
	Reportagem	1		Estilo de vida	–
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	1
	Entrevista	–	–	Total	30
	*1Artefactos pessoais	8	1		
	Imagem	1	1		
	Academico	–	–		
	Outros	5	–		
	Total	30	10		

Ao retirar a palavra estudante do tema de busca – brasileira Portugal xenofobia –, o resultado conferido para tipo de conteúdo quase se equipara entre notícia e artefactos pessoais com, respectivamente, 13 e 12 itens (tabela 21). O tema do conteúdo prevalece em preconceito/xenofobia com 27 itens e apenas 2 itens voltados para educação (tabela 21). Enquanto que a proeminência do tipo de conteúdo na primeira página do buscador cai em apenas um item, em relação aos demais temas de busca quando se compara o número de itens no tipo de conteúdo notícia (tabela 21). Portanto, na tabela 21, a primeira página apresenta 5 itens no tipo de conteúdo notícia.

Por fim, a tabela 22 apresenta 15 itens no tipo de conteúdo notícia, entre eles 6 encontram-se na primeira página do buscador. Para além, também apresenta 5 itens em artefactos pessoais e 3 em académicos e 2 em institucional (tabela 22). Entretanto, apenas 1 item se destina ao tema de conteúdo educação, 1 às

TABELA 20		Tema de busca: estudante Portugal xenofobia			
Coleta: 27/08/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,70	0,41	0,46		
Nº de total de resultados	126,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante Portugal xenofobia				
	*3Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	–		Educação	1
	Notícia	11	6	Preconceito/xenofobia	29
	Reportagem	–		Estilo de vida	–
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	–
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista	–	–	Total	30
	*1Artefactos pessoais	13	1		
	Imagem	1	1		
	Academico	1			
	Outros	2			
	Total	30	10		

condições de estar do imigrante, enquanto que 28 itens se destinam ao tema de conteúdo preconceito/xenofobia (tabela 22).

Percebe-se a proeminência, na primeira página, do buscador do tipo de conteúdo notícia que ocorre em todas as pesquisas, com exceção do tema de busca “estudante brasileira Portugal”. Apenas as tabelas 12 e 13 apresentam mais temas de conteúdo voltados para educação e apresentam como segundo tema de conteúdo preconceito/xenofobia. As notícias com tema de conteúdo preconceito/xenofobia fazem referência à campanha da “Lista Reset à AAC”. Assim como o item de reportagem, opinião e editorial.

Os itens com tipo de conteúdo voltados para artefactos pessoais acabam por variar entre diversos temas de conteúdo como educação, preconceito/xenofobia, estilo de vida, e condições de estar do imigrante. Muitas das imagens apresentadas nos *links* de busca imagens *Google* fazem referência à campanha da “Lista Reset à AAC”. Portanto, a repercussão da campanha feita pela “Lista Reset à AAC” pôde ser feita pela existência de um público estudantil que os elegeu em 3º lugar e um público

TABELA 21		Tema de busca: brasileira Portugal xenofobia			
Coleta: 27/08/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como “artefactos pessoais” a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,77	0,46	0,35		
Nº de total de resultados	148,000				
Meio: Internet	Tema de busca: brasileira Portugal xenofobia				
	*3 Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	1	–	Educação	2
	Notícia	13	5	Preconceito/xenofobia	27
	Reportagem	–	–	Estilo de vida	–
	Opinião	1	1	Condições de estar do imigrante	1
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista	–	–		
	*1 Artefactos pessoais	12	1		
	Imagem	1	1		
	Academico	–	–		
	Outros	1	1		
	Total	30	10	Total	30

para além das fronteiras territoriais de Portugal, pelo facto de se perceber a repercussão da campanha proferida pela “Lista Resent à AAC” e o tema de conteúdo preconceito/xenofobia.

O conteúdo apresentado na pesquisa feita, com as palavras-chaves por meio do buscador *Google*, apresenta, tanto no tipo de conteúdo na 1ª página quanto nas três primeiras páginas, sites de conteúdo de notícia brasileiro e alguns portugueses. De acordo com o site *Alexa*²⁵, dentre os *top sites* de busca no Brasil encontram-se o site de relacionamentos do facebook.com em 3º lugar, o portal de conteúdo da uol.com.br em 5º lugar, globo.com em 6º lugar, a plataforma do blogger.com.br em 9º lugar, o twitter.com em 11º, o portal de conteúdos abril.com.br em 15º, a plataforma do wordpress.com em 22º, o jornal *on-line* folha.uol.com.br em 23º e a plataforma do blogger.com em 25º. Portanto, percebe-se que o público no Brasil têm

²⁵ Fonte: <http://www.alexa.com/>

TABELA 22		Tema de busca: estudante brasileira Portugal preconceito			
Coleta: 08/01/2015	1ª Página	2ª Página	3ª Página	*1 Refere-se como "artefactos pessoais" a todo conteúdo apresentado em <i>weblogs</i> . *3 Análise do conteúdo das três primeiras páginas da busca feita no browser Google.	
Tempo da busca (segundos)	0,37	0,38	0,29		
Nº de total de resultados	541,000				
Meio: Internet	Tema de busca: estudante brasileira Portugal preconceito				
	*3Tipo de Conteúdo	Nº	Proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página	Tema do Conteúdo	Nº
	Institucional	2	–	Educação	1
	Notícia	15	6	Preconceito/ xenofobia	28
	Reportagem	–	–	Estilo de vida	–
	Opinião	2	1	Condições de estar do imigrante	1
	Editorial	1	1	Política	–
	Entrevista		–	Total	30
	*1Artefactos pessoais	5	1		
	Imagem	1	–		
	Academico	3	1		
	Outros	1	–		
	Total	30	10		

entre os 25 sites de maior busca no país, um consumo pelos tipos conteúdo noticiosos e de artefactos pessoais.

Enquanto isso, o público em Portugal apresenta dentre os 25 sites de maior busca, a rede de relacionamentos [facebook.com](https://www.facebook.com) em 2º lugar, o buscador *Google*, o YouTube em 4º lugar, o servidor de apontadores [sapo.pt](https://www.sapo.pt) em 5º lugar, o site de atividades desportivas [abola.pt](https://www.abola.pt) em 10º, o [twitter.com](https://www.twitter.com) em 12º, o [instagram.com](https://www.instagram.com) em 15º, o site de mensagens [msn.com](https://www.msn.com) em 18º, o site de reservas de acomodação do [booking.com](https://www.booking.com) em 20º, a plataforma do [wordpress.com](https://www.wordpress.com) em 24º. Dentre os sites mais buscados encontram-se sites de compra e venda, cinema e jogo. O público em território português distingui-se do público em território brasileiro com relação ao consumo de tipos de conteúdo em meio *on-line*. Isso reflete em diferentes perfis do sujeito brasileiro ao levar em consideração que o uso da *Internet* no Brasil chegou a 105,1 milhões de pessoas, porém apenas 57,2 milhões representam usuários ativos

em casa ou no trabalho²⁶. Enquanto Portugal posiciona-se em 27º lugar do TAI²⁷ como um dos países líderes, Brasil encontra-se em 43º lugar como um país de adoção dinâmica (Desai, 2002).

²⁶ Fonte: <http://www.ibope.com/pt-br/noticias/paginas/numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-brasil-chega-a-105-milhoes.aspx>

²⁷ Technology Achievement of Nations.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve o intuito de perceber a formação da identidade das estudantes brasileiras em Portugal e em Coimbra e sua repercussão por meio da mídia *on-line*. Para isso, o cenário de recorte apresenta-se na Universidade de Coimbra em que a “Lista Reset à AAC” teve como mote de campanha os temas de xenofobia, sexismo, racismo e homofobia e uma repercussão internacional. O ano lectivo de 2014-2015 admite a frequência de 25.434 estudantes, em que 3.755 são internacionais, dos quais 1.767 são estudantes brasileiros. No ano lectivo de 2013/2014 foram apresentados 2.313 são oriundos de países de Língua Portuguesa e 1.848¹ são estudantes brasileiros. Esta investigação focalizou-se nos 764 estudantes brasileiros sob o regime de mobilidade, Programa de Licenciatura Internacional do governo brasileiro em parceria com Portugal, e ao abrigo do estatuto de Estudante Internacional.

A escolha da amostragem em 14 inquiridos permite um panorama geral pela variação de idade e trajectória de vida/características pessoais. Em relação aos dados retirados do *Google*, foram escolhidas palavras-chaves associadas ao cenário percebido e ao período de campanha da “Lista Reset à AAC” pelo seu carácter motivacional. A categorização das tabelas 12 à 22 apresentam-se pelas três primeiras páginas de seleção de mais importância no buscador *Google*. Acrescido do tempo de busca para as respectivas informações e o total de informação por palavras-chave. As categorias *tipo de conteúdo*, *proeminência do tipo de conteúdo na 1ª página* e *tema do conteúdo* apresentarão um cenário voltado para a repercussão no espaço *on-line*.

A dualidade presente no jogo entre Próspero e Calibã (Sousa, 2013) pode ser percebida nas relações entre o círculo familiar e o Estado (Buarque de Holanda, 1994). A relação patriarcal de intimidade do mundo da “casa” (DaMatta, 1997) contrasta com a separação industrial das actividades no Estado, mundo da

¹ Fonte: DRI, Universidade de Coimbra.

“rua” (DaMatta, 1997) em que as relações de intimidade são suprimidas por hierarquias verticais entre empregador e empregado (Buarque de Holanda, 1994).

Todo o imigrante é passível de adaptar-se de acordo com qualquer uma das teorias de migração. Entretanto, ao perceber que o jovem brasileiro tem orgulho da sua nação e nacionalidade, em 89% (O Sonho Brasileiro & Box 1824, 2010, vê-se que transporta consigo a deidade brasileira para onde quer que vá (DaMatta, 1997). Com isso também transportará o homem cordial presente com o jeitinho brasileiro e a dualidade de relação entre o círculo familiar e a presença do Estado (Buarque de Holanda, 1994). É na quebra constante das interações sociais entre o mundo da “casa” e o mundo da “rua” que se faz o sujeito brasileiro e a construção do seu erotismo e sexualidade. Na imposição de poder sobre o outro através da “cordialidade” em que se rompem os laços sociais estabelecidos em busca de relações mais íntimas que, por sua vez, se desvelam em dificuldades do próprio sujeito brasileiro se sustentar a si mesmo sem o círculo familiar do mundo da “casa” (Buarque de Holanda, 1994; DaMatta, 1997).

Quando se percebe um cenário em que o jovem brasileiro anseia em 55% (O Sonho Brasileiro & Box 1824, 2010) por formação profissional e emprego, e 50% são conectados com um discurso colectivo enquanto que 30% são conectados com um discurso moderado (O Sonho Brasileiro & Box 1824, 2010), percebe-se uma busca para que haja melhoria de si e de todos os que estiverem ao seu redor, 76% (O Sonho Brasileiro & Box 1824, 2010). O impacto desses jovens avança para além da sua própria geração, pois os conteúdos que consomem, as empresas que interagem e trabalham voltam-se para recebe-los. Portanto, as demais gerações passam a ser cada vez mais influenciadas pela geração *Millennial*².

Aqui apresenta-se uma distinção entre a representação do brasileiro em geral e a representação da imigrante brasileira no país, pelos *media* (Ferin, 2006b). Enquanto uma apresenta a cultura brasileira, o samba e a bossa nova, a outra apresenta uma imigrante brasileira sem oportunidades, sem escolaridade e possivelmente em condições insalubres de vida (Ferin, 2006b). Ambos são estereótipos em extremos opostos e funcionam como um balizador da construção dessa imagem de quem é o brasileiro e quem é a mulher brasileira. Percebe-se que a audiência no meio televisivo se focaliza mais no género feminino enquanto a

² Fonte: https://www.pwc.com/en_M1/m1/services/consulting/documents/millennials-at-work.pdf

audiência da mídia impressa no género masculino (OberCom, 2013). Essas construções das imagens dos brasileiros associadas ao cenário mediático português acrescentam um outro factor de análise para a repercussão e impacto de estereótipo.

Entre os brasileiros residentes fora do país, aproximadamente 54% são mulheres; independente do género, a maioria encontra-se entre a faixa etária entre 20 e os 34 anos de idade (Censo Demográfico 2010, 2011). Portugal é o 2º destino de preferência dos brasileiros com 13,4% da parcela de imigrantes. Em 2003, o “Acordo Lula” que permitiu imigrantes brasileiros em situação ilegal se regularizassem, enquanto os laços entre Brasil e Portugal foram estreitados.

Por meio das entrevistas *on-line*, percebeu-se que o imigrante brasileiro que vem a Coimbra para ocupar-se com estudos já passou por um processo de adaptação a migração interna ou externa. Possui família que imigrou e retornou ao país de origem ou permaneceu no país de acolhimento. Quando esse estudante brasileiro não possui tal experiência acaba por possuir familiares que os têm. Em geral, possuem laços fortes com os familiares. Procuram melhores condições de estudo e são em maioria mulheres.

Dentro dos muros da universidade percebe-se que há uma distinção feita entre os estudantes. Porém, em termos académicos ela só se apresenta quanto a flexibilidade para aplicação dos exames, nunca no discurso sobre distinção na avaliação. O que mostra uma adaptação da universidade receptora para as condições do estudante imigrante em adaptação. Entretanto, a temporalidade dos estudantes brasileiros apresenta uma questão a ser tratada tanto dentro quanto fora dos muros da universidade. Pois, a adaptação aos novos códigos e ritos pode não ocorrer no período esperado. O que resulta em colisão de expectativas, visões sobre o Outro, choques comportamentais e diversos tipos de preconceitos e dá ênfase a estereótipos. Os estudantes brasileiros são, na sua maioria, transnacionais, com senso de comunidade que se expande para além das fronteiras brasileiras em busca de uma melhor qualidade de estudo e oportunidades para mostrarem seu trabalho.

Com este cenário, percebeu-se que a repercussão da campanha proferida pela “Lista Reset à AAC” obteve resultado dentro e fora de Portugal, especificamente nos *media* brasileiros, cujo público possui um consumo maior pelos tipos de conteúdos noticiosos e de artefactos pessoais. Tanto as notícias quanto os

artefactos pessoais com tema de conteúdo relativo a preconceito/xenofobia fazem referência à campanha proferida pela mesma. Assim como os itens de reportagem, opinião e editorial. Especificamente os tipos de conteúdo relativos aos artefactos pessoais acabam por variar entre preconceito/xenofobia, estilo de vida e condições de estar do imigrante. Percebe-se que muitas das imagens apresentadas pelo buscador *Google* são relativas à campanha da “Lista Reset à AAC”. Essa repercussão foi possível por haver um público que ansiava o debate de tais questões, o que pôde ser confirmado por meio dos relatos apresentados dos estudantes brasileiros entrevistados.

BIBLIOGRAFIA

Achúcar, H. & Bustamante, F. (1996); *MERCOSUR, intercambio cultural y perfiles de un imaginario*. In: Garcia Canclini, G. (coord.); *Culturas en globalización, América Latina, Europa, Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad.

Adolpho, C. (2011); *Os 8 Ps do Marketing Digital – O guia estratégico de marketing digital*. São Paulo: Novatec Editora.

Appadurai, A. (1996); *Modernity at large: cultural dimensions of globalisation*. Minnesota: University of Minnesota Press. Vol. I, 27-47.

Baudrillard, J. (2011); *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70.

Barbalho da Cruz, A.L.R. & Pereira, M.R.M. (2009); *Ciência, identidade e quotidiano. Alguns aspectos da presença de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra, na conjuntura final do período colonial*. Coimbra: Revista de História da Sociedade e da Cultura, Nº 09, p.205-228.

Buarque de Holanda, S. (1994), *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

Cuche, D. (2002); *A noção de cultura nas ciências sociais*. trad. Riberido, V. Bauru: EDUSC.

Canclini, N.G. (1995); *Consumidores y Ciudadanos – Conflictos multiculturales de la globalización*. México, D.F.: Editorial Grijalbo.

Cardoso, G. (2005); *Sociedades em Transição para a Sociedade em Rede; p.31-61*.

Castells, M. & Cardoso, G. (2005) (org.); *A Sociedade em Rede – do conhecimento à acção política*; Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

Castells, M. (2005); *A Sociedade em Rede: do conhecimento à política*; p.17-30.
Castelo, M. & Cardoso, G. (2005) (org.); *A Sociedade em Rede – do conhecimento à acção política*; Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

DaMatta, R. (1997); *Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Rocco.

_____, (1986); *O que faz o Brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro, Editora Rocco.

Deleuze, G. & Guattari, F. (2000); *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34.

Dijk, A.v.T. (2002), *The interdisciplinary study of news as discourse: A handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication research*. In: Jensen, K. B. (2002) & Jankowski (Edts.), London and New York.

Ferin, I.C., (2012); *The Portuguese Postcolonial Migration System: a qualitative approach (Portugal)*. In: Cogo, D. et al. (eds); *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Barcelona: Instituto de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona.

_____, (2014); *Famílias Brasileiras em Portugal: um retrato social*. In: Matos, R. (Coord.); *Género, Nacionalidade e Reclusão – Olhares cruzados sobre migrações e reclusão feminina em Portugal*. Porto: Universidade Católica Editora.

_____, (2006a); *Imaginários em confronto: as brasileiras e a televisão em Portugal*. In: Ferin, I.C. (coord.); *A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção*. Lisboa: Bond, Quimera Editores.

_____, (2006b); *Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão*. Lisboa: Comunicação & Cultura, Nº 1, p. 73-97.

Filho, W., (2006); *Imigrantes brasileiros – imagem, tendências estéticas e dinâmicas de representação de diferentes grupos sociais no jornalismo televisivo português no*

ano de 2004. In: Ferin, I.C. (coord.); *A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção*. Lisboa: Bond, Quimera Editores.

Giddens, A. (2001); *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hall, S. (1980); *Cultural Studies – Two Paradigms*; Media; Culture and Society. Londres: SAGE Publications; 2; 57.

Hall, S. (1980); *Encoding/Decoding*; In: Durham, M. & Kellner, D. (eds), *Media and Cultural Studies: Keywords*. Oxford: Blackwell Publishing, p. 163-173.

_____. (2003); *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. Humanistas e UFMG.

Jensen, K. B. (2002); *Introduction: the qualitative turn*; A handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication research. In: Jensen, K. B. (2002) & Jankowski (Edts.), London and New York.

Lang, K. Lang, G. E. (2002), *Studying events in their natural settings*. A handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication research. In: Jensen, K. B. (2002) & Jankowski (Edts.), London and New York.

Martin, H. (2000); trad. Stein, E. *Conferências e Escritos Filosóficos*. CIDADE: Nova Cultura.

_____, (2012); trad. Carneiro Leão, E. *et al.*; *Ensaio e Conferências*. CIDADE: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco.

Moragas, M. (1996); *MERCOSUR, intercambio cultural y perfiles de un imaginario*. In: Garcia Canclini, G. (coord.); *Culturas en globalización, América Latina, Europa, Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad.

Morley, D. (2001); *Belongings: Places, spaces and identity in a mediated world*. European Journal of Cultural Studies. Lisboa: SAGE Publications; 4; 425.

Morley, D. & Silverstone, R. (2002); A handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication research. In: Jensen, K. B. (2002) & Jankowski (Edts.), London and New York.

Nietzsche, F. (2010). *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*. Org. e trad. Moraes Barros, F.R. São Paulo: Hedra.

Nietzsche, F. (2012). *O Nascimento da Tragédia*. trad. Guinsburg, J. São Paulo: Companhia de Bolso.

Nietzsche, F. (2011). *Sobre a Verdade e a Mentira*. Org. e trad. Moraes Barros, F.R. São Paulo: Hedra.

Ortiz, R. (2001). *A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Parmênides (2009); trad. Trindade Santos, J.; *Da Natureza*. Rio de Janeiro: Edições Loyola.

Parker, R. (2009); *Bodies, Pleasures, and Passions – Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Platão (2000); trad. Corvisieri, E.; *A República*. CIDADE: Nova Cultura.

Platão (2010); trad. Nogueira, A.M. & Boeri, M.; *Teeteto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Portes, A. (2004); *Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante*; Revista Crítica de Ciências Sociais, 69: 73-93. CIDADE: EDITORA.

Portes, A. Guarnizo, E.L.; Landolt, P. (1999); *The Study of Transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field*; Ethnic and Racial Studies; 22; 2: 217-237. CIDADE: EDITORA.

Roncagliolo, R. (1996); *MERCOSUR, intercambio cultural y perfiles de un imaginario*. In: Garcia Canclini, G. (coord.); *Culturas en globalización, América Latina, Europa, Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad.

Sousa, B. (2013); *Pela mão de Alice – O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Coimbra: Almedina.

Tubella, I. (2005); *A Televisão e Internet na Construção da Identidade*; p.281-289. Castells, M. & Cardoso, G. (2005) (org.); *A Sociedade em Rede – do conhecimento à acção política*; Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

Tuchman, G. (2002); Qualitative methods in the study of news; In: A handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication research. In: Jensen, K. B. (2002) & Jankowski (Edts.), London and New York.

Vermeulen, H. (2001); *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*; Lisboa: Edição Colibri.

INTERNET

Alves, E. et al. (2011). *Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010*. Revista Política Agrícola, Ano XX nº2, p.80-88. Disponível em: <<www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/910778/1/Exodoesuacontribuicao.pdf>>. Acessado em Jul. 2015.

Amaral et al. (2008); *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em Comunicação Digital*. Curitiba: Cadernos da Escola de Comunicação, 06: 1-12. Disponível em: <<<http://revistas.facbrasil.edu.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/viewFile/60/59>>>. Acessado em Jul. 2015.

Amaral *et al.* (2008); *Blogs: Mapeando um objeto*. VI Congresso Nacional de História de Mídia, GT História de Mídia Digital. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 113 a 16 de maio. Disponível em: << <http://www.raquelrecuero.com/AmaralMontardoRecuero.pdf>>>. Acessado em: Set. 2015.

Brasileiros no Mundo (2015). *Censo IBGE estima brasileiros no mundo em cerca de 500 mil*. Ministério das Relações Exteriores, Brasília: 11 Jul. 2015. Disponível em: << <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impresao>>>. Acessado em: Jul.2015.

Cardoso, G. *et al.* (2013). *Anuário de Comunicação 2012-2013*. Lisboa: OberCom. Disponível em: << http://www.obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=anuario_13.pdf>>. Acessado em: Jan. 2015.

Censo Demográfico 2010, (2011). *Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>>. Acessado em: Jul. 2015.

Creative Europe Programmes, (2013). Disponível em: <<<http://ec.europa.eu/programmes/creative-europe/>>>. Acessado em: Jul. 2015.

Corrêa, M. (1996); *Sobre a invenção da mulata*. Cadernos Pagu; 6-7; 35-50. Núcleo de Estudos de Género Pagu, UNICAP. Disponível em: << <http://www.pagu.unicamp.br/en/raca-genero-1996-67>>>. Acessado em: Out. 2014.

Desai, M. *et al.* (2002); *Measuring the Technology Achievement of Nations and the Capacity to Participate in the Network Age*; Journal of Human Development, Vol.3 Nº 1, p.95-102. Disponível em: << <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/apcity/unpan014340.pdf>>>. Acessado em: Ago. 2015.

Dossiê Universo Jovem MTV (2012). *Dossiê Universo Jovem MTV 5 – Screen Generation*. Disponível em: << http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf>>. Acessado em: Jul. 2015.

Ferin, I.C., (2003); *A Revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal*. Cadernos Pagu;21; 39-73. Núcleo de Estudos de Género Pagu, UNICAMP. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a04.pdf>>>. Acessado em: Out. 2014.

Ferin, I.C., (2008); *Estar em Casa: Os Media entre a Globalização e a regionalização*. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: << <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-0257-1.pdf>>>. Acessado em: Ago. 2015.

Ferin, I.C. & Santos, C.A. (2004); *Análise de Imprensa e de Televisão*. In: *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Disponível em: << <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/imprensa.pdf>>>. Acessado em: Jan. 2015.

Ferin, I.C. & Santos, C.A. (2006); *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Disponível em: << http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo_OI_19.pdf>>. Acessado em: Jan. 2015.

Filho, W., (2008); *Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português 2004-2006*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Disponível em: << http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_19.pdf>>. Acessado em: Out.2014.

Fonseca, F. T. (2007); *The Social and Cultural Roles of the University of Coimbra (1537-1820). Some considerations*. Providence: e-Journal of Portuguese History, Vol. 05, N° 01. Disponível em: << <https://www.brown.edu/Departments/>>>

Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue9/html/ffonseca_main.html>>. Acessado em: Mai. 2015.

Prostituição brasileira em Bragança faz capa na “Time”. Disponível em: << <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/prostituicao-brasileira-em-braganca-faz-capa-da-time-1170625>>>. Acessado em: Ago. 2015.

Martin, H. (2012); trad. Drucker, C. & Gollnick, S.; *A Doutrina de Platão sobre a Verdade*. Disponível em: <<www.imagomundi.com.br/filo/heidegger_verdade.pdf>>. Acessado em: Jul. 2015.

Mercosul, (2015). Disponível em: << <http://www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercosul>>>. Acessado em: Jul. 2015.

PWC (2011); *Millennials at work – reshaping the workplace*. PriceWaterhouseCoopers Inc. Disponível em:<< https://www.pwc.com/en_M1/m1/services/consulting/documents/millennials-at-work.pdf>>. Acessado em: Set. 2015.

Morley, D. (2001); *Belongings: Place, spaces and identity in a mediated world*. European Journal of Cultural Studies. Londres: Sage. Disponível em: << ecs.sagepub.com/content/4/4/425.abstract>>. Acessado em: Jul. 2015.

Número de pessoas com acesso à Internet no Brasil chega a 105 milhões. Disponível em: << <http://www.ibope.com/pt-br/noticias/paginas/numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-brasil-chega-a-105-milhoes.aspx>>>. Acessado em Ago. 2015.

Orozco, G. (2001); *Audiencias, televisión y educación: una deconstrucción pedagógica de la <<televidencia>> y sus mediaciones*. In: Reformas educativas: mitos y realidades. Revista Ibero Americana, N°27, p.155-175. Disponível em: << <http://www.rieoei.org/rie27a07.PDF>>>. Acessado em: Ago. 2015.

Serviço de Estrangeiros e Fronteira (2013). *Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo*. Serviço de Estrangeiros e Fronteira. Disponível em: << http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf>>. Acessado em Jul.2015.

_____ (2010). *Migração Temporária e Circular em Portugal: factos, políticas e estratégias*. Rede Europeia das Migrações. Disponível em: << http://rem.sef.pt/PagesPT/DocsPT/EstudosNacionais/2010_migracao_temporaria.pdf>>. Acessado em: Jul. 2015.

_____ (2007). *Relatório Anual sobre Estatística do Asilo e Migração em Portugal*. Rede Europeia das Migrações. Disponível em: << http://ec.europa.eu/dgs/home-affairs/what-we-do/networks/european_migration_network/reports/docs/migration-statistics/asylum-migration/2007/21b_portugal_annual_report_on_asylum_and_migration_statistics_2007_version_19oct09_pt.pdf>>. Acessado em Jul. 2015.

_____ (2004). *O Impacto da Migração nas Sociedades da Europa: O caso Português*. Serviço de Estrangeiros e Fronteira, Ministério da Administração Interna. Disponível em: << http://www.sef.pt/documentos/56/VersaoFinal_OImpactodalMigracaonasSociedadesdaEuropav1Port.pdf>>. Acessado em: Jul. 2015.

Tratado de la Unión Europea, (1992). Disponível em: <<http://europa.eu/eu-law/decision-making/treaties/pdf/treaty_on_european_union/treaty_on_european_union_es.pdf>>. Acessado em: Jul. 2015.

Valladares, L. (2007); *Os dez mandamentos da observação participante*. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 22, nº63. Disponível em: << http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012>>. Acessado em: Ago. 2015.